CONDESTÁVEL
D. PEDRO DE PORTUGAL

TRAGÉDIA
DE LA INSIGNE REINA DOÑA ISABEL

2.ª edição
REVISTA E PREFACIADA

POR

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

TRAGÉDIA
DE LA INSIGNE REINA
DOÑA ISABEL

CONDESTÁVEL
D. PEDRO DE PORTUGAL

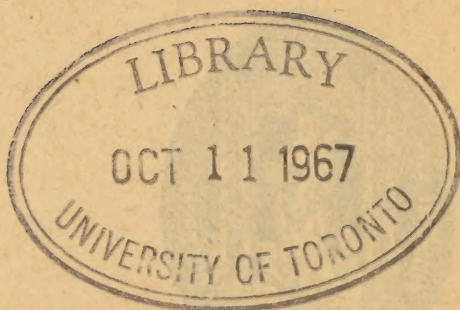
TRAGÉDIA
DE LA INSIGNE REINA DOÑA ISABEL

2.ª edição
REVISTA E PREFACIADA

POR

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares,
numerados e rubricados.

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

O modesto estudo que hoje se reimprime, relativo a uma só das três obras principais de um príncipe da Inclita Geração, foi escrito há mais de três decénios, afim de servir de contribuïção para a *Homenagem* literária que ao insígne Menendez y Pelayo prestavam eruditos nacionais e estrangeiros no vigésimo ano do seu professorado (1).

Se agora se reproduz, sem alterações, não é porque me faltem materiais para o alargar e aprofundar. Pelo contrário, êles são tantos e tais que é indicado reservá-los para uma edição

(1) *Homenage á Menendez y Pelayo en el Año vigesimo de su Profesorado.* Estudios de Erudicion Española con un Prologo de D. Juan Valera. Madrid 1899, 2 voll. —Vol. 1, p. 637–722 : *Uma Obra Inedita do Condestável D. Pedro de Portugal.*

completa das *Obras do Condestável D. Pedro de Portugal* — elos importantes na história da cultura intelectual portuguesa, no século xv. Prelúdios do Renascimento, ainda medievais, mas tanto em erudição como artísticamente superiores aos do Regente, seu pai, e os reis D. Duarte e D. João I, mesmo do ponto de vista nacional, embora redigidos em castelhano.

Para melhorar pelo menos num ponto esta nova impressão da *Tragédia da Rainha D. Isabel,* inédita até 1899, juntei-lhe em *Apêndice* três documentos preciosos: o *testamento* do Português que, como filho de D. Isabel de Aragão (Urgel), chegara a ser Rei dêsse estado *(Intruso,* para todos aqueles Catalães que não se haviam revoltado contra D. Juan II); o *Catálogo* da livraria que trouxera de Portugal e Castela e fôra juntando em Barcelona, nos três anos do seu reinado; e a *lista* das moedas que coleccionara. Para estudos bibliográficos e de bibliofilia ou arte de coleccionar livros (e, na minha opinião, da arte ainda mais importante de os lêr) encerra o

Catálogo subsídios valiosos, se conferirmos os títulos das obras que o Condestável possuía com a erudição que manifesta na *Tragedia,* na *Satira de felice e infelice Vida,* e no *Menosprezo das cousas do Mundo.*

Estava patente, de havia muito, quando pela primeira vez me ocupei do nobre coleccionador e *ledor*, a publicação de D. Andres Balaguer y Merino, em que os três documentos saíram (1), mas não frutificara abundantemente, por de pressa se haver tornado raro. Creio que nem mesmo lhe foi feito justiça pelos sócios do *Instituto* de Coimbra, aos quais fora dedicado «por cultivarem con tanto amor las ciencias y las letras portuguesas».

O único escritor que com entusiásmo e saber explorou o rico manancial, claro que foi, — como em todas as questões — o reconstrutor da litera-

(1) Foi em 1881 que saíram em Gerona no opúsculo intitulado *El Condestable de Portugal considerado como escritor, erudito y anticuario* (1429-66). *Estudo histórico bibliográfico.* Separata da *Revista de Ciencias Historicas de Barcelona*, vol. II.

darão trabalho a quem empreender as verificações.

Nem todos os manuscritos eram propriedade de D. Pedro. Vários estavam na sua posse apenas temporàriamente, para que mandasse tirar traslados. Predominava a literatura latina. Incluindo as *Bíblias* e Breviários e as obras patrísticas e filosóficas medievais, há 61 na língua do Lacio, contra 36 em vulgar. Entre essas as portuguesas tem naturalmente interêsse particular, como deixei dito numa nota do texto.

A proveniência deles, e todos os mais problemas talvez os solucione o investigador que proficientemente está a tratar da erudição de Zurara (ou Azurara).

O testamento, *saldo de amor e consciencia*, como com inteira razão o chamou Balaguer, já extractado por Zurita nos *Anales de la Corona de Aragon*, y por Bofarull na sua *Historia critica civil y eclesiastica de Cataluña* (tomo VI), encontra-se num *Libro-coleccion de documentos referentes á D. Carlos Principe de Viana* (f. 109), onde

lhe foi dado pelo Arquivero Pedro Miguel Carbonell (1434-1517) o título *Testamentum domini Petri de Portugalia asserentis se regem Aragonum esse qui tyranice in principatu Catalonie presidebat.*

O *monetario* adquirira-o com outros objectos e alguns livros (mas de modo algum a maior parte da sua bibliotéca) no leilão do espólio do Príncipe de Viana, de cujo filho se lembra com carinhoso afecto na sua última vontade.

Pôrto, Agôsto de 1922.

C. M. DE V.

I

INTRODUÇÃO

O manuscrito original do opúsculo quatrocentista que agora sai à luz, após séculos de ignorada reclusão, é o único exemplar de que temos notícia. Pertence à preciosa livraria de um dos mais distintos bibliófilos lisbonenses, prematuramente falecido em 1896.

Numa das salas da formosa estância que a encerra, a inscrição *Deliciæ juventutis meæ* revela, com que paixão pungentemente saùdosa o espírito generoso e culto de FERNANDO PALHA se lembrava, depois de colhido pela engrenagem política, dos tempos felizes em que, *cum libello in angello,* ia arrancando a vetustos pergaminhos e papéis amarelecidos os segredos do passado, para em seguida expôr, em frase burilada, verdades históricas apuradas com critério lúcido.

A medida do que teria sido capaz de empreender, historiador de ampla envergadura e artista esmerado, deu-a ao tracejar a análise psicopática de D. Jaime de Bragança (1); ventilando a questão dos corsários franceses, que perturbou o reinado de D. João III (2), e

(1) *O casamanto do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança,* Lisboa, 1881.

(2) *A carta de marca de João Ango.* Lisboa, 1882.

fazendo resurgir em todo o seu vigor a nobre e altiva figura do Conde de Castelo-Melhor (1).

Bibliófilo, no sentido verdadeiro da palavra, não procurava livros e manuscritos para como avarento os aferrolhar. Regozijava-se de os tornar conhecidos pelo seu próprio trabalho. E quando já desistira da esperança de os utilizar literàriamente, comprazia-se em mostrá-los a amadores que soubessem apreciar o seu justo valor.

Bastou ouvir um dia — em Maio de 1890 (2) — da admiração e do carinho que eu dedicava à gloriosa dinastia de Avis, (tomando parte activa, embora muito modesta, com subsídios históricos e literários, na obra-prima de Oliveira Martins, para a qual tivera a felicidade de lançar os primeiros germens, inconscientemente); bastou conhecer o meu plano de editar o que resta das obras do Regente, e do Condestável, seu filho, para me confiar espontâneamente o seu tesouro, pondo à minha disposição, além disso, todos os materiais já colhidos (3), com gentileza tal que transformou o aceitar num prazer efectivo.

Decorreu desde então quási um decénio. Ao cabo dos primeiros dois anos a minha edição das Obras do Condestável estava muito adiantada e anunciada no bosquejo de literatura portuguesa que faz parte do

(1) *O Conde de Castel-Melhor no exílio.* Lisboa, 1883.

(2) A correspondência que trocámos, as entrevistas que tivemos, e a minha visita à esplêndida livraria, tudo recai nos dias 24 a 27 de Maio.

(3) Recebi o original, emprestado; cópia da *Tragédia*, acompanhada de uma fotografia e cromogravura da primeira página do códice; cópia da *Sátira* e de um *Conselho do Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, a El Rei D. Afonso V.* Não aceitei o precioso trabalho de Balaguer y Merino que já possuía.

grande *Manual* de Groeber (1). A inesperada publicação, parcial, em Espanha, de um dos três poemas do Condestável (2) tornou-a todavia inoportuna. Posteriormente, o desejo do amável bibliófilo lisbonense, pùblicamente enunciado, postergou ainda a realização do projecto.

Um estudo pormenorizado sôbre as duas obras mais antigas do príncipe português — a *Satyra* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo* — ùltimamente saído das mãos do sábio catedrático a quem amigos e discípulos consagram êste volume (3), determinou-me a apresentar-lhe, em edição provisória, a parte inédita, por êle mencionada com certa curiosidade, feliz de ter ensejo para mais uma vez lavrar em público o protesto da minha saùdosa gratidão pela rara liberalidade de Fernando Palha.

II

DESCRIÇÃO DO CÓDICE (4)

O manuscrito mede 220 × 114^{cm}; Tem 80 fôlhas de pergaminho muito fino e muito branco, coordenadas

(1) Gustav Gröber, *Grundriss der Romanischen Philologie* (II, Band., 2 Abteilung, p. 129-381): *Geschichte der portugiesischen Litteratur von Carolina Michaëlis de Vasconcellos und Theophilo Braga.* — São dedicadas ao Condestável as p 259-264 (§ 102). — Veja-se p. 264, nota 2, e ainda 135, 232, 247 e 249.

(2) *Bibliófilos Españoles,* vol. XXIX. Opúsculos literarios de los siglos XIV a XVI. — É a *Satira de felice e infelice vida* que o Senhor D. António de Paz y Melia publicou aí.

(3) *Antologia de Poetas Liricos Castellanos,* tomo VII, p. CX-CXXXII.

(4) No Catálogo da livraria de Fernando Palha, a *Tragédia* vem descrita sob o n.º 784.

em 8 cadernos. No fim de cada um lê-se *a deixa* para o caderno seguinte. Na margem inferior subsistem restos dos antigos sinais de registo. Como de costume, a marca compõe-se de letras (*a* até *h*), acompanhadas de algarismos, ora romanos, ora árabes (1 a 5) (1). Cada uma das páginas conta 17 linhas, preenchidas completamente só quando apresentam prosas; e neste caso com 30 caracteres, termo-médio. Oferecendo poesias em metro de arte maior, encerram em geral uma única estrofe, de 8 ou 9 versos. Algumas páginas há que contém duas coplas, em versos de redondilha, de 8 a 12 linhas (2).

A letra gótica é nítida. As iniciais das estrofes e os princípios dos capítulos são de côr, alternando ouro com azul. A primeira página é iluminada. Tem uma larga cercadura a côres, realçadas com toques de ouro, composta de flores, frutos, aves e ramagens, nas quais alguns macacos, ou melhor, os legendários homens dos bosques, se entregam a exercícios ginásticos. Ao fundo da página, trajando as vestes e cingindo a corôa de uma raínha do século XV, mas com grandes àsas descaídas que indicam o seu poderio sobreumano, vê-se uma figura feminil, de olhos vendados, sentada numa ampla mas singela cadeira de espaldar. Nas mãos segura um escudo, com as armas de Portugal sôbre a cruz de Avis e o banco de pinchar dos Infantes. Os pés descansam sôbre a *volante e tenebrosa* roda simbólica, em cujo aro aparecem inscritas duas vezes as palavras: *Paine pour ioie.*

No meio da cercadura, começando com letra iluminada, lê-se: *Prologo al muy jnclito y muy honesto y*

(1) No Caderno I só encontro *a iiij*, no IV° falta *d2* e *d3*.

(2) Cf. fl. 44-48 e 67-69.

loable varon Jayme Cardenal de sant estacio fecho por el su mayor hermano. Era millesima quadragentesima nona. Segue imediatamente com maiúscula, também iluminada, a carta-dedicatória que ocupa três fôlhas e meia. O verso da 4.ª está em branco. Na 5.ª principia a obra, continuando sem interrupção até rematar na 80.ª, com o seguinte colofon: *Loado Dios fenesce bienaventuradamente la tragedia de la insygne reyna doña Isabel,* ministrando o título que falta no frontispício. A penúltima finda com a fórmula *ante la muerte.*

Há fôlhas de guarda dúplices, de papel, no princípio e no fim. No verso da primeira um dos últimos possuïdores do códice inscreveu o seu nome, em caracteres modernos [*Saraiva*].

A encadernação, evidentemente antiga, é de bezerro liso acastanhado, sem fechos. O corte é vermelho. Na lombada distinguem-se três travessões. Entre o 2.º e o 3.º puseram o dístico em três linhas: DIAL. | A. D. | JAIM. | O artista incumbido dêsse trabalho, creio que no século XVI, cerceou o pergaminho mais do que fôra para desejar. Do registo do 1.º caderno deixou subsistir apenas um tenue vestígio na 4.ª fôlha *(a iiij),* e na margem inferior da primeira, restos de um nome. Provàvelmente o de um dos primitivos possuïdores. Eu distingo *Math... lacerda.*

Contra a pasta da frente está colado interiormente um *Ex-Libris,* de Fernando Palha. Quando tive o gôsto de o examinar, ainda faltava a indicação da *Est.* e do *N.º*

O *scriptor* empregou as abreviaturas ordinárias. Freqüentes vezes emendou erros cometidos, riscando o supérfluo, e acrescentando à margem palavras omissas. Ainda assim deixou subsistir dois, de alguma gravi-

dade: Saltou na indicação da era por cima dos *decennios*, não sem sinalizar o lapso por meio de um colchete. E encabeçou a *oitava* e última prosa com a epígrafe: *Prosa Novena.*

Um ledor guarneceu algumas letras de arabescos e acrescentou algumas rubricas às poesias, imitando a letra gótica (1). Ignoro se o fez arbitràriamente, ou porque colacionasse o nosso exemplar com outro mais completo, quer fôsse o original, quer um traslado. Inclino, porém, para a primeira hipótese. ¿ Seria também um dos possuídores? Alguém poderia imaginar ter aí autógrafos do Condestável. Em dois sítios um ocioso, semi-analfabeto, se atreveu a fazer exercícios de cursivo.

A ortografia, cheia de desigualdades e contradições, não brilha pela parcimónia sistemática que caracteriza o *Cancioneiro da Ajuda.* Ostenta, muito pelo contrário, o estilo *flamejante* dos fins do século XV. A letra *x* em lugar de *s,* diante de consoantes, é uma das suas peculiaridades; além disso, a usual confusão entre *s, ç* e *z*.

III

HISTÓRIA DO CODICE

As vicissitudes pelas quais o códice passou de 1459 até princípios dêste século, são totalmente ignotas. Apenas há margem para conjecturas. Podemos supor que o elegante in-4.º, originàriamente propriedade de

(1) São as que vão entre parênteses a fl. 17, 17 v., 18 v., 20, 20 v. e 68 v.

um dos varões da estirpe de Avis, correu nos primeiros tempos de mão em mão (duas ou três das quais deixaram a sua marca no códice, conforme já mostrei) e que posteriormente se conservou bem escondido, em severa reclusão, graças à qual chegou até nós quási intacto, na sua pristina beleza.

Fernando Palha jactava-se, cheio de íntima alegria, não só de possuir um exemplar *único*, mas até o mesmo que fôra de mão e uso do desgraçado filho do vencido de Alfarrobeira, circunstância que comunicava, aos olhos dêle e de todo o amador, requintes de poesia sugestionante ao raríssimo volume.

Não contesto que a idea possa ser verídica. Há factos que falam a seu favor. Mas também surgem considerações que lhe são adversas.

É sabido que o príncipe português, que se apelidou durante três anos incompletos *Rei de Aragão, de Sicília, de Valença, das Maiorcas, de Sardenha e de Corsega* e *Conde de Barcelona,* resguardava, em arcas e caixas do paço episcopal onde residiu na capital da Catalunha, desde 31 de Janeiro de 1464 a 29 de Junho de 1466, além de uma importante colecção de moedas e medalhas, 97 códices que constituíam a sua biblioteca. Entre êles havia um exemplar da *Tragédia,* se as aparências não enganam. Isso consta do inventário (1), começado dias depois de o vencido em Granollers ter sucumbido à doença que o prostrava, minado por desgostos e vítima do seu amor pela pátria adoptiva. Nêsse interessante documento (2), o volume que Fernando Palha pretendia identificar com o seu, leva o

(1) Levou duas semanas: 30 de Junho até 12 de Julho.

(2) Publicado *integralmente* por Balaguer y Merino, no precioso opúsculo *D. Pedro el Condestable de Portugal.* Gerona, 1881.

número de ordem n.º 60, e vem descrito do seguinte modo:

Item, altre libre petit, scrit en pergamins, en vulgar castellá, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, sens gaffets. E comença: PROLOGO AL MUY INCLITO, *etc. E feneix en la penultima carta* á los morta.

Como se vê, os dizeres do amanuense são pouco explícitos e pouco exactos. Não copia a epígrafe inicial por completo, nem fala do colofon final que encerra o titulo. *A los morta* por *ante la muerte* a fl. 79 v. do MS. (1) deve ser um dos numerosos erros e descuidos que se notam no Catálogo. Em todo o caso não há motivos para duvidar que a descrição se refere a um exemplar da *Tragédia,* o qual levava no princípio a carta-dedicatória a D. Jaime, tal qual o códice que hoje se publica (2).

Pena é sòmente que a frase relativa à encadernação

(1) Naquele valiosíssimo documento, assentaram por via de regra a palavra final da penúltima folha; só raras vezes a rúbrica ou o trecho final.

(2) Parece que na posse do Condestável se achava, além da *Tragédia,* ainda outra das suas obras, faltando a terceira. O in-fólio pequeno n.º 82, *en vulgar castellá e glosat,* luxuosamente encadernado com as armas de Portugal, Aragão, Urgel e Inglaterra, e guardado num estojo especial, apresentando na capa em letras de ouro o título *Satyra de contento del mundo*, podia ser tanto a *Satyra de felice e infelice vida* como as coplas geralmente chamadas *Do menosprezo do mundo*, a não ser que o mesmo volume abrangesse, como penso, ambas as composições: a *Satyra* e *De contento del mundo.* E talvez ainda outros tratados, porque nem na *Satyra* nem nas *Coplas* encontro a fórmula *de la luz con el*, ou outra parecida, com a qual remata a penúltima fôlha. — Balaguer, que não conhecia a *Satyra* pensou nas *Coplas* (p. 32, nota 1.ª).

não condiga em absoluto com a realidade. Vermelha e lavrada em Barcelona, vi-a em Portugal acastanhada e lisa. Ainda assim, talvez a capa primitiva fôsse substituída mais tarde por outra. O cerceado do pergaminho na margem do fundo, a que me referi no capítulo anterior, e a inscrição do nome *Math... lacerda* na primeira lauda, em letra que não é coeva do Condestável, podia ser invocada em apoio dessa explicação.

¿ Mas quem nos diz que o exemplar privativo do autor era o único que êle mandara copiar dos seus borrões ?

Deixo de lado a questão, se qualquer treslado seria enviado a Castela, para o paço de D. Joana de Portugal e Henrique IV, em cuja primeira campanha andaluza o Condestável por ventura tomou parte ? (1). ¿ E também se, depois do seu passamento, na liquidação da herança, pias mãos, ou mãos interessadas, teriam mandado tirar outras reproduções, mais ou menos luxuosas ? (2). Mas na existência de duas cópias caligráficas não ponho dúvida: uma destinada a entrar em Florença, Perugia ou Roma no gabinete de estudo do seu gentilíssimo irmão, o Cardeal D. Jaime, ao qual se dirige no Proémio (3), a outra para a famigerada livraria do seu rei e senhor natural D. Afonso V. Se,

(1) A expedição à Veiga de Granada recai na primavera de 1455. Houve outras nos dois anos imediatos. O Marquês de Santillana, Mentor literário do Condestável, falecera em 1458: aliás seria justo pensar que êle também teria recebido um tributo de gratidão.

(2) O único manuscrito da *Satyra,* até hoje conhecido, foi escrito em Barcelona, ano de 1468, por mão do livreiro Cristovam Bosch, dois anos depois do falecimento do Rei Intruso.

(3) O joven Cardeal possuía *assaz cópia de livros,* no dizer do seu primeiro biógrafo, o Italiano Vespasiano da Bisticci.

durante o seu longo destêrro, tinha mandado de além fronteiras, perto de 1449, a *Satira* (as suas primícias literárias) à Raínha D. Isabel, e as *Coplas* (a segunda e importante tentativa), ao próprio D. Afonso, seu perseguidor, o repatriado não podia esquivar-se ao grato dever de lhe apresentar o último e melhor fruto dos seus estudos, ideado e começado ainda no exílio, segundo penso, mas concluído em terra lusitana, e consagrado de mais a mais a enaltecer a memória de sua irmã, a estremecida esposa do monarca.

Querer decidir qual dentre estes três supostos exemplares é o que hoje existe em Portugal, seria ridícula pretenção. *Habent sua fata libelli.* O do Condestável foi talvez vendido em Barcelona. No seu explícito testamento, belo saldo de amor e consciência, encarregou expressamente os executores das suas últimas vontades de venderem quanto fôsse preciso das suas joias, obras de ourivesaria, moedas, livros, panos de rás e mais preciosidades, em pró dos credores (1). Quanto ao volume destinado ao Cardeal D. Jaime, não há certeza que fôsse positivamente remetido à Itália. A morte, ceifando na primavera do próprio ano de 1459 (2) mais êsse ramo da árvore de Avis, bem pode ter pôsto embargos à execução do plano. O exemplar del Rei de Portugal teria mais probabilidades de ser idêntico ao que subsiste no país, se não fôsse o defeito na indicação da era, que não podia ser limpamente corrigido pelo calígrafo, por causa da escritura cerrada da pri-

(1) Balaguer, p. 51 (§ 36 do Testamento).

(2) A data indicada nas melhores fontes é 15 de Abril. Na *Hist. Gen. da Casa Real* vejo 15 de Agosto. Sôbre a inscrição tumular em S. Miniato de Monte Oliveto, a par de Florença, onde jaz o destinatário da *Tragédia*, veja-se p. 668.

meira página (1). Restos da biblioteca régia, instituída no paço por D. Afonso V, conservavam-se ali durante o reinado de D. João III. E estes restos, de que sei, são exactamente documentos da actividade literária da família reinante: um Vegecio, *em linguagem,* e um *De Officio* de Cícero, também em romance, ambos traduzidos pelo Infante D. Pedro (2). Imagino mesmo que o cronista de Afonso V conheceu e aproveitou a obra do Condestável. Confira-se a característica do Regente (3), esboçada por Rui de Pina, com a do nosso texto (fl. 9-12). Há aí frases e particularidades que parecem tiradas da *Tragédia* (4). E ainda possuo outra prova da existência do códice na côrte: uma

(1) Cf. *Grundriss,* p. 264. Em 1892 eu julgava que a *Tragédia,* já pronta antes da revocação do destêrro, e submetida ao soberano, actuára profundamente sôbre o seu coração, fazendo afinal pender a balança da justiça para o lado da clemência. E parecia-me também que um exemplar defeituoso não era digno de figurar na biblioteca dum rei. O êrro que se nota no exemplar de Fernando Palha pode, de resto, sugerir conjecturas diversas: que o Condestável guardaria para seu uso pessoal exactamente êsse formoso códice; ou que o daria de presente a um dos seus familiares e parentes, como D. Dinís, D. Fernando e D. Pedro de Portugal, ou a um servidor antigo, como Diogo de Azambuja, mandando tirar outros treslados mais apurados, tanto para si como para os personagens de alta jerarquia que desejava contemplar.

(2) O transmissor da notícia é João de Barros que teve ocasião de investigar a Bibliotéca Real, quando, sôbre as arcas da guarda-roupa de D. João III, ia escrevendo o seu Clarimundo. V. *Panegírico da Infanta D. Maria,* § 38.

(3) Crón. Afons., c. 125.

(4) Pina diz por exemplo: «*teve para todas as cousas horas certas e limitadas que nunca trespassou*». E no nosso texto lê-se: «*que la su vida con relox por ciertas horas a unas e a otras cosas deputadas reglava*».

cópia quinhentista, conservada na Biblioteca Real da Ajuda, e que descobri em 1890.

Mas seja como fôr: o belo exemplar gótico de Fernando Palha, com o seu introito iluminado, escrito, ou não, no próprio ano da redacção da carta — quer seja o que em 1466 se achava em Barcelona, quer outro enviado a D. Jaime, ou o del Rei de Portugal — foi muito provàvelmente manuseado pelo seu preclaro autor, antes da oferta a algum representante da casa de Avís.

De 1600 até ao 1.º quartel dêste século não encontro vestígio do códice. Apenas sei que fazia parte da biblioteca de *D. Fernando de Lima* quando, por duas vezes, pouco antes e pouco depois de 1818, dois eruditos investigadores, um nacional e outro estrangeiro, tiveram azo de o examinar detidamente e de formularem, em trabalhos literários de que logo direi duas palavras, o seu juízo a respeito do Condestável e da sua *Tragédia*. Após dois ou três decénios esta achava-se entre os livros de SARAIVA DE CARVALHO, passando em seguida como legado a MARIANO DE CARVALHO. Êste ligava pouca importância ao «velho alfarrábio», que ofertou a um seu amigo, apaixonado bibliófilo, mas homem de bem que não aceitou a dádiva.

O modo como Fernando Palha conquistou o pergaminho — creio que em 1883 ou pouco antes — em troca de 300 mil reis, já foi descrito com *verve* humorística por êle mesmo (1), quando em dias de crise e desconsôlo resolvera desprender-se das suas opulentas colecções, chegando a mandar imprimir com êste obje-

(1) No Jornal *Correio da Noite*, n.os de 3 de Maio e 2, 3, 8 e ainda 9 de Julho de 1895. Seguiu-se um *post-scriptum* de um anónimo *Velho*, no dia 10 do mesmo mês e ano.

ctivo, um catálogo da sua livraria (1), o qual, sem felizmente ter servido para o fim indicado, fica sendo um primoroso monumento e um subsídio de alto valor para os hispanizantes.

IV

DUAS PALAVRAS ACÊRCA DESTA EDIÇÃO

Entusiasmado com o achado da *Tragédia,* Fernando Palha começara a estudar o homem, com tenção de publicar o manuscrito e o mais que dêle encontrasse, tudo precedido por um estudo histórico e crítico. Quando a política veio roubá-lo ao amor dos antepassados «para o entregar ao ódio dos contemporâneos», segundo dizia, já tinha tirado *manu propria* cópia esmerada, com todo o rigor filológico, afastando-se do original ùnicamente em resolver as abreviaturas e regular a pontuação (2).

Pela minha parte, cotejei essa cópia com o original, estudando com cuidado peculiar as pouquíssimas palavras que lia de maneira diversa, e que por tanto podiam suscitar dúvidas e controvérsias (3), satisfeita quando vi aplaudidas todas as minhas leituras e interpretações

(1) *Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palha:* Lisbonne, imprimerie Libânio da Silva, 1896; 4 vol. in 4.º

(2) No original empregou-se um único sinal de pontuação, substituído por F. Palha por ponto final, sempre que seguia maiúscula, por virgula no caso contrário, e por um ponto de interrogação, onde o sentido o exigia.

(3) Mencionarei dois exemplos. A fl. 23 substitui *desêa* por *dexa;* e a fl. 21 v. li: *En esto estando... ahe-vos do vino.* Êste arcaico *ahe* por *eis* é pouco conhecido.

pelo meu amável anfitrião. Foi essa mesma cópia que serviu agora na tipografia. As modernizações a que procedi, consistem exclusivamente na introdução de alguns *pontos de exclamação,* e de longe em longe *ponto e vírgula,* onde me pareceu de vantagem para a compreensão do texto. Com fim igual emprego inicial maiúscula nos nomes próprios.

Penso que mal restarão aí escuridões para quem não fôr inteiramente hóspede na linguagem alatinada dos prosadores e poetas quatrocentistas, conhecendo as obras de Juan de Mena, do Marquês de Santillana, Gomes Manrique, Lucena e Juan Rodrigues del Padron, ou se houver ocupado com as outras composições do Condestável.

Ja falei da cópia que encontrei na Biblioteca da Ajuda, ainda antes de conhecer o original (1). É prova de que foi realmente tresladado sôbre o nosso códice, o êrro na data, que repete; assim como outros lapsos diversos (2). O anónimo Português ao qual a devemos, trabalhou cuidadosamente. Mas pouco prático no seu ofício, ou pelo menos fraco conhecedor do castelhano, crivou o texto de lusismos, escrevendo constantemente *mim* por *mi, assim* por *así, divida* por *debda, linhage* por *linaje, vezinho* por *vecino, levar* por *llevar, prazer, octavo, seitimo,* etc. As numerosas variantes que resultaram dêste proceder, são meras detur-

(1) Está num volume com uma tradução manuelina de Pompónio Mela: *La geografia j cosmografia de pomponio mela cosmografo, pasada de latin en romance por maestre Joan Faras bachiller ẽ artes e em mediçina fisico j sororgiano del muy alto Rey de Purtugall Don Manuell.* — Julgo-a inédita.

(2) O segundo engano: *Prosa Novena* por *Oitava* não foi repetido.

pações lingüísticas e ortográficas, ou em outros casos, erros de leitura que não merecem ser registados (1). Ainda assim obtive uma cópia diplomática, tirada a meu pedido por um diligente empregado daquele estabelecimento, ao qual os letrados portugueses devem valiosos serviços.

Os lusismos do próprio Condestável, ou do seu escrevente, são pouco numerosos (2). Durante o seténio do seu exílio tivera ócio suficiente para aprofundar os seus conhecimentos da língua castelhana.

V

OPINIÕES ENUNCIADAS A RESPEITO DA «TRAGÉDIA»

Nos artigos de Fernando Palha sôbre a *Tragédia* afirma-se que *nunca ninguém dera notícia da sua existência.* Só acrescentando: *em impressos portugueses* é que a asseveração sai verídica.

Já aludi a dois sábios que se ocuparam dela com justos louvores. Ambos desconheciam a *Satira,* cuja existência foi revelada muito mais tarde por Amador de los Rios. E ambos atribuíam as *Coplas do Menosprezo do Mundo* ao Regente, iludidos pela inexactidão de Garcia de Rezende como todos nós, até que D. José Maria Octávio de Toledo as restituíu ao seu verdadeiro

(1) A fl. 14 v. na *Prosa segunda* encontro *rodante* por *volante;* a fl. 38 v. *marinos* por *maritimos.*

(2) A fl. 67 temos por exemplo a rima *muerte conorte* e *conorte, forte, morte, sorte.* No *Metro* 4.º *tiniebras* (fl. 77 v.) é castelhano arcaico.

autor (1). É o primeiro o erudito e fértil António Ribeiro dos Santos, falecido em 1818 como Bibliotecário-mór da livraria de Lisboa, autor de uma importante memória *Das origens e progressos da poesia portuguesa,* que ficou inédita (2). Pouquíssimos curiosos a leram por tanto. No capítulo IV: *Da poesia portuguesa no século XV,* trata primeiro do Infante como suposto autor das *Coplas* e, num parágrafo digressivo, da *Tragédia* do Condestável, dando amostras dos versos. Transcrevo-o no fim dêste capítulo, sem acentuar os vários erros que contém, porque o leitor dêste ensaio os corrigirá fàcilmente.

Pouco depois um Alemão inteligente e consciencioso, dos poucos que investigaram as origens da lírica portuguesa, e que deu ainda a conhecer lá fora amostras da poesia popular desta nação, Christian Friedrich Bellermann, aproveitou, durante a sua estada em Lisboa (1818-1825), os manuscritos de Ribeiro dos Santos, recorrendo em seguida directamente ao original (3). Não traduziu nem transcreveu trecho algum, certamente por não querer engastar textos castelhanos num escrito dedicado à literatura portuguesa. Em compensação, dá alguns leves traços biográficos do autor, e uma curta mas bem feita análise da *Tragédia,* caracterizando o assunto, o andamento e o valor filosófico dos conceitos do Condestável.

Para os peninsulares as páginas de Bellermann ficaram letra morta — facto que o ilustre historiador da

(1) *Revista Ocidental,* 1.º ano (1875), tomo II, p. 295.

(2) Bibl. Nac. de Lisboa, vol. XIX, das *Obras manuscritas* de RIBEIRO DOS SANTOS.

(3) *Die alten Liederbücher der Portugiesen,* Berlin, 1840, p. 29 a 31, e nota 28 a p. 50.

lírica castelhana não censura, mas simula cortêsmente estranhar — (1). Poderiam tê-las conhecido, pelo menos, por alusões de A. Morel-Fatio, que as citou ao dar conta (em 1882) do sólido e interessante trabalho histórico de Balaguer y Merino (2).

Th. Braga teve apenas vaga notícia do achado *de uma obra inédita* do Condestável, ao redigir em 1885 o seu *Curso de Literatura Portuguesa* (3).

No *Manual da filologia românica* condensei em duas páginas o meu saber a respeito das suas obras castelhanas e portuguesas, incluindo a *Tragédia* (4). E tendo de falar do *Catálogo* de Garcia Peres nos *Anais Críticos* (5) tornei a demonstrar um ponto que já ficara bem frizado no estudo anterior, a saber: que o filho do vencido de Alfarrobeira foi o primeiro Português bilingüe que se serviu do castelhano em trabalhos literários, quando foragido residia em Castela, *más costreñido de la necesidad que de la voluntad.*

Segue o que diz Ribeiro dos Santos:

«Com a honradissima memoria do Infante D. Pedro deve unirse a de seu Filho D. Pedro, IV.º Condestavel de Portugal, Mestre da Ordem de Avis, «a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo,» que foi depois chamado pelos catalães, e proclamado Conde de Barcelona, e Rey de Aragão em 1462 *(sic)*. Tratou grandes tratos e amizades com pes-

(1) *Antologia*, VII, p. CXIX.
(2) *Romania*, XI, 153.
(3) P. 132, nota 2.
(4) Cf. Groeber, *Grundriss*, p. 638, n. 4.
(5) *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, 1890, Bd. I., p. 587-588.

soas de alta jerarquia e de bom saber, sendo hum delles o famoso Dom Iñigo Lopes de Mendoça, primeiro Marquez de Santillana, e Conde del Real de Mazanares, tão luzido nas Bellas Letras como na fidalguia. A este poeta pedio elle com grandes mostras o Cancioneiro de suas trovas, que lho enviou com huma Carta muito erudita (1) com o que mostrou a muita affeição, que tinha aos estudos poéticos, e não só folgava com a leitura de boas trovas mas compoz elle algumas de primor para aquelles tempos (2).

«Existe hum formozo codigo MS. de seus versos e proezas, nesta Corte, que vimos e cotejamos, que, posto que seja em Castelhano e não pertença propriamente á lingua e poesia portugueza, com tudo por ser de Portuguez, e se conhecer por elle o genio e gosto do Poeta e ainda por digressão da materia pode ter aqui lugar. He escrito em pergaminho claro com m.^to^ aceio, e em caracter gothico ou meio gothico mui limpo e regular, e occupa 80 folhas.

«Tem frequentes abbreviaturas, travações e ligados de letras, que são algumas vezes difficeis de ler. Usa só de pontos; o caracter parece ser do mesmo seculo XV (3).

(1) «Vem no principio do 1.º tomo da *Collecção dos Poetas Castelhanos*, de Sanches, p. XLVIII; parece que foi escrita entre os annos de 1455 e 1458, em que morreu Santillana. Começa: *En estes dias passados Alvar Gonzales de Alcantara, familiar e servidor de la casa del Señor Infante D. Pedro, muy inclito Duque de Coimbra vuestro Padre, de parte vuestra, Señor, me rogó que los decires e Canciones mias a la vuestra magnificencia,* etc.

(2) A estas poesias parece alludia o Marquez nestas palavras de sua carta: *De lo qual me facen cierto asi vuestras demandas, como algumas gentiles cosas de tales q̃ yo he visto compuestas de la vuestra prudencia.*

(3) Existe na Livraria do Ill.^mo^ D. Fernando de Lima.

«O Prologo na 1.ª folha tem em roda pelas quatro margens uma cercadura de floreios entrechassados, e de figuras de aves e animaes, e entre ellas em baixo a da fortuna vendada, e sobre uma roda com letra pelas extremas, que não entendo; e do meio do eixo da roda para cima armas Reaes. A cercadura he illuminada de encarnado, azul e verde, e com alguns pequenos dourados: as iniciais do titulo do Prologo, e as do mesmo Prologo são tambem floreadas e illuminadas da mesma sorte, mas com mais dourado; as de cada prosa e verso tambem o são ou mais ou menos.

«Consta esta obra de prosa e verso, e tem por assumpto principal o lamento das desventuras de D. Pedro, e as esperanças e consolações que elle tinha em Deos.

«He escrita como já dissemos, em castelhano, dialecto então muito uzado entre os nossos pela grande cultura, que já tinha; no que seguio o exemplo de seu pai, que muito poetisou naquella lingua.

«Esta obra he dirigida a seu irmão Dom Jemes, ou Jaime, Cardeal em Roma do Titulo de Santo Eustathio (1); e porque este foi creado Cardeal em 20 de

(1) D. Jayme tinha ficado prezioneiro na batalha de Alfarrobeira, em que seu pai acabara seus dias na desgraça; foi posto depois em liberdade, mas receando esperimentar alguna afronta ou injustiça passou logo para Flandres, e viveo alguns annos em casa de sua tia a Senhora Infanta D. Izabel, Duqueza Soberana daquelles Estados: foi nomeado por seu tio o Duque de Borgonha Bispo de Árraz, em 21 de Março de 1459 *(sic)*, teve tambem a Abbadia de Dunas da Ordem de Cister; foi depois Arcebispo de Lisboa, de que teve sómente a administração por Bulla de Nicolao V passada em 30 de Abril do mesmo anno, por não ter mais que 20 annos de edade (conservava-se no Cartorio do Senado de Lisboa). Passou a Roma aonde Calixto III lhe conferio em Commenda o Bispado de Paphos na Ilha de Chipre em 21 de

Fevereiro de 1453 e falleceu em 20 de Agosto de 1459, pode assentar-se que esta obra fora concluida entre os ditos annos de 1453 e 1459 (1).

«Damos aqui algumas amostras desta obra *posto que não escrita em Portuguez*, por que se faça conceito de suas poesias, e se orne com ellas a nossa Historia.»

VI

CARACTERIZAÇÃO DA TRAGÉDIA

Escolhendo para a sua obra, que no fundo e na essência é um tratado de filosofia moral, em forma de uma visão dantesca, amenizado com líricas engastadas, o título aparentemente pretencioso e impróprio de *Tragédia,* o discípulo do Marquês de Santillana, versado na *Divina Comédia* do grande Florentino, tinha os olhos

Março de 1453; e em a sua 1.ª creação de 20 de Fevereiro de 1456 o creou Cardeal Diacono do Titulo de Santo Eustathio.

(1) Sendo o Cardeal D. Jayme destinado por Pio II seu legado a Latere para o Imperador de Alemanha Frederico II, cazado com a Imperatriz a Senhora D. Leonor sua prima com-irmã, adoeceo em Florença, e querendo antes acabar mais cedo os seus dias, do que manchar a pureza virginal de seu corpo, que só lhe davão por remedio da sua saude, se finou ali aos 20 de Agosto de 1459 de idade de 25 annos, 11 mezes e 10 dias.

Se as Poesias deste Cancioneiro fossem presentes ao erudito Dom Thomaz Antonio Sanches, Bibliotecario de Sua Mag.de Catholica, não censuraria no tom. I da sua *Collecção de Poesias Castelhanas* a M. Sarmento por dizer que o Marquez de Santillana houvera ao Condestavel por excellente poeta, por quanto deste Cancioneiro se ve bem que o foi, e que as palavras do Marquez para elle não erão puramente cortezãs mas verdadeiras e propias de seu real merecimento.»

fitos na infantil classificação medieval dos géneros literários, havia pouco exposta aos Espanhois pelo seu Mentor literário, não na nomeada *Carta* sôbre as literaturas românicas (1), remetida no acto de oferecer ao príncipe português o seu Cancioneiro (2), mas numa das composições exemplificadoras nêle contidas, a qual chamou expressivamente *Comedieta de Ponza:*

Tragedia es aquella que contiene en si caydas de grandes reyes e principes..... cuyos nascimientos e vidas alegremente se comenzaron e grand tiempo se continuaron..... e despues tristemente cayeron (3).

Tragédia *neste sentido* era realmente o assunto da obra do Condestável: o seu pertinaz infortúnio pessoal, a desgraça do Infante seu pai e de toda a sua prole,

(1) O *Prohemio e carta que el marques de Santillana envio al condestable de Portugal con las obras suyas* não tem data. — Como todavia ao tempo da redacção o Regente ainda estava vivo, tendo o Condestável já composto algumas *cousas gentis,* é forçoso colocá-lo entre 1445 e 1449. Do familiar enviado a Castela, Álvaro Gonçálves de Alcântara nada sei. Há um Álvaro Português que trocou versos com Gomez Manrique, perto de 1455: mas êste *gentil trovador* será o Álvaro de Brito do Cancioneiro de Resende.

(2) O n.º 86 da Bibl. do Condestável é um Cancioneiro de Santillana.

(3) Quanto ao estilo, talvêz se lembrasse também da definição de Villena: *tragedia es estilo alto superbo que tracta de estorias nobles como batallas de principes, destruyçion de reynos e cibdades.* Já na *Sátira,* sua estreia literária, o Condestável haurira nas mesmas fontes, fiel às palavras de Santillana (ed. A. de los Rios, p. 94): *Satyra es aquella manera de fablar que tovo un poeta que se llamó Sátyro el qual reprendio muy mucho los viçios e loó las virtudes;* ou as de Villena: *Satira es estilo mediano; tracta de virtudes e vicios.* Sôbre Tragédias e Comédias medievais em metro épico é útil consultar W. Cloetta: *Komödie und Tragödie im Mittelalter,* 1890.

nobilíssimos vencidos que a feição dos pósteros cingiu com a auréola de mártires da pátria.

De dramático tem ela pouco mais que o nome. As oito poesias, simples monólogos proferidos pelo poeta, que é o actor principal, são na maioria queixas amargas ou explosões violentas da sua dor, provocadas e rebatidas por outros tantos discursos em prosa, de três seus interlocutores. Na alternação de umas e outras consiste o diálogo. As passagens narrativas, nas quais a acção, que é quási nula, se vai desenvolvendo, fazem parte (não separada) ora das prosas, ora dos *metros*, como o cultista medieval denomina os seus versos.

Outro nome apropriado da Tragédia teria sido *Auto-Consolatória*. Ou então podiamos considerá-la como um fragmento de autobiografia psicológica: a exposição das impressões dilacerantes que a notícia da morte da Raínha D. Isabel produziu sôbre o desterrado, assim como do processo estóico pelo qual se libertou da sua lástima individual, levantando o vôo até que a vista lhe abrangesse todo o nosso quartisfério e a dor humana em toda a sua amplitude e transcendência.

Ingènuamente o autor confessa como, para achar um lenitivo à sua profunda mágoa — o apetecido *solamen miseris* — conversou a sós e longamente com historiógrafos e filósofos cristãos. E afinal, inspirando-se no *Livro de Job*, na *Consolação de Boecio*, nos tratados morais de *Seneca*, nos *Casos de homens ilustres e de mulheres preclaras* (1), reflectindo sôbre os reveses que

(1) Todos estes volumes figuram na livraria do Condestável. Boecio em latim (84) e castelhano (39); Boccaccio, *De Casibus virorum illustrium et præclaris mulieribus*, numa versão particular (92). ¿Talvêz naquela que D. Afonso de Cartagena redigira durante a sua embaixada à côrte de Portugal?

abateram a sua família das sumidades onde pairara, e sôbre a sorte de outros soberanos e magnates, e vasando toda a amargura da sua alma atribulada, ora em endechas sentidas, ora em jaculatórias e maldições impetuosas, chega a um estado de resignação ética, em que, sem se importar com as exigências impostas pelo título *Tragédia,* acaba *bienaventuradamente* a sua obra.

*
* *

Eis um curto elenco do conteúdo.

Metro I: 7 *Novenas de arte maior* (ABABABABA). — *Introdução.* Mandando aos seus olhos interrompessem o chôro, à língua que se cale, à mão que segure com firmeza a pena, requer à volante fama propague a sua triste história (1-2). — *Invoca* o Onipotente, implorando socôrro na sua aflição (3). — Dirigindo-se aos mortais, conta como em sonhos febris tivera *visões*, e como, de dia, claros e típicos sinais lhe presagiaram a desgraça que o ameaçava (4-7).

Prosa I. — Uma noite de inverno, regressando de um passeio pelos campos, vê vir ao seu encontro, um mensageiro, alvoroçado e como louco. — Discurso dêste, que o prepara a novos golpes da fortuna, lembrando-lhe a sorte infausta do progenitor e as vicissitudes de outros varões, precipitados das culminâncias do poder aos abismos da desgraça.

Metro II: 1 *Novena.* — Cheio de angústia, o Condestável quer inteirar-se da verdade.

Prosa II. — O mensageiro participa-lhe a morte da Raínha.

Metro III: 1 *Novena*. — Espanto do poeta, que se nega a dar fé a nova tão inesperada.

Prosa III. — Um segundo núncio sobrevem e confirma a triste novidade, dando pormenores sôbre o lugar do falecimento (Évora), o luto da nação, as solenes exéquias em S. Maria da Vitória, no Panteon da casa de Avis.

Metro IV: 12 *Novenas*. — Sem sentidos durante algum tempo — *como estatua que algo non siente* — o Poeta convence-se, acordando, da realidade da sua miséria, vendo lacrimosos os companheiros. Desesperado, sentindo a tendência impulsiva de pôr mão em si próprio, arranca o cabelo, destroça o vestido e rompe afinal num chôro convulso, maldizendo, em versos impetuosíssimos, o mundo e seus falazes esplendores.

Chegado a êste auge do frenesi, insensato e culpável, a peripécia começa, e com ela a segunda e principal parte da obra: a *Consolatória,* ou seja um sermão fúnebre *Da vida e da morte* ou *Da vaidade das cousas mundanas,* dividido em cinco capítulos (as **Prosas IV** a **VIII**).

O *tempo* principia a exercer, lenta e suave, mas eficazmente, a sua acção conciliadora. A reflexão mitiga a dor. Figurado por um semi-deus venerando, em roupagens roçagantes, a frente coroada de loiros imarcescíveis, três pomos simbólicos na mão direita, o velho Cronos aproxima-se do infeliz. E discursa longa... longamente.

Em grave e filosófica meditação expõe verdades eternas e sublimes sôbre o *nirwâna* dos bens terrestres, a brevidade da vida em comparação com a eternidade. Distraindo o atormentado mancebo da observação mesquinha da sua sina individual, demostra a universali-

dade da dor, chamando a morte património comum do género humano, e feliz e querido de Deus a quem morre cedo. Exige do varão forte, resignação submissa à vontade de Deus.

Está claro que não se esquece de exemplificar abundantemente, resuscitando em quadros ligeiramente esboçados, todas as notabilidades históricas, da antiguidade e da idade-média que a tradição transformara em tipos, e já então eram alegadas por escritores cultos como Santillana, Mena, os Manriques, Villena, Padron, Lucena. Também não é parco de sentenças clássicas e versos bíblicos. — Um *Recuerde el alma dormida!* em prosa poética.

Nos tópicos, nas ideas, nos ditos, nas comparações há pouca ou nenhuma novidade. O que dá todavia uma nota particularmente viva e realista a tantos lugares comuns éticos, já revolvidos através de séculos por moralistas e poetas de inspiração religiosa; o que provoca sincera simpatia e enternece; o que dá ao mesmo tempo à *Tragédia* um não deprezível valor histórico, é a insistência com que o filho do Regente fala dos seus, citando factos e glorificando principalmente, num profundo sentimento de amor e piedade filial, o *príncipe no mundo raro, tratado às escuras mal* (1), o que fôra vítima *do injusto e cruel ódio de Alfarrobeira* e contra o qual *se quebraram sangue e leys* (2). E isso muito discretamente, sem acusar mesmo veladamente o vencedor; sem dar crédito à tradição caluniadora de envenenamentos; sem enunciar desejo algum de vingança, nem dirigir impropérios contra os inimigos do

(1) Sá de Miranda, *Carta a el Rey*, v. 213 e 203.
(2) Ferreira, *Epitáfio* 3 e 4.

Regente, que impelidos por invejas, ciúmes e cobiças tinham inventado vilanias, tornando suspeito ao inexperiente soberano aquele que fôra seu pai e tutor, e governador zelosíssimo dos seu reinos durante um decénio, armando por fim a cilada em que caíu, infamado como rebelde ambicioso (1).

Mas continuemos com a exposição, reservando para outro capítulo as notas históricas, espalhadas pela obra do Condestável.

O discurso do Velho é interrompido cinco vezes pelo seu único ouvinte, o qual se submete e conforma pouco a pouco. Primeiro desculpa a sua dor, mostrando que derramar lágrimas é também apanágio comum do misérrimo género humano, a que o próprio filho de Deus não se subtraíu (Metro V). Depois insiste teimoso em maldizer a sua sorte, recusando o remédio amargo destinado a trazer-lhe saúde e vida, embora reconheça a verdade da argumentação do venerável interlocutor. O propósito de apoucar as suas penas irrita-o. Acha intolerável a vida prolongada em triste solidão e terra estrangeira, sem ter na pátria quem advogue a sua causa. Prefere a morte e por ela clama (Metro VI). Afinal, persuadido, aceita os conselhos e consolos irrespondíveis do tempo (Metro VII), resignando-se cristãmente, pôsto que não compreenda como possa achar a via do

(1) A nação portuguesa dedicou um verdadeiro culto à memória do Infante, muito antes de o famoso Auto ter popularizado o herói das *Sete Partidas*, e em sentido muito mais nobre — culto de que há provas contínuas até 1640 nas obras dos historiadores e dos poetas. — O primeiro a insurgir-se contra essa glorificação ou seja contra «o tyrannico predominio da lenda» foi Gaspar Dias de Landim «homem todo dedicado aos Braganças» numa *Crónica do Infante D. Pedro*, inédita até 1893. (V. *Bibl. de Clássicos Portugueses*, vol. VI).

vero prazer, vivendo ledo e satisfeito no exílio, sem lar, sem família, e deserdado (Metro VIII).

Nesta segunda parte, o poeta tentou uma verdadeira novidade. Favorecendo os versos menores, mesmo em trechos que exigem estilo alto e soberbo, varia romanticamente as formas métricas, de duas em duas estrofes, para assim caracterizar os diferentes estados de alma por que ia passando.

Metro V: 6 coplas em versos de 6 sílabas:

ABABCDDCD (2); ABCABCDEFDEF (2); ABBACDDC (2).

Metro VI: 16 estâncias de extensão diversa, em versos de 6 sílabas, misturados de *quebrados*. Marco estes últimos com asteriscos:

ABABCDDC (2); ABBAABCBC (2); ABBAACCA (2),
* * *

ABABCDCCD (2); ABCABCDEDE (2); ABABCDDC (2);
* * *

ABBAACCDDC (2), ABBAACDCCD (2).
** ** **

Metro VII: 1 estância em Septenários: ABABACDDCD.

Metro VIII: 4 Oitavas de arte maior, com um verso quebrado de 5 sílabas: ABBAACCA; 4 estrófes em Septe-
**

nários: ABBACDDA; 4 de 5 sílabas, misturados de quebrados, de apenas 3: ABBAACCA.
*

Quanto à execução e ao valor poético, a *Tragédia* parece-me superior às composições do Condestável, principalmente à *Sátira*, tratada, não sem justos motivos, pelo crítico castelhano de «empalagosa». O homem de trinta anos ainda considera, tal qual o mancebo de dezoito, o saber e o estudo como o nervo da poesia. Não

resiste ao prurido de fazer alarde de seus extensos conhecimentos de mitologia clássica, filosofia moral, história sagrada e profana. Mas já se não compraz em sobrecarregar os seus textos de indigestas referências didáticas; nem, felizmente, em glosar o sentido literal e alegórico de vagas alusões e obscuras lembranças. Eximindo com prudência a parte poética de nomes e ornatos históricos, exemplifica apenas na prosa, e aí mesmo dá prova de como assimilou a matéria erudita, narrando em forma sucinta e amena. Na redacção segue, como dantes, a corrente latinista, mas já não decalca servilmente os períodos dos seus modelos, nem abusa demasiado do hiperbaton. Frases requintadas em estilo precioso, como *embeverar la pendola en la negra agua* já não ocorrem; nem tão pouco formulas muito repetidas na *Sátira* e no *Poema* como *o feminil linage a quien yo tanto soy tenudo e loar devo.* Confesso que não desgosto da sua retórica comovida e que os versos me parecem muito aprazíveis. As estrófes de maldição por exemplo são de um vigor notável, e ao mesmo tempo de grande agilidade (IV). Acho bemfeita a defesa das lágrimas (V). E não menos a justificação do seu pessimismo (VI).

A concepção geral da vida, que se manifesta em toda a obra, é nobilíssima, como em tudo quanto achamos escrito pelos reis, infantes e infantas de Avis.

Em suma, julgo que a *Tragédia* não é indigna de ser comparada às melhores obras coevas castelhanas que lhe serviram de modêlo. A quem leu qualquer dia a *Comedieta de Ponza,* que mencionei propositadamente no princípio dêste capítulo, escuso revelar que foi essa que deve ter inspirado ao Senhor D. Pedro, 4.º Condestável de Portugal e mais tarde Rei intruso

de Aragão, a primeira idea para a *Tragédia da insigne Rainha D. Isabel*.

VII

DATA DA «TRAGÉDIA» E REPATRIAÇÃO DO CONDESTÁVEL

É fácil estabelecer com precisão, qual a palavra que devemos suprir no título da Carta-dedicatória, depois de *era milésima quadragentésima* (1), como não é difícil provar que a *Tragédia* foi, se não integralmente composta, pelo menos concluída em Portugal. A raínha cuja perda o poeta chora, faleceu a 2 de Dezembro de 1455. O cardeal, a quem dirige o seu nobre desabafo consolatório, expirou a 15 de Abril de 1459. No texto temos além disso, referência e alusões de sobejo a acontecimentos históricos, ocorridos no triénio que medeia entre um e outro infortúnio.

Ponderem-se as palavras dedicadas aos Infantes de Aragão e especialmente a D. João, o nada escrupuloso herdeiro das corôas de Navarra e Aragão — mais tarde tenacíssimo antagonista do Condestável, que lhe deve a sua derrota. Só antes da morte de Afonso o Magnânimo (27 de Junho de 1458) era lícito chamá-lo *oy en dia reynante en Navarra,* sem nada mais (f. 76 v.).

Ouçam-se os lamentos, em forma de profecia, sôbre o fadário do irmão mais novo, D. João de Coimbra,

(1) Um sinal, da mão e letra do calígrafo marca de resto a omissão. Erros do mesmo género são freqüentes. — Por exemplo num dos documentos que formam o vol. II da excelente obra de A. Ribeiro de Vasconcelos: *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão* (p. 532), falta *septuagésimo*, depois de *quingentésimo.*

Príncipe de Antioquia, outro ramo malogrado da árvore de Avis, que a morte cortou na primeira metade de 1457, longe da terra natal (f. 78).

E vejam-se as alusões à trágica sorte do Condestável castelhano D. Álvaro de Luna, subido ao cúmulo do poder «por *sobejidão de fortuna*» e justiçado «*não ha ainda quattro complidas circulações de sol,*» frase que só tinha razão de ser antes de 2 de Junho de 1457 (f. 74).

E como essas três referências se acham quási no fim da obra, é lícito inferir que ela estava pronta em Maio de 1457.

O Prólogo — a única parte datada — acrescentado mais tarde, confirma êste cálculo. Suponho-o escrito e copiado em princípios de 1459. O poeta conta aí como teve de largar mão da obra, sem a limar nem revêr, para acompanhar seu Rei e Senhor aos campos tingitanos (30 de Set. de 1457). E de volta ao continente, depois da tomada de Alcacer (Out. do mesmo ano), o sobressalto contínuo em que o rei de Fez teve os Portugueses, cercando-os no forte conquistado, e os aprestes para outra expedição não permitiram que o príncipe se dedicasse novamente ao trabalho interrompido, aperfeiçoando-o, afim de o tornar digno do excelso varão a quem o destinava (1). Julgando que Afonso V não tardaria a passar outra vez a Africa, redigiu apenas a sua sentida Carta-Prólogo a D. Jaime, entregando o manuscrito em seguida a um dos seus escrivães, sem

(1) Deve ser dêste ano de 1457, anterior à 1.ª expedição bélica do Africano, o *Conselho do Senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro a El Rei D. Afonso V*, em que tenta estabelecer o que seria mais pertencente, «para mancebo rey :» *infieis conquistar* ou *bem e justamente reger o seu reino.*

que a presaga mente lhe segredasse que também aquela florescente juventude passaria, dias depois, como fumo e sombra, saindo desta miserável prisão cheia de amarguras e infinitas aflições.

Resta decidir quando D. Pedro foi revocado do desterro e reintegrado pouco a pouco nas honras e mercês que merecia (1). Não chego porém a fixar termo mais exacto do que: *fins de 1456* (ou então *princípios de 1457*, com tanta antecedência ao dia 2 de Junho quanta seria necessária para a redacção final da *Tragédia*). No Prólogo temos a confissão clara que o cruel golpe que ameaçava destruir as suas últimas esperanças, fôra causador indirecto da repatriação. Enganam-se portanto os que a colocam em 1453 (2), atribuindo o falecimento da Raínha *com suspeitas de veneno* às iras novamente ateadas pela reabilitação do primogénito e herdeiro do Regente (3). E erram igualmente os que presumem que, por ocasião das bodas de D. Joana de Portugal com Henrique IV de Castela (primavera de 1455) o irmão da Raínha vivia na intimidade de Afonso V,

(1) O Mestrado de Avis foi-lhe restituído antes de 1460. Terras houve em cuja posse só reentrou no ano imediato. E quanto à dignidade de Condestável, de que fôra privado em 1448, nada consta. Do testamento de D. Pedro parece resultar que não pertencia ao Príncipe D. Fernando em 1466.

(2) Por exemplo Oliveira Martins (*Filhos de D. João*, p. 350), que se encosta ao autor da *Hist. Gen.*, II, 85. — Parece-me urgente revermos os Documentos da Tôrre do Tombo (*Mist.*, III, f. 121, 148, 264, etc.), e procurar também as *Memórias da Vida do Senhor D. Pedro*, mencionadas em 1724 pelo Conde da Ericeira. — *Mem. da Acad. Real da Hist.*, n.º XIX, p. 6.

(3) É o próprio Condestável quem nos conta como os inimigos tinham propagado em linguagem enigmática que «o seu exilio acabaria com mal da Rainha.»

escrevendo, em nome dêle aquele *Razoamento de despedida e admoestações cristãs* dirigidas à sua pupila e irmã, que acompanha os exemplares manuscritos do Poema do *Menosprezo do mundo* (1).

Verdade é ùnicamente que a meiga influência da Raínha, coadjuvada pelo lial procedimento dos filhos do vencido de Alfarrobeira, e fortalecida pelas instâncias reiteradas da Duquesa de Borgonha (2) e do Papa (3), ia pouco a pouco rebatendo as iras del Rei, até D. Isabel triunfar virtualmente sôbre os inimigos do pai em 3 de Maio de 1455, ao dar à luz o vingador, último e em certo sentido o melhor fruto legítimo da árvore de Avis (4). Em Maio de 1452 o soberano já recomen-

(1) Se êste escrito retórico, inédito, fôr realmente do Condestável, remeteu-o de Castela (juntamente com as *Coplas?*). — Cf. Mendez-Hidalgo, p. 69; Oct. de Toledo, 307; *Grundriss*, p. 251; *Krit. Jahr.*, I, 558; *Antologia*, CXXIII. — Não admiraria de resto, que Afonso V, educado pelo Regente, lido nas mesmas obras que o Condestável venerava e imitava, em relações literárias com Gomez Manrique e Mossen Diego de Valera, escrevesse naquele mesmo estilo florido e latinizante. — ¿ Lembra-me, se por acaso o códice guardado na Bibl. Nac. de Madrid, seria outrora propriedade da Raínha D. Joana, dádiva do Condestável a sua prima, em cuja côrte ainda assistiu, embora por pouco tempo?

(2) Os discursos do Deão de Vergy, enviado dos Duques de Borgonha, foram publicados por Oliveira Martins (427-467) e anteriormente por Caet. de Sousa, *Provas*, VI, 364, Cf. Pina, *Crón.*, c. 129.

(3) Numa carta interessante, reproduzida pelos editores de Bisticci, Nicolau V incitava o «tyrannico» Rei de Portugal a ler as meditações de Seneca sôbre a clemência: *ut clementiam tuam in diem augeas ac mitiorem te præbeas erga eos quos tibi natura arctissime conjunxit.*

(4) A sorte avara não deixou vingar o único filho legítimo de D. João II, o malogrado Príncipe D. Afonso († 1490).

dára um dos cunhados ao Pontífice (1); depois do nascimento do herdeiro, deu sepultura ao Infante; pouco mais tarde aceitava a dedicatória das *Coplas* do Condestável; e no ano seguinte contribuiu para as despesas do casamento de D. João de Chipre com 100:000 dobras (2). Contudo, só depois do desaparecimento da Raínha, é que D. Afonso alcançou do Duque de Bragança rompesse o alvará pelo qual lhe fôra prometido o exílio perpétuo de D. Pedro. Não o chamaram para assistir às exéquias solenes, celebradas em honra do pai (3). Nem o deixaram tomar parte no saïmento da Raínha, de Évora, ao mesmo Panteon (4). Mas logo depois, quando Afonso V, goradas as esperanças em uma guerra santa dos príncipes cristãos, determinou aproveitar os aprestes feitos e voltar as armas contra o Mauritano, é que o Condestável, influído pela mesma idea de tomar a cruz, pôde voltar à pátria.

No Metro Oitavo êle avalia o período do seu exílio em sete anos. Maldizendo a fortuna, *aquella señora non cuerda mas loca*, cujos golpes despiedosos de cega dispersaram toda a família do Regente, exclama:

Ferio nuestra casa, mi padre matando,
principe claro, mejor de los buenos,
mis nobles hermanos e mi desterrando
injustos sietaños, poco mas o menos.

Contados desde a funesta data de Alfarrobeira (20 de Maio de 1449), estes sete anos acabam em 1456 (5), antes de 2 de Junho de 1457.

(1) Bisticci, p. 153.
(2) *Hist. Gen.*, Provas II, 18.
(3) Pina, c. 136.
(4) Ibid., c. 137.
(5) Na *Crónica geral de Hespanha e Portugal,* manuscrita

VIII

NOTAS HISTÓRICAS

A galeria de figuras desenhadas pelo Condestável nas Prosas da *Tragédia,* quási sempre *de visu* e com mão fremente de emoção, compõe-se principalmente de retratos de família. Poucos são de estranhos, e mesmo estes de varões proeminentes, os quais conhecera em pessoa (1).

Num quadro (f. 74), Álvaro de Luna, com o de Vivero, no fundo (2). Em outro (a f. 76 v.) o nobre Fer-

(tradução reduzida de um dos textos atribuídos a Afonso o Sábio, mas continuada), a qual saíu em 1467 da biblioteca do Condestável, o trecho final diz o seguinte (c. 438, f. 211, segundo Morel-Fatio, *Cat. MSS, Paris*, p. 248): *Depoys d'esto, auendo sete annos que este D. Pedro andava em Castela, mandou o chamar el-rrey D. Affonso de Portugal e veo aa çidade d'Euora onde el-rrey entom chegara que veera de fazer saymento polla rraynha dona Ysabel sua molher*, *irmãa de Dom Pedro que em la dicta cidade fallecera pouco avya.* Segundo Rúi de Pina, o saïmento efectuou-se em Janeiro de 1456, semanas depois do óbito. O ano 1457, indicado por Morel-Fatio como constando da Crónica, parece inexacto.

(1) De passagem aparece por exemplo o Rei D. Duarte (IV) de Inglaterra (f. 36 v.).

(2) A respeito de Alonso Perez de Vivero, matado à traição pelo genro do Mestre de Santiago, consulte-se a *Cron. de Don Juan II.* Año 1452, c. I (p. 689) ou então Lafuente, II, 175. — A sorte do Condestável, o privado de seu tio, com o qual tratara em 1445 durante 5 a 6 dias, e depois, de 1449 em diante, impressionou profundamente o nosso poeta-filósofo. Na Glosa 16.º das *Coplas do Menosprezo do Mundo* há recordações pessoais. Referindo-se ao justiçado diz: *De cuya boca yo me recuerdo haver oydo algunas vezes sus ojos non cerrar el sueño ni los cuydados los abrir que no hoviesse memoria de su muerte.*

não de Antequera, Regedor de Castela na menoridade de D. Juan II, e três filhos seus, aqueles Infantes de Aragão, contra cujos partidários êle fora enviado em 1445 (1): D. Pedro, o que faleceu desastrosamente em Nápoles (1438) (2); D. Henrique, o vencido de Olmedo, que sucumbiu às suas feridas, dias depois da batalha; e D. Juan, Rei de Navarra como viúvo de D. Blanca, e nesta qualidade espoliador e perseguidor de seu filho, o culto e humano D. Carlos de Viana, que a posteridade honrou com a sua simpatia (3). É curioso ouvir os louvores tributados a êste esforçado príncipe, que pouco depois herdou o trono de Aragão, por falecimento de Afonso o Magnânimo (1458), tendo na lembrança, que o nosso Condestável, neto e herdeiro de uma Infanta de Aragão e de D. Jaime de Urgel, o Desditoso, foi chamado e aclamado ao cabo de outros sete anos pèlos Catalães rebeldes, desamparados por França e Castela, contra esse mesmo tirânico e astuto mas tenacíssimo senhor «por ser a propria carne descida da recta linha do excelente Rei D. Afonso» (III).

Do outro lado vemos os avós portugueses: o herói de Aljubarrota e Ceuta, e D. Felipa de Lencastre, *aquella santa reyna inglesa, que tanto plugo al señor que claros miraglos se recuentan della.* Perto deles *Dame Isabeau,* a mui nobre duquesa de Borgonha, que protegeu os sobrinhos desamparados, e defendeu animosa a memória do irmão. Em outra moldura, envolta em panos de

(1) *Cron. de D. Juan II,* a. 1445, c. 6 e 9 (p. 630).

(2) *Ibid.,* a. 1438, c. 3 (p. 548).

(3) O Condestável, erigido em pretendente à coroa de Aragão pela morte de D. Carlos de Viana (23 Set. de 1461), cuidou carinhosamente do filho dêste Príncipe. V. § 28 do seu testamento.

luto, D. Fernando, o Infante Santo (1), cujos ossos (resgatados (1473) anos depois de o Condestável ter descido à cova e conduzidos à silenciosa capela do fundador de S. Maria da Vitória onde jaziam os irmãos). ainda então permaneciam em Fez, nas mãos dos Infiéis.

Temos ainda D. Jaime e D. João. O primeiro, um verdadeiro sacerdote, conservou-se fiel ao seu lêma: *malo mori quam fœdari,* virtuoso e casto. Prêso em Alfarrobeira, vivera dos 15 aos 17 debaixo da tutela dos Duques de Borgonha, partindo em 1451 para Perugia como protonotário apostólico, subindo ràpidamente de bispo de Arras e abade de Douay a Arcebispo eleito de Lisboa. Em 1456 o Papa nomeou-o Bispo de Pafos, na mesma ilha de Chipre que o irmão havia de governar como Rei. Após dois anos foi feito Cardial de S. Maria *in Porticu.* Indo a Florença como legado, adoeceu, morrendo com apenas 26 anos: *insignis forma, summa pudicitia, morum nitor, optima vita,* como se insculpiu na formosíssima sepultura, erigida a expensas da Duquesa em S. Miniato al Monte Oliveto, obra-prima de Ant. Rossellino (2). Vespasiano Bisticci que lhe dedicou algumas páginas, chama-o *venustissimo nel corpo, ma piu nell' anima* (3).

(1) Pina, *Crón. Afonsina,* c. 172.

(2) O curioso encontra uma gravura dêsse precioso túmulo na *Hist. da Escúltura* de Lübke, Leipzig, 1880 (p. 630). — Confira-se A. v. Reumont, Lorenzo de'Medici II 167 e *Geschichte der Stadt Rom. III* 257. — Vasari, ed. Milanesi V, 152 e IV, 218. No *Arquivo Pitoresco* XI, 36, há uma gravura inferior e uma bela fotografia em G. Uzielli, *Colloquio avvenuto in Firenze nel Luglio 1459 fra gli Ambasciatori del Portogallo e Paolo dal Pozzo Toscanelli.* Roma, 1898.

(3) *Vite di Uomini illustri del sec. XV,* Firenze, 1859, p. 152. *Hist. Gen.,* II, 91.

D. João, educado também na côrte da tia, criado cavaleiro do Tosão em Maio de 1456, casou no mesmo ano com Carlota de Lusignan, para como Rei de Antiochia e aventureiro destemido defender a ilha de Chipre, tão exposta aos embates des Turcos. Mancebo a toda a virtude dado, de espírito e pessoa disposta a grandes cousas, no dizer do irmão (f. 78), ou segundo os cronistas franceses, que o chamam *Messire Jehan de Coimbre, l'un des princes du monde mieux taillié à devenir homme de grant los... car plus bel commencement de jeune prince que luy n'avait en la terre,* morreu em breve prazo envenenado, com cinco dos seus mais dedicados parciais. É novidade que êle se tinha demorado primeiro em Castela, sendo mandado a França pelo irmão mais velho, nosso Condestável.

Áparte, como num velho retábulo de devoção especial, destaca-se ao lado do real esposo a figura da que sempre foi «manto e consolo da familia,» sem por isso decaír no amor e na confiança de D. Afonso V; a que depois de ter dado à nação um Rei da estatura de D. João II, e às cinzas do pae sepultura honrada, cumprida a sua missão, foi dormir o sono eterno no templo de mármore albinitente que o vulgo chama *A Batalha,* embora não fôsse na parte que lhe estava destinada no admirável recinto das *Capelas imperfeitas,* ideadas por D. Duarte.

Da mãe, D. Isabel, descendente da casa á qual deveu a corôa de Aragão, D. Pedro não fala, nem uma só vez. Retirada no convento de S.ta Clara de Coimbra permaneceu aí durante um decénio († 1459), sendo enterrada perto do lugar onde repousa S.ta Isabel, no próprio sítio onde o Regente se demorara rezando, antes de

saír ao funesto encontro (1). Nem tão pouco das duas irmãs: D. Brites, a esposa de Adolfo de Cleve e Ravenstein, que apesar das suas resplandecentes virtudes, nem mesmo em Bruges, debaixo da protecção dos tios, escapou à sua sina, acabando de peçonha (2), creio que posteriormente à redacção da *Tragédia;* e D. Felipa, a qual morrera para o mundo dias depois da catástrofe, criança de 12 anos, enclausurando-se, sem votos, em Odivelas, onde passou quási meio século (✝ 1493), ocupada em obras de piedade, pintando missais, compondo versos sentidos ao Salvador, e traduzindo livros de orações, mas também redigindo, fiel à tradição de família, um *Conselho e voto* político a seu Rei e Senhor (3). A relativa paz e felicidade nas vidas dessas três senhoras explica a omissão.

A figura que reluz no primeiro plano das Prosas da *Tragédia* é a do Regente. No trecho que o Condestável lhe dedicou — de f. 9 a 12 — há muito que respigar (4), por exemplo a alusão a obras poéticas do pai, *cuja cabeça as nove musas que cerca da fonte pegásea habitam de verde louro coroaram.* O facto capital é todavia a notícia exacta sôbre as suas peregrinações.

(1) *Hist. Seraf.*, II, 6-17; Ribeiro de Vasconcelos, *Culto da Rainha D. Isabel*, I, 236.

(2) Chastellain, *Crón.*, IV, 217; *apud* Oliveira Martins, *Filhos de D. João*, p. 352.

(3) Bellermann, 31 e 51; Pina, *Crón. Afonsina*, c. 127; Barb., *Mach.*, II, 65; *Agiologio Lusitano*, I, 410.

(4) Com relação à moeda portuguesa, recebida em Castela pelo que em Portugal valia, veja-se a *Crón. de Juan II*, ano 1445, c. 10 (p. 630 da ed. Rivadeneyra). — O Condestável não podia esquecer esta medida que, mal aceite, causou escandalos e ruídos entre Castelhanos e Portugueses: «e fueron muertos assaz de los Portugueses e algunos de los Castellanos.»

Fixando as linhas principais do Itinerário, o filho destroe a velha lenda das *Sete Partidas* e as grandiosas fantasias modernas, arquitectadas por Oliveira Martins. E como estas correm risco de ser aceites e propagadas, como tudo quanto foi escrito pelo meu inolvidável amigo (tratado pelo destinatário desta publicação, com todo o direito, como o maior artista histórico que a Península produziu em nosso dias), cumpre-me elucidar ràpidamente êste ponto.

IX

AS VIAGENS DO INFANTE

Eis o que o filho refere, nomeando sumàriamente os reinos visitados, num longo período em que enumera as virtudes do progenitor: «aquel que passando la grande Bretaña y las galicas y germanicas regiones, a las de Ungria e de Boemia e de Rosia partes pervino, guerreando contra los exerçitos del grand Turco por tiempos estovo; e retornando por la maravillosa çibdat de Veneçia, venido a las ytalicas o esperias provincias, escodriño e vido las insignes e magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Querino tanjo las sacras reliquias, reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido».

Esta marcha por Inglaterra, França, Flandres e Alemanha à Hungria e de lá pela Itália e Espanha, é autenticada por todos quantos documentos coevos foram até hoje explorados. Só da entrada na Rússia (ou seria a Prússia?) e Boémia nada de certo consta (1). Sabe-

(1) Como as guerras de Sigismundo contra os Hussitas se prolongaram até 1436, bem pode ser que o Infante batalhasse na

mos — é o próprio Oliveira Martins quem nos faculta os dados precisos — que o viajante se achava em Inglaterra no S. Miguel de 1425, provàvelmente depois de longa demora em Oxford e em Paris; e passou por Flandres de 22 de Dezembro do mesmo ano até fins de Janeiro de 1426, tocando em Ostende, Udenburg, Gante e Bruges. Em 1426 e 1427 assistiu na côrte de Sigismundo, batalhando contra os Turcos. Na primavera do ano imediato foi obsequiado em Veneza, de onde por Chioggia, Ferrara e Padua (1) chegou a Roma. Aí se achava ainda a 16 de Maio (2). Da Itália seguiu para Barcelona, onde o achamos em Julho. Teve breve demora em Aranda del Duero, na côrte de D. Juan II, seu primo, em colóquio com Álvaro de Luna, e em Penhafiel, numa entrevista com o de Navarra. Em Setembro de 1428 já estava de regresso na sua Coimbra, por ocasião dos festejos do casamento de D. Duarte com D. Leonor de Aragão, contraindo em princípios de 1429 o seu próprio consórcio com a filha do último conde de Urgel.

Nos documentos que registam factos da torna-viagem

Boémia — embora não contra Ziska von Procznow, falecido em Outubro de 1424. — O primeiro a referir-se à parte tomada pelo Infante na guerra contra os Hussitas, é, salvo êrro, A. Bonfinii (1606), que menciona como companheiro dêle a Eurico, Rei da Dinamarca.

(1) De Pádua o Infante trouxe uma relíquia de Santo António: «parte do casco ainda com cercilho.» Cf. Figueiredo *Portugueses nos Concílios*, p. 61; *Hist. de S. Domingos*, I, 627; Freire de Oliveira, *Hist. Adm. Lisb.*, II, 550.

(2) Da cidade de Querino levou uma carta muito honrosa de Martinho I a seu pai e o privilégio de os Reis de Portugal se poderem ungir solenemente à maneira dos de França e Inglaterra. — O Breve está na Tôrre do Tombo (*Liv. Brev.*, I, f. 55).

indica-se mais de uma vez que o Infante vinha de visitar o Imperador Sigismundo (1). *Mas nem uma só palavra de Constantinopla, da Terra Santa, de Meca, da Abassia, do Cairo ou de outra qualquer região africana ou asiática!*

Depois de consultar os documentos, passemos a um rápido exame dos assentos de alguns escritores quatrocentistas e quinhentistas, que se ocuparam do Infante. Êle próprio refere-se apenas a usos e costumes de Flandres, na *Virtuosa Bemfeitoria*, assi como às Universidades de Uxonia e Paris, na mesma obra e em uma carta escrita de Bruges (2) (a única que resta). Seu irmão, el Rei Dom Duarte indica o reino de Hungria como destino do sôbre todos amado e querido irmão, acrescentando que para aí fôra *com pequena tenção de tornar a esta terra* (3). Zurára, o amigo do Condestável e de Afonso V, menciona em uma das suas crónicas, repetidas vezes, embora só de passagem, a ida através da Alemanha à Hungria contra os Infieis (4).

(1) Por exemplo numa escritura catalan. — V. Monfar, *Hist. Condes de Urgel* (p. 617 do vol. x da *Col. Arq. Cor. Arag.*, apud Balaguer, p. 8, nota 4).

(2) Impressa por J. P. Ribeiro, nas *Diss. Crón.*, I, 398, e por Oliveira Martins (Ap. *D*).

(3) *Lial Conselheiro*, c. 44.

(4) *Crónica de D. Pedro de Menezes*, c. 13: «Em este anno de 1425 partio o Infante D. Pedro, 2.º filho del Rey, pera Allemanha, onde andou tres annos com o Emperador Segismundo e foi com elle sobre os Turcos, e tornou pera o Regno a cabo de tres annos e veo per Roma; e pelas terras por onde foi e tornou, recebeo muita honra e foi conhecido por muito prudente principe, digno de grande senhorio.» — Ibid. no cap. 27 refere-se à grande afeição «que o Rei de Castela avia a D. Pedro desde o tempo que o Infante viera desde Hungria per sua casa, e assi aquelle Condestável D. Alvaro de Luna.» — No 3º há alusões a um cavaleiro

Em Castela, o cronista de D. Juan II, narrando a chegada do viajante com data de 1428, sabe de quatro anos gastos no estrangeiro, *e habia estado en Alemaña e Ungria e Inglaterra e otras partes* (1). Ainda em 1571 Garibay, repetindo êsses dizeres, afirmava exclusivamente que o Infante vinha de ver as côrtes dos príncipes cristãos (2). No estrangeiro, o primeiro que se ocupou dêle foi Aeneas Sylvius Piccolomini, o ilustre secretário e valido do Imperador Frederico III, muito bem informado sôbre o Império e o Oriente europeu, pôsto que se engane em miudezas relativas a países tão afastados como Portugal (3). Na sua obra *De viris Illustribus* dedica-lhe o trecho seguinte: *Is Petrus juventutis suæ tempore multam orbis partem migravit veniensque ad Sigismundum Cæsarem in Hungria diu cum eo fuit ac in pluribus bellis contra Turchos multa exhibuit virtutis suæ experimenta cui pro stipendio 20.000 auri pondo quotannis dabantur* (4). Outro humanista egrégio — mas êste chamado a Portugal por Dom João II para preceptor de seu filho —

chamado Mateus, natural de Polónia, o qual vivia com o Infante que o trouxera consigo «quando veio d'Allemanha.»

(1) *Crónica de D. Juan II*, a. 1428, c. 14.

(2) *Compêndio histórico*, III, 437, año 1428.

(3) No próprio capítulo (29) dedicado a D. Duarte, pai da Imperatriz D. Leonor, onde se acha a passagem transcrita no texto, os erros são numerosos.

(4) Ed. Stuttgart, p. 44-45 (vol. IV da *Bibl. des Liter. Vereins*). — Seguem notas sôbre a Marca Trevisana. — Será bom dizer que o mesmo autor, ao falar de Eurico da Pomerânia e Dinamarca (no cap. 35) refere expressamente a ida dêle a Jerusalem. Este príncipe, parente próximo de Segismundo, em cuja côrte o Infante o podia ter conhecido, se é que não o visitou nos seus estados, tinha algumas gotas de sangue português nas veias, como descendente da Infanta D. Berengária.

caracteriza-o em 1490 com as palavras: *Vir pace clarus et bellicæ disciplinæ peritissimus qui sub Cæsare Sigismundo stipendia faciens non mediocrem sibi gloriam in Turcas pugnando paraverat* (1). A Crónica de Nuremberg (1493) alude à sua digressão através de quási toda a Europa.

Inquirindo os poetas, encontramos a mesma resposta. O grande aulico Juan de Mena, introduziu nos frouxos e obscuros versos que dirigiu ao Regente — creio que pouco antes de 1449 — uma alusão vaga, mas que ainda assim contribuiu por ventura para a criação da lenda das *Sete Partidas:*

> *Nunca fue despues ny ante*
> *quyen viese los atavios*
> *é secretos de Levante,*
> *sus montes, inssoas y ryos,*
> *sus calores y sus frios*
> *como vos, senhor jfante* (2).

Em Portugal Luís de Azevedo, o primeiro cortesão compatriota que ousou defender a memória do vencido, empregou as frases:

> *Nam ha reynos em christãos*
> *que em todos nam andasse.*
> . . . .
> *Eu andey por muytas partes*
> *e por outras boas terras* (3).

Será preciso recordar finalmente as palavras do can-

(1) Êste trecho, glosa marginal de um poema latino de Cataldo Siculo (*Hist. Gen., Provas*, VI, 397) é repetição textual de outro extraído por Oliveira Martins (p. 90) da *Hist. Europ*, de Aeneas Sylvius.

(2) *Cancioneiro Geral*, II, 71.

(3) *Idem, id.*, I, 451.

tor dos *Lusíadas* sôbre a fama ilustre, ganha em Germânia pelo Infante? (1).

Como se vê, também aqui, até 1572, quando o folheto que popularizou o nome do viajante já havia tido várias edições, *nem uma só palavra relativa à Terra Santa, Abassia, Constantinopla, Meca, Chipre e Egito!* E note-se ainda que êsses historiadores citados, não esqueceram de dar notícia de peregrinações à Casa Santa de Jerusalém, planeadas ou empreendidas por outro filho e um neto de D. João I (2), como também por um dos que foram companheiros do Infante na guerra contra o Gran-Turco.

Só nos últimos decénios do século XVI, no *tempo das mudanças*, e nos primeiros do século seguinte, época por justos motivos fecunda na propagação de patranhas históricas e na invenção de apócrifos literários, é que a figura do que realmente andou por muitas partes do mundo, se tornou legendária (3). Quanto ao historiador que iniciou o trabalho de vindicar carácter histórico ao absurdo opúsculo, vendido nas feiras como *Auto* ou *Livro do Infante Dom Pedro de Portugal o qual andou as sete partidas do mundo* (4), não me admiraria se fôsse Faria e Sousa, um dos fabulistas-mores da história pátria, ou talvez o maior. Certo é, pelo

(1) *Lusíadas*, VIII, 37.

(2) Não discuto aqui, se o Conde de Barcelos e o de Ourem realizaram efectivamente o seu plano de ir a Jerusalém; nem tampouco a relação em que estas supostas viagens estão com um voto atribuído ao Conquistador de Ceuta.

(3) Já era lendária quando Cervantes escrevia a 2.ª Parte do *D. Quixote*, (II, c. 23).

(4) Em espanhol: *Historia del Infante D. Pedro de Portugal, en la que se refiere lo que sucedió en el viaje que hizo alrededor del mundo.*

menos, que desde que êle falou (1), os biógrafos do Infante engastaram a fantasiada ida à Terra Santa e a mais regiões africanas e asiáticas, como facto indiscutível, na narrativa das suas viagens reais, invocando o testemunho da tradição, tanto em tratados de literatura como em obras de historiografia. Todos, sem excepção o fizeram, mas nenhum mais detida e brilhantemente que o último.

Não duvido que o glorificador da inclita geração conhecesse perfeitamente e ponderasse as razões que há para duvidar da novelesca relação, que mereceria ir no rol dos livros de cavalaria, se fôsse escrita com mais alguma elegância. À sua perspicácia não podia passar despercebido o facto que nela não se regista um único dos casos autenticados por documentos relativos à viagem do Infante. Nem tão pouco era capaz de se subtraír à impressão que o suposto ou verdadeiro Gomes de Santo Estevam, *um dos doze que foram na sua companhia* em busca do Preste João, escrevera muito mais tarde, no século XVI, e sem ter visto coisa alguma dos países que menciona. Nem à suspeita que Gomes fôra buscar o que hà de positivo nas suas descrições, às viagens antigas a Jerusalém, como a de Breidenbach, impressa na península antes de 1500, e a de Mandeville (com a qual rivaliza quanto à confecção de patranhas), atribuindo em seguida, por um processo muito natural, as aventuras e maravilhas que relatára, ao mais proeminente entre os viajantes peninsulares do século XV. Se preferiu apesar disso, aproveitá-lo (suprimindo, é

(1) Veja-se nos *Lusíadas* comentados o Canto VIII, estr. 37 e I, 20; assim como no *Epitome* e na *Europa Portuguesa* os trechos relativos ao Infante. — *Verdades exageradas com mezcla de fábulas* é o que encontrava no Auto.

claro, o que era evidente fábula, corrigindo Gomes onde elementos certos lho permitiam, e adicionando o que, no seu entender, fazia míngua) foi porque o ideal que o guiava, era dar à sua história aquela unidade sintética e viva, sem a qual os livros não sáiem das esféras eruditas para o terreno aberto ao comum dos leitores. Por amor à arte, o grande escritor moderno preencheu com hipóteses as graves lacunas que há no nosso saber a respeito do Infante, indo na pista do ingénuo fornecedor de livros de cordel, ao romancear belamente o seu Itinerário. E que Itinerário, totalmente diverso, mesmo na parte oriental, de quanto era usual e corrente no século xv!

*

* *

Com relação ao tempo gasto nessas peregrinações, cada um dos que as contaram, acrescentou o seu ponto, estendendo-as pouco a pouco de três ou quatro a doze anos. E também nêste particular Oliveira Martins cerceou apenas a lenda, sem a extirpar. Estava na fé que o Infante saíra de Portugal em 1418, antes de ter sido nomeado *Markgraf* de Treviso, apoiando-se desta vez num documento mal interpretado. Repito que podemos seguir os passos do viajante através da Europa de 1425 a 1428, período restricto dentro do qual não caberia a sonhada expedição ao Oriente. E repito ainda que não se descobriu uma única escritura que provasse a estada do Infante de Portugal no estrangeiro durante os anos de 1418 a 1424. Muito pelo contrário. Existe na Tôrre do Tombo o documento de uma doação, feita por D. João I a favor do segundogénito, e que prova

a sua assistência na pátria ainda em fins de 1420 (1). E o próprio diploma imperial, pelo qual Sigismundo lhe cedeu em Constância (1419) a Marca Trevisana, mostra que, no acto desta memorável doação, ainda permanecia entre os seus. O Imperador estipula aí que o novo *Markgraf* receberia 20.000 ducados áureos sòmente a contar do dia em que partisse ou partiria (conj. fut. *converterit*) de Portugal (2), com destino à cúria real de Húngria. De onde resulta que não premiava serviços prestados, mas antes tentava atraír o valente de Ceuta para um dos baluartes mais expostos do Império que urgia defender contra herejes, infiéis e bárbaros (3).

Devido à falsa interpretação do trecho aludido, falta na análise psicológica de Oliveira Martins a ponderação dos motivos que levariam o Senhor de Treviso a tardar quási um lustro antes de cumprir a promessa

(1) *Chancelaria de D. João I*, liv. 4, f. 12 v., segundo Sousa, *Hist. Gen.*, II, 70. — Também há breves de 1420 e 1421 que talvês a atestem indirectamente. V. *Bullarium Patronatus Portugalliæ Regum in Ecclesiis Africæ Asi atque Oceaniæ*, ed-L. M. Jordão, vol. 1, p. 12 e 18.

(2) Cf. Oliveira Martins, p. 380 *hoc videlicet*, etc. — Do segundo documento aí impresso parece resultar que o Infante não prestou em pessoa o juramento de vassallagem, e que o seu lugar-tenente fôra, desde 1419, o mesmo João Teles que pediu e alcançou em 1443 do Imperador Frederico a nova confirmação.

(3) Na escritura emprega-se a fórmula *in recompensationem serviciorum*. Mas, como se infere das frases que seguem, pensava-se em serviços prometidos. Também o futuro Papa Pio II alude a feitos já praticados *(egregia ejus facinora)* e outros que se esperavam dêle *(propterque alia quæ facturum se promittebat)*. Penso que os já praticados eram as gloriosas acções africanas, cujo eco reboara ao longe, entusiasmando ambas as cúrias, a do Pontífice e a do Imperador.

dada ao Imperador, como falta o exame dos que o decidiram posteriormente a regressar à pátria, de onde se afastara com pouca tenção de voltar, descontentando o seu suzerano, a ponto de êle lhe cassar a concessão da Marca (1).

E uma vez que me arrisquei a combater opiniões, direi ainda que nessa análise subtil, julgo encontrar mais de um elemento espúrio. O autor dos *Filhos de D. João* julgava a princípio achar espelhada a verdadeira psique do Infante nas *Coplas do Menosprezo do Mundo*. E como êste poema denuncia no seu autor não só uma inteligência finamente culta, e um coração sensível, mas também um temperamento muito melancólico, uma alma cheia de saüdades de um mundo melhor, inclinada a desprezar as glórias terrestres, desenhou-nos um Infante contemplativo e pessimista. Pela minha parte, reconheço no filho de D. João I e de D. Felipa de Lencastre um simpático idealista, mais grave do que triste. Mas não julgo, de modo algum, que carecia de tino prático e mesmo de ambição (2). *Em guerra e paz maravilha* (3), batalhou vitoriosamente nos campos africanos, e posteriormente contra Turcos e Hussitas. Viajante político, que ia de côrte em côrte, estudando e negociando com habilidade, ajustou não só o seu próprio enlace com a filha dos Senhores de Urgel, pretendentes à corôa de Aragão, mas ainda

(1) Cum promissa non adimpleret rursus Segismundus marchionatum ipsum Venetis concessit. — Aeneas Sylvius, *De Viris Illustr.*, p. 45.

(2) O cronista antigo concede-lhe um olhar triste, mas penetrante; um andar mesurado; uma maneira de falar sentenciosa, mas cheia de graça, e um génio tranquilo.

(3) Tirso de Molina, no *Vergonzoso en Palacio*.

(como partidário de Álvaro de Luna) o de sua sobrinha Isabel com D. Juan de Castela. Mais tarde sentava a sua própria prole no trono português. Pai de três princesas e de outros tantos varões (1), educava-os conscienciosamente, e com êles o seu régio pupilo, governando o país com grande prudência e actividade durante nove anos, sem se cingir às últimas vontades pouco políticas de D. Duarte, e ordenando o importante Código de legislação que corre em nome de Afonso V. E quando morreu, de uma setada perdida, no dia funesto em que saíra a campo com a hoste dos 6.000, como *rebelde lial,* pedindo justiça e vingança, conservava-se ainda robusto e são, apesar de sexagenário. Não quero negar em absoluto que fôsse capaz de gastar anos de vida numa viagem ao Oriente, para se extasiar à vista do Santo Sepulcro, como fervoroso cristão que era. Mas o que sei, ao certo, é que não foi o poeta-filósofo que compôs as 125 oitavas *De Contemptu Mundi.*

A impressão estranha que a leitura do texto, publicado por Garcia de Resende e falsamente atribuído ao filho de D. João I, produziu sôbre Oliveira Martins, é o *punctum saliens* donde se desenvolveu a psicologia complicadíssima e irreal com que o Infante nos aparece na obra-prima do historiador (2). Compreendo bem que quando mais tarde lhe pude demonstrar o êrro em que caíra, o grande artista não tivesse ânimo de derrubar a estátua que erguera ao Regente, para reconstruir a figura da história. Contentou-se com substituir na 2.ª redac-

(1) *Foram três seus filhos reis,* no dizer de Miranda.

(2) Posso dizer que assisti à génese desta figura, tendo bem fixada na memória conversas de Antero de Quental com seu amigo sôbre o pessimismo cristão do autor do Poema.

ção da sua obra as páginas, dedicadas às *Coplas* na 1.ª (1), por uma curta nota em que dá o seu a seu dono, acrescentando ainda um capítulo sôbre as obras em prosa do Regente, e outro sôbre a descendência do condenado, no qual esboça o perfil do Condestável, seu verdadeiro autor.

Êste último sim, êste era, na verdade, um sonhador mòrbidamente melancólico, desiludido muito cedo pelos dissabores da sua vida. Criança precoce, de gentil corpo e gesto discreto (2), nutrido e criado com o tépido leite da bondade humana; dantescamente namorado aos catorze, e desde então amante e trovador sentido que disputava, ao cabo de um lustro de lial amar e fiel servir, a primeira cadeira *na côrte do inflamado filho de Vulcão* a Macias, como *grande e virtuoso mártir de Cupido, não menos triste que desprezador da morte.* Com dezoito, *a mais formosa e bem proporcionada criatura que então se sabia no mundo,* no dizer encomiástico do cronista nacional, tomara a peito ser paladino do feminil linhage, reàlizando o ideal paterno que o filho de D. Felipa e adversário de D. Leonor de Aragão não tivera a fortuna de atingir. Nunca casado, embora chegasse aos 37 (3), viveu na flor da juventude como banido e deserdado, sentindo o pungir amargo da saüdade. Ao vêr sucumbir aos golpes da fatalidade toda a família dispersa, desejou tomar a cruz, aceitando

(1) *Revista de Portugal*, I e II. — Veja-se o vol. I, 567-573, e confiram-se essas páginas com as 139-141 e 307.ª da edição em volume.

(2) Conheço as suas feições ùnicamente por algumas moedas (Lafuente, II, 203). No túmulo talvez haja reprodução exacta da figura, como no de D. Jaime.

(3) No fim da vida, como Rei de Aragão, é que resolveu consorciar-se com D. Margarida de Inglaterra.

o convite dirigido por Calixto III aos príncipes cristãos depois da tomada de Constantinopla. Infeliz num trono que o Regente experimentado teria talvez defendido com êxito contra a astuta diplomacia do pai de Fernando o Católico, morreu finalmente de consunção, em terra estranha, como o leitor sabe. Sincero quando ia compondo a *Sátira* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo,* não o era menos ao redigir a *Tragédia* cristãmente pessimista — de 1447 até 1459.

*

* *

Concluindo êste capítulo peço vénia para acentuar que não há sombra de deslialdade nesta tardia crítica a certas opiniões de um eminente escritor, ao qual toda a Península tributa justíssima homenagem. Em conversa particular e em correspondência expus ao meu ilustre amigo todos os factos e todas as minhas dúvidas, prometendo-lhe detalhar um dia a exposição que aqui deixo apenas levemente esboçada. Tão pouco ocultei a Fernando Palha as minhas ideas sôbre o Condestável e as minhas conjecturas sôbre o códice, cuja publicação se deve à sua generosidade.

X

AS OBRAS DO CONDESTAVEL

Da *Sátira* falaram proficientemente Amador de los Rios, Octávio de Tolêdo, Paz y Melia, Menéndez y Pelayo. Amargo fruto de amores estorvados, pertence, ainda assim, a um período de sossêgo e gôzo relativo

na vida do Condestável, quando vivia na pátria (entre Tejo e Guadiana) no seu mestrado de Avis, engolfando-se nas letras para dominar a sua paixão angustiosa. Escrita em português, em meados de 1448 (1), foi novamente redigida em castelhano, depois de 1449, na côrte de D. Juan II.

Com relação ao *Poema do Menosprezo do Mundo,* vários pontos estão, pelo contrário, por elucidar — o que, porém, poderá ser feito com vantagem sòmente por quem tiver oportunidade de examinar e colacionar os manuscritos e os impressos que subsistem: o velho códice, coetâneo do Condestável, datado de 1457, com dedicatória a D. Afonso V, que se guarda na *Bibliotéca Nacional* de Madrid (marcado *M*-69; de 70 ff.); outro também do século XV que o Padre Mendez possuía em tempos (de 153 págs.) (2); os preciosos impressos góticos, sem ano nem lugar, conservados em Madrid e Londres; e o exemplar de Lisboa que foi aproveitado consecutivamente por Barbosa Machado, Ribeiro dos Santos, a autora destas linhas, e Oliveira Martins.

Não falo do êrro evidente dos que, desconhecendo a *Tragédia,* consideram as *Coplas,* compostas durante o destêrro (despois do fim de Álvaro de Luna, mas antes da morte da Raínha, à qual há referências nas Glosas) como o canto de cisne do homem inìquamente perseguido pela desgraça. Nem discuto as indicações

(1) O Condestável nasceu em fins de 1429; contava catorze quando se apaixonou; e dezoito, com mais oito meses, ao redigir as glosas por ocasião do eclipse que teve lugar a 29 de Agôsto de 1448.

(2) Desconheço o seu actual paradeiro e julgo que Garcia Perez se enganou, afirmando estava em poder de D. Dionysio Hidalgo.

do Padre Mendez, que julgo erradas, sôbre o número das coplas. Ele é o único que contou 126 (ou 1008 versos), tanto no impresso que viu, como no seu MS. Outros falaram de 124, como Barbosa Machado e Ribeiro dos Santos. Mas os exemplares impressos mencionam no título precisamente *mil versos* (1), e no Proémio manuscrito, visto pelo bibliógrafo castelhano, o próprio Condestável emprega a mesma fórmula, dizendo ao monarca: *lea los* MIL VERSOS *mios, acompañados de algunas glosas, los quales yo, caminando por deportar e pasar tiempo, a la feria passada de Medina, en mi viaje hove la introduccion e la invencion d'ellas feriado.*

Nem posso tratar das variantes que se notam nas estrofes transcritas por Mendez (2). Suspeito que não as copiou com rigor paleográfico, modernizando a ortografia (3) Tão pouco me atrevo a decidir sôbre o que haverá de aproveitável nas informações de Ribeiro dos Santos (4), o Conde de Ericeira (5), e bibliógrafos estrangeiros como Leichius, Hain, Diosdado a respeito dos exemplares que êles dizem impressos ora 6, ora 8 ou 9 anos *depois que em Basilea fôra achada a famosa arte de impressão.* Pode muito bem ser que tais notas, tão parecidas entre si e ainda assim tão diversas quanto

(1) *Coplas fechas per el muy illustre Señor Infante dõ Pedro de Portogal en las quales ay mil versos con sus glosas etc.*

(2) De resto, é bem sabido que há freqüentemente divergências notáveis em exemplares da mesma edição antiga, por exemplo nos do *Canc de Res.* A tiragem vagarosa permitia ao corrector e, às vezes aos autores, a revisão repetida dos textos.

(3) No primeiro verso Mendez tem a boa lição *celso.* Os impressos de Londres e Lisboa têm *excelso.*

(4) *Memórias de Lit. Port.*, VIII, 62-65.

(5) *Mem. Acad. Real. Hist.*, 1724, n.º XXIII. Cf. Soares da Silva, I, 365 e IV, 463; Juan de Villanueva, 1732.

ao ponto capital, fôssem acrescentos *manuscritos* a um exemplar, (ou a vários exemplares) da bela impressão gótica in-fólio pequeno, promovida por António de Urrea, e nascessem do natural desejo de lhe assinar data certa. Direi apenas que o facto de nenhum entre os que descreveram esta última se referir ao *Prólogo* do editor catalão, não me parece de grande importância. Impresso numa fôlha sôlta, anteposta aos quatro cadernos de que a edição das *Coplas* se compõe, o importante documento falta também nos exemplares de Londres e Madrid, subsistindo exclusivamente no de Lisboa (1). Em tudo mais julgo-os iguais, contra o que ficou assente por Octavio de Toledo (2). Estudei cuidadosamente o exemplar lisbonense, dispondo de uma descrição detalhada do de Londres, graças ao cuidado do Dr. J. Priebsch. Mas falta-me a do madrileno. O êrro *menesprecio* no título, faz supôr todavia que todos os três pertencem à mesma edição (3). O de Londres, proveniente da Biblioteca de Salvá (4), mede 260×195^{cm}; o de Lisboa, menos cerceado, 280×210. A marca de água é a mesma em ambos: uma mão, com uma flor sôbre o dedo do meio. O de Londres conta 34 fôlhas como o de Madrid, registadas *aA — dD;* o de Lisboa outras tantas, com a do *Prólogo* a mais.

(1) Bibliotéca Nacional, *Reservados*, 776.

(2) No seu consciencioso estudo há pouquíssimos erros, se abstrairmos das opiniões sôbre as viagens do Infante, o destêrro do Condestável, e sôbre a parte que Urrea teve na edição das *Coplas*. A esposa de D. Juan II não era filha del Rei D. João, mas antes neta do Infante D. João.

(3) A existência de várias edições não seria muito estranhável. Das Coplas religiosas de Fray Iñigo de Mendoza e das filosóficas de Jorge Manrique também as houve sucessivas no século XV.

(4) *Catálogo*, n.º 854.

As datas 1464 ou 1465, apuradas em meros cálculos de probabilidade por arrojados bibliógrafos e historiadores nacionais, como Soares da Silva e Ribeiro dos Santos, não merecem discussão. A de 1478, estabelecida para o exemplar de Lisboa por Oliveira Martins e outros, antes e depois dêle, provém de uma nota manuscrita, lançada à margem do *Prólogo dirigido al muy illustre e reverendissimo señor en jhesv christo padre e señor dõ Alfõso de aragon por la divina miseracion administrador perpetuo de la Eglesia: e arçobispado de çaragoça: lugarteniente general del rey nuestro señor en el reyno de aragon: fecho por Anthon Durrea que dirige a su alteza el presente libro.* É evidente que o anotador quis indicar apenas como termo *a quo* o ano em que o filho do Rei católico foi sagrado Arcebispo de Çaragoça (1). O termo *ad quem* seria 1520. O tipo gótico, o papel grosso, e a falta de todas as datas tornam provável a hipótese de ela pertencer ao século XV. Ao exemplar de Londres aposeram no *Catálogo* a data 1499. Salvá julgou-a feita em Portugal, perto de 1490.

Quanto ao lugar, não admira que em Portugal se decidissem por Lisboa. O Padre Mendez que desfrutou um volume em que as Coplas do Condestável iam juntas às da *Vida de Cristo* de Fray Iñigo de Mendoza e às de Jorge Manrique, é do mesmo parecer (2), fundando-se na semelhança da impressão à das Coplas de Manrique, publicadas em 1501 por Valentim Fernan-

(1) Zurita, *Anales*, XX, c. 23. Ribeiro dos Santos, entendendo que o *Prólogo* fôra escrito antes do Cardinalato de D. Afonso, infere que se imprimiu pelo menos em 1478. Barbosa Machado disse, com mais acertada cautela, antes de 1520.

(2) *Tipografia*, 2.ª ed., pág. 68.

des, na capital portuguesa. A nacionalidade tanto do divulgador Urrea, como do destinatário faz presumir todavia que a sede do impressor seria Çaragoça, onde Paulo Hurus publicou tantas obras notáveis (1).

Os que atribuem as *Glosas* do exemplar de Lisboa a António de Urrea, não tiveram ânimo de as ler, nem de as comparar com as dos códices. Nem tão pouco examinaram o *Prólogo*. Se o fizessem teriam reconhecido que o Condestável as escreveu *todas*, e que Urrea circunscreve aí muito precisamente a pequena parte que lhe coube na publicação *do texto*. E diz: *Delibere a hun tan alto de prosapia real e reverendissimo señor dirigir las coplas y versos deyuso scriptos inuentados por personas intelligentes* (note-se o plural) *e de la sciēcia para ello dotados. E ya sea ninguna obra de las aqui contenidas sea mia... trabaje en divulgar la presente obra que quasi staua scōdida, la haziendo emprentar*. Infelizmente, não diz em que mãos parava e de onde provinha o manuscrito que aproveitou. Seria o n.º 82 dos que pertenceram ao Condestável, inventariados em 1466?

Os versos menores que entendo dever atribuir ao Condestável, são as cantigas que se costumam chamar impròpriamente *del Rey Dom Pedro*, e precedem no Cancioneiro Geral as poesias do Regente, as de Mena e a reimpressão das *Coplas do Menosprezo* (2). Além

(1) Entre elas as *Coplas* de Fray Iñigo de Mendoza, e um volume muito discutido (contendo as *Epistolas e Evangelhos* de Gonçalo Garcia de Santa Maria) que se encontra na biblioteca de Fernando Palha, em português.

(2) Vol. II, 67-69. — Cf. Braga, *Poetas Palacianos*, 127 e 132; *Romania*, XI, 154; *Grundriss*, 261. — Confira-se, por exemplo, a

disso, três fragmentos do *Cancioneiro* VII-A-3 da Biblioteca Régia de Madrid, ditas aí *do Infante D. Pedro de Portugal* (1). Serão elas realmente aquelas *gentiles cosas,* gabadas pelo Marquês de Santillana, quando, depois de 1445, escrevia a sua *Carta* (2)? Não sei. Mas sei muito bem que cousas gentis eu atribuïria ao Condestável, se fôsse lícito distribuirmos entre os líricos do século XV os cantares velhos, conservados como anónimos pelos poetas do século imediato. Parecem dêle aquelas endechas tão tristes:

Quien viesse aquel dia
quando quando quando
saliesse mi vida
de tanto bando!

recolhidas e lindamente parafraseadas por outro melancólico: o filósofo da Tapada (3).

Conheço poucos escritos do Condestável em prosa portuguesa: o *Conselho* sôbre as guerras africanas (no género dos que o Infante costumava dirigir a D. Duarte), a que já me referi; uma carta ao cronista Zurara, datada de Avis, 11 de Junho de 1460 (4), do tempo portanto em que Dom Pedro estava novamente restaurado na dignidade de mestre da Ordem (5). Aí resi-

frase *Vos soes o meu deus segundo*, com outra de igual encarecimento na *Sátira,* criticada na *Antologia*, VII, pág. CXVIII.

(1) A. de los Rios, VI, 590, VII, 74.

(2) Á *Sátira* mal quadraria aquele epíteto.

(3) Sá de Miranda, n.º 136 e pág. 447. — Cf. Caminha, edição Priebsch, n.º 255, e Bernardes, *Flores do Lima*, p. 147.

(4) No *Panorama* de 1841 (pág. 336) onde se encontra impressa, lê-se 1406, o que é evidentemente êrro de imprensa.

(5) Temos a prova em certa doação do Mestre ao seu guarda-roupa Frei Diogo de Azambuja, um dos fieis que levou a Barcelona. — V. *Documentos Colombinos,* p. 8-9.

dia doente e recluso, aterrado por novas tristezas como a morte do irmão dilecto, em Florença, e a da mãe em Coimbra. Do discurso de *despedida,* entregue à Princesa D. Joana pelo Rei D. Afonso, já ficou assente que não vejo razão decisiva para adjudicá-lo ao monarca, adjudicando-o a seu cunhado.

XI

PAINE POUR ÏOIE

A *fortuna com a sua roda* que aparece pintada no princípio da *Tragédia,* ou simplesmente *a roda da fortuna,* forma o *corpo* da emprêsa do Condestável, cuja alma reluz no lema que aí mesmo se acha inscrito: *Paine pour ïoie* (1). O mesmo moto francês encontra-se ainda em outros livros (2) e mais objectos do seu uso (3), e também em monumentos arquitectónicos, por êle fundados, tanto em Portugal, como por

(1) As devisas da dinastia de Avis são em regra redigidas em francês. D. João I escolhera *Pour bien;* D. Felipa *Y me plet;* D. Pedro *Désir;* D. Henrique *Talant de bien fere;* D. João *Jeai bien reson;* D. Fernando *Le bien me plet;* D. Afonso V *Jamais.* Esta última talvez seja português, como o *pela grey* de D. João II.

(2) Na bibliotéca do Condestável havia uma *Crónica Geral de Espanha e Portugal* em vulgar português (n.º 52), da qual já transcrevi a passagem final. A primeira fôlha, tendo uma cercadura de flores e aves, como a da *Tragédia,* ostenta na margem inferior as armas de Portugal sôbre a cruz de Avis, sustentada por dois anjos que seguram uma banda com a devisa repetida *Paine pour ioie.* — Cf. Morel-Fatio, *Catalogue*, 248, e *Romania,* XI, 159.

(3) Por exemplo uma arca em que se guardava um missal (n.º 49), provàvelmente com mais alguns objectos do culto.

exemplo num chafariz do castelo Flor da Rosa (Crato) (1), e em Catalunha onde assinalam certa filacteria de retábulo, uma janelinha do paço da Inquisição (hoje arquivo real) e as impostas de mais duas janelas (2). ¿Quando começaria a usar da melancólica devisa? ¿Aos catorze anos? ¿Sucedendo ao Infante Santo como Mestre de Avis? Subindo à dignidade de Condestável? ¿No acto de ser armado cavaleiro pelo Infante-Navegador, para em seguida marchar à frente de alguns milhares de armados em socorro do Rei de Castela? ¿Ou apenas depois da catástrofe de Alfarrobeira? O certo é que a devisa parece alusão directa ao infortúnio da sua estirpe e tradução genuina do usual estado de alma do Condestável, que só experimentara desilusões, tendo tantos motivos para esperar venturas.

Por isso mesmo é estranhável que se tenha discutido sôbre a significação das palavras francesas e que uma tradução tão disparatada como *modéstia por alegria* podesse vingar (3). *Paine pour ioie* só pode dizer: *mágoas e tristezas em vez de alegrias,* ou então *pro bono malum* (4). Mas como o *moto* realmente bom há de ser vago, enigmático e susceptível de diversas interpretações, pode-se admitir ainda a versão livre de

(1) No *Século*, de Lisboa, n.º 3.890 publicou-se em 1892 um artigo ilustrado sôbre êste castelo. — Cf. *Arquivo Pitoresco*, V, 5.

(2) Balaguer y Merino, pág. 6 e 69.

(3) Considero-a filha do que chamamos na Alemanha *Druckfehler-Teufel* isto é *o demo dos erros de caixa.* Alguem traduzira de certo, (fielmente, embora com pouca elegância) *moléstia por alegria.* Um tipógrafo imprimiu *modéstia.* E graças à inércia dos que copiam sem crítica, o ditado *modéstia por alegria* correu mundo.

(4) É o *moto* de Ariosto.

Balaguer: *sofrer para gozar*, i. é aturar penas e amargores neste mundo para merecer gozos celestes em outro melhor.

A *roda* sem a devisa aparece em alguns códices da livraria do Condestável, guarnecidos além disso com as armas de Portugal, Inglaterra, Aragão e Urgel (1). Balaguer e Morel-Fatio opinam que tais volumes pertenceram a um fundo herdado do Regente. Não concordo, embora o assunto e a língua em que estão escritos, indiquem que o rei intruso os trouxera da pátria (2). A empresa do pai era a balança de S. Miguel; sua devisa a indeterminada fórmula: *désir!* E o Condestável tinha todo o direito de usar das armas de Portugal como neto de D. João I; das de Inglaterra como neto de D. Felipa de Lencastre; e das de Aragão e Urgel pelos avós maternos: D. Jaime o *Desditoso* (✝ 1433) e D. Isabel de Aragão. — Pode ser que os volumes indicados fôssem dádivas do Infante ao seu primogénito que tanto gostava de ler, estudar e sonhar.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

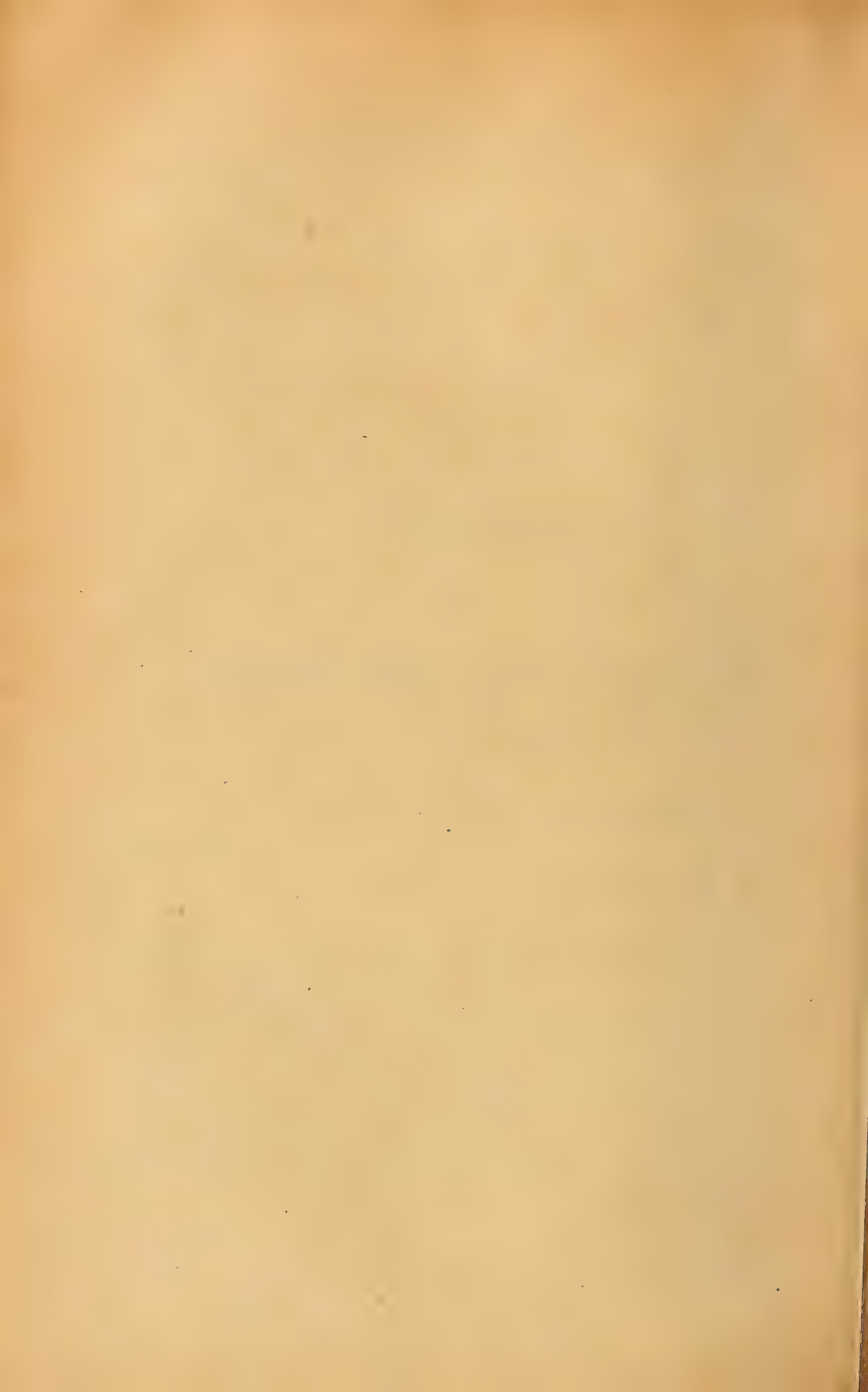
Pôrto, Abril de 1899.

(1) N.os 4, 11, 58, 80 (e 29). É todavia possível que o autor do Catálogo esquecesse de falar da devisa.

(2) N.º 4 é um *Paulo Vergério*, em português, com muitos outros tratados — certamente a tradução do Infante, com mais obras dêle. — N.º 11, um *Suetonio: Vida de Júlio César*, também em português. — N.º 58, *O Orto do esposo*, colecção de contos de que há um exemplar entre os códices alcobacenses. — N.º 29, de conteúdo desconhecido, e com o moto (deturpado?) *Sy vos no quiy eu...* — N.º 80, um tratado *da imortalidade da alma*, em castelhano.

TRAGEDIA

DE LA

INSIGNE REYNA DOÑA YSABEL

(1) — PRÓLOGO

Al muy inclito e muy honesto e loable varon JAYME, *Cardenal de Santestacio fecho por el su mayor hermano. Era millesima quadragentesima nona.*

Creeran los mas, segund yo pienso, que seyendo revocado del injusto destierro venido a la paternal tierra, algund consuelo e descanso me **(1 v.)** fuesse la tal venida al grave dolor que ove con la fin de la reyna mi señora e hermana, cuya noble anima aya perpetua folgança, mas yo te juro por los soberanos çielos, reverendissimo señor, como a muy caro hermano mio, que el contrario me avino. Ca pensando muy a menudo en aquella dolorosa muerte, e regando con manante fuente de los mis ojos las mis mexillas e aun los mis pechos, yo dezia muchas vezes contra la soberana potestad: «O eternal dios por que ante nõ alargaste el mi exilio que darle fin con tanto mal mio? O señor benigno! ploguiera a ty echarme en las Indianas partes **(2)** mas separadas deste nuestro orizonte, e bevir aquella, cuya vida era a mí vida, cuya salud era a mí salud, e por el contrario su muerte a mí muerte e destruyçion. Et como con tanto mal a mi podia venir bien, o con tan esquivo pesar rescebir algund plazer? Ciertamente jamas no puede ser; ante mirando aquella tierra

adonde murio mi señora, yo sentire doble angustia e dolor. Nõ fuera mejor que tu permitieras fuera conplido mi desseo, que bien poco ante[s] desto sabes que tenia de tomar la cruz, e yr contra aquel impio e protervo puerco devorador del tu nombre, e bevir aquella que era manto e consuelo de nuestra **(2 v.)** familia, cuya virtud e nobleza por gloria tuya no deviera morir tan en breve?» Asy te digo, señor hermano, que yo sentia verdaderamente con mi venida al reyno de mi naturaleza mas dolor que consolaçion, e mas angustia que plazer. Ca como acaesçer suele en las muertes que dizen no ser alguna syn achaque, yo desia la ocasion y achaque de mi pesar ser el revocamiento de mi destierro, a lo qual ayudava mucho aquello que algunos sabios ovieron dicho, que mi exilio seria fenesçido con mal de aquella, e la tal recordaçion me fazia del todo aborresçer mi venida, en tanto que jamas alegrar **(3)** no me podia, y por aquesto ya muy aquexado me retraxe al mejor remedio de los graves dolores. E invoque al immortal dios, e puse en mis manos algunos buenos libros, reveyendo si fallaria mal al mio egual. E asy mesmo tome la pendola por esplanar mi anxia e mi congoxa, e juntando mis males con los agenos, a menudo los retexia en la secreta camara de mi pensamiento, mirando sy tenia razon de tanta querella, cuya frequentada remembrança alguna consolaçion a mi dava, e no syn causa. Ca consuelo es a los miseros, conpañeros aver de sus penas. Metido pues en el pielago de los esto**(3 v.)**riografos e de los sabios, asy me fue tras la lectura como el pez en pos del anzuelo. Or tanto me delecte en leer e escrevyr que ya no me podia retraher de lo començado, mas al fyn forçadamente ompi la fabla con la priessa de la guerra. A la qualr

dexando todos otros cuydados me convenia de bolver mis sentidos, asy por el real mandamiento como por servyr a dios e por mi honor. Buelto ya de la guerra adonde dios en nuestras manos puso la villa de Alcaçer, luego el aparejo de retornar en Africa a desçercar aquella del perfido rey de Fez nos ocupo. Asy que la subsequente obra mia no re **(4)** vista delibere de te embiar, cortando la perezosa tela de la casta Penelope, por que ya ningund empacho me no empachasse. E tal qual es, la resçibe, señor y hermano mio, no solo por natividat, mas aun por fortuna. Or corrigela tu que estas en la escuela de Athenas, y eres docto por sabiduria e loable por costumbres mas que alguno de nuestra edat.

E desde aqui fable ella, e yo callare (1).

(5). — INTRODUZE

METRO PRIMO

O vos ojos mios, dexad el llorar
e tu, mano triste, la pluma açierta.
O tu, rude lengua, dexa de gridar
pues sabes que es çierto no ser cosa çierta.
La ciega fortuna no quieras blasmar,
tus plantos dexados, la fabla despierta
por que mi tragedia puedas explicar
e la clara fama no se quede muerta,
mas dure por siempre pues deve durar.

(5 v.) — Recuenta llorando, o bolante fama,
di e pregona en boz eloquente.
Con alas veloçes tus nuevas derrama,
e faz mi mal grande a todos patente.

(1) O verso do fól. 4 está em branco.

Abraça trigança, pereza desama,
resuenen tus gridas delante la gente,
a todas naçiones llora y reclama,
retiene mis dichos e mis quexas siente,
de los maldizientes amata su flama!

(6). — INVOCA

A ty de los grandes muy grande señor,
a ty soberano convoco e llamo,
a ty no factura, mas sumo factor,
a ty las mis preçes e ruegos derramo,
que de mi viage seas guiador.
A ty dios eterno en alta boz clamo
a ty de los flacos fuerte protector,
a ty no demando el dorado ramo
mas solo te pido tu sacro favor.

(6 v.) — Syn claras visiones no creays, mortales,
que mis cruos daños quedaron çelados,
ante creed syn dubda que mis grandes malles
dormiendo primero me fueron mostrados.
Mas ved quan adversos contra mi e quales
fueron entonçe mis tristes cuydados
que jamas quisieron á los sueños tales
darle fe devida nin ser avisados,
de los venideros daños desiguales.

(7). — VISION

La medrosa noche del todo passada
la cual sossegado avia dormido,
la luz diuturna avia llegada,
mas Febo no era aun pervenido.
E assy dormiendo me fue demostrada
la prinçesa mia, mas noble que Dido,
con muy tristes ojos e cara turbada
asy como cosa fuera de sentido
ya quanto lexos de mi separada.

(7 v.) — A la qual fablando, jamas respondio,
mas seyendo mi fabla no bien fenesçida
su gesto fermoso en verso bolvio,
e luego muy presto fue de mí partida.
En esto turbado o mesquino yo
recorde del sueño, syn ser conosçida
la vision passada que me demostro
la perdida grande de my muy sentida
donde mi mas grave pesar resulto.

(8). — PRONOSTICAS

El seguiente dia se me demostraron
muy grandes señales que mis ojos vieron:
los domados canes todos aullaron
e fuera de madre los rios salieron,
Apollo e Febo ambos se eclipsaron.
las circunvezinas planuras tremieron,
las bozes d'Eolo muy fuerte bramaron,
las aves bolantes sus pechos ferieron
e con uñas duras sus carnes rasgaron.

(8 v.) — PROSA PRIMA

DESCREVE EL TIEMPO E LA LLEGADA DEL PRIMERO NUNÇIO

Ya el primero invierno con sus esquivos frios nos combatia, ya Capricornio sus cuernos nos demostrava, seyendo aquel dia al viejo Saturno dedicado, ya el fermoso Latonigena en el oçeano pielago su dorado carro avia escondido, ya las aves nocturnas la deseada hora de caçar esperavan, al punto que yo sin ventura, retornado de los verdes campos, a los quales por deportar e aliviar mi tristeza fuera salido, subitamente me aparesçio un om (9) bre con acatadura turbada, ojos espantados e las manos una con la otra apretadas, gridando como ombre desterminado o loco.

«Da rienda a las lagrimas, apareja la paçiençia, recoge la yra, apresta el esfuerço, contrasta vigorosamente á la cruel desperaçion, conosçe la infidelidat deste engañoso mundo, confia en aquel alto e omnipotente dios que da los dones perfectos e los muy buenos benefiçios otorga. Loa los sus misterios e escuros juyzios. Sabe que la raviosa fortuna, non contenta de la muerte del tu muy noble e muy valeroso padre, fijo segundo d'aquel glorioso rey que la sua **(9 v.)** espada tan duramente fiso sentir a los Castellanos, e los sus grandes exercitos passo en las partes de Africa, ganando a los Ysmaelitas la noble çibdat de Cepta, e fijo de aquella santa reyna inglesa que tanto plugo al señor, que claros miraglos se recuentan della, e no satisfecha de la dolorosa fyn de aquel virtuoso engendrador tuyo, cuyas virtudes tanto esclaresçian que divinas mas que humanas resemblavan, aquel que passando la grande Bretaña y las galicas y germanicas regiones a las de Ungria, de Boemia e de Rosia partes pervino, guerreando contra los exerçitos del grand **(10)** Turco por tiempos estovo, e retornando por la maravillosa çibdat de Veneçia, venido a las ytalicas o esperias provincias, escodriño e vido las insignes e magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Querino tanjo las sacras reliquias, reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido. Cierto, loado fue con grand maravilla e servido de los pequeños, e con grande amor e acatamento honrado por los mayores, e avido en grande e alta reputaçion çerca de los doctos e peritos ombres. Aquel tu señor que tanto era amado del padre suyo, que tanto **(10 v.)** era preçiado del su hermano e señor, que a el sobre todos amado hermano era e maestro suyo ser lo dezia. Aquel que con tanta reverençia e lealtad, con

tanto acatamiento, con tanta humanidat, despues de puesto con las sus proprias manos al su pequeño rey Alfonso en la real silla, por nueve años lo crio, en tanta alteza, entre tantas e buenas doctrinas, quantas oy en dia en la su çelsa e real magestad resplandescen. Aquel que regio los reynos de los Portugueses por tantos tiempos con tanta sabieza, con tanta justiçia e clemencia. Aquel que al rey Johan de Castilla sostovo la real corona en la cabeça **(11)** e la moneda de Portugal en los exercitos por el embiados, de los quales tu fueste duque e conductor, fizo tomar a los Castellanos en el preçio de la propia terra, e caso a la reyna doña Ysabel su sobrina con el rey don Johan de Castilla, e a su fija con el rey de Portugal. Aquel cuya liberalidat a todos los nobles del reyno llego, e que los estraños peregrinantes tan humana e francamente acogia, cuya sabiduria a los muy enseñados enseñava, e que la santa philosophia en su pecho tenia, cuya cabeça las nueve musas que çerca de la fuente pegasea abitan del verde laurel coronaron. Aquel que era amado de to**(11 v.)**dos los buenos e temido de todos los malos, cuyas limosnas todos los religiosos e menesterosos sintieron, cuya oracion, partida en tres partes del dia, por quatro horas cotidianamente durava. Aquel que honrava los eclesiasticos e los sabios, e que amparava las biudas e los huerfanos, aquel que loava e preciava las virtudes, e los viçios con grand aborresçimiento reprehendia. E que la su vida con relox por ciertas horas a unas e a otras cosas deputadas reglava. Aquel que era regla de los principes e doctrina de los virtuosos, espejo o miralle de los bien acostumbrados. Sabe que la for**(12)**tuna e los crueles fados no fueron contentos de aqueste tan claro principe aver fecho morir cruamente

e de toda su casa con triste e grave cayda assolar, entonçe quando el esperava los quietos gualardones de la veges, e obtener las graçias de los passados grandes e leales serviçios, e la engañosa feliçidat de abondoso viento le avia fenchido las velas. Antes agora augmenta los males de la miserable familia, lo qual espantar no te deve, reduziendo a la memoria tuya las diversas caydas e muertes que esta ciega dueña desde el comienço del mundo ha fecho con los mortales, comen- **(12 v.)** çando en el primero padre derribandolo del parayso de la vida a la tierra de la miseria, e despues en Nenbrot, e Cadmo rey de Thebas faziendo lo viejo morir en destierro, e al viejo Tiestes con nueva manera de tormento fizo comer sus proprios fijos, sostenidas luengas penas e destierro, e a Jocasta e Edipo su fijo rey de Theba grandes e duros pesares padesçer, e a Theseo rey de Athenas despues de fecha injusta vengança del fijo Ypolito e veer a la cruel espada morir su muger Fedra en destierro amargoso fenesçer, e aquel grande Atrides Agamenon emperador de los Griegos, rey de Miçenas, pa **(13)** ssados largos affanes, en conquista troyana por descanso dellos a mano de Egisto ser muerto; e a Salamon de la cumbre de la sabiduria en locura e ydolatria trasformar; e a la casta Dido reyna e edificadora de Cartago con su mano matarse; e al noble virtuoso rey Creso (1) mirar al sayon que lo avia de degollar, e al fuego donde lo avian de quemar; e Xerses e Alçibiades, Amilcar e Anibal Pompeo e Gayo Çesar graves angustias e muertes sofrir, e Artur rey de los Ingleses, e Alfonso el sabio rey de Castilla de grandes señorias e potençias abaxar; e a otros syn

(1) O copista escreveu primeiro *Craso*. Riscou em seguida o *a* pondo-lhe por cima um *e*.

cuento principes muy **(13 v.)** valerosos del todo aterrar e lo que mas es las sus claras famas quasi de todo punto destroyr con la grande altesa e tendido nombre de otros, assy de los que he recontado, como de algunos que de muy baxos estados a grandes honores e dignidades los ensalço, de los quales Marco Varro, carniçero e despues ditador, e Gayo Mario, de muy baxo linaje fecho claro emperador, bien son dignos de rememorar, e mucho mas Otaviano que de pobre ombre a ser emperador del mundo muchos años fue levantado.»

(14) — FABLA EL AUTOR

METRO SEGUNDO

Ya porque tardas de me relatar
lo que te esfuerças a querer dezir!
no deves tu fabla mas de dilatar,
antes aquella deves concluyr.
Si tu los mis ruegos querras preciar,
al tu desseado fyn deves venir;
e si tristes nuevas quieres recontar,
como tu loquella faze persumir,
di me las luego syn mas retardar.

(14 v.) — FABLA EL MENSAGERO

PROSA SEGUNDA

Por tanto retardo yo de te manifestar lo que quiero, porque tu conoscas e veas claramente las varias mutaçiones de la bolante fortuna, e reguardes como ella juega e trasmuda con las cosas mundanas, abaxando las celsas a ser infimas, e las infimas levantando a las estrellas. Sy tu das fe a mis amonestamientos, tu no

te confiaras jamas por alegres muestras que aquella çiega dueña te faga, la qual de su propria naturalesa es movible **(15)**, e a menudo acostumbra mudar las cosas tristes en alegres, y las alegres en tristes; mas porque tu te apressas tan mucho, yo te anunciare la triste e desaventurada nueva, que a te dezir soy venido. Sepas que aquella que dios dexara por colunna de la su prosapia, por amparo e protection de los suyos, por consolaçion de los desconsolados, por plenaria melezina de las pasadas e crueles llagas, aquella mas perfecta prinçesa que bivia constituida en muy tiernos años, puesta en tanta alteza de estado, e çercada de tanta feliçidat mundana, como todos saben, con apressura-**(15 v.)**da muerte la arrebato de entre los braços del su muy amado marido e muy buen señor.

FABLA EL AUTOR

METRO TERCERO

Calla! no digas ni fables tal cosa,
la qual dios defienda ver yo en mi vida,
que la mas insigne e mas virtuosa
prinçesa del mundo sea fallesçida!
Calla tal nueva triste dolorosa,
e no pronostiques mi total cayda!
Bastar a ty deve mi vida llorosa:
ferir mas no quieras de mortal ferida
con tu cruel boca e boz espantosa.

(16.) — FABLA EL SEGUNDO MENSAGERO

PROSA TERCERA

Aun bien mis versos no eran del todo fenesçidos, quando mis orejas llenas fueron de bozes, a las quales,

dexado el nuncio con quien fablava, mis sentidos se convertieron; e vi un ombre con gesto turbado, la cabeça cubierta, entremezcladas con lloros tales pronun cio palabras:

«No niegues la devida fe a la cruel e espantosa nueva que te es relatada; sy yo no te lo dixesse, la bolante e parlera fama que todas las cosas divulga, te lo denunci(**16 v.**)ara. Ave por cosa çierta, que ante de la mi partida de Evora, ya todos eran cubiertos de la blanca e triste librea; ya el insigne e glorioso cuerpo de la reyna, tu señora y hermana, a santa Maria de la Victoria era llevado; ya los lloros y plantos resonavan por todas las çibdades y villas, y aun todos los caminos ya eran llenos de dolorosas bozes (1).»

(17.) — FABLA EL AUTOR

METRO QUARTO

Bien como despues que lanima parte
del humano cuerpo do fizo morada,
mover no se puede a ninguna parte
la carne mesquina, syn fuerças dexada,
assi dessentido quede por tal arte,
creyda la nueva tan dessaventurada,
de mi a la hora no sabiendo parte,
bien como persona del todo finada
que ya de la vida no le fazen parte.

[COMPARA ET PROSIGUE]

(17 v.) — Por largo espacio estove trasportado
como estatua que algo no siente,
mas desque mi seso me fue retornado

(1) Na margem, em cursivo a palavra *Comparaçion.*

vi los circunstantes llorar agramente,
e luego mis ropas romper fuy membrado;
feriendo mi rostro inhumanamente
comienço mi planto tan desesperado,
que yo me quisiera matar prestamente,
mas fuy de tal caso por dios reservado.

(18.) — So mudo silençio mis ojos manavan
asy como una manante fontana,
por los mis cabellos mis manos tiravan
no me recordando de cosa mundana.
Mas solo entonçe se me recordavan
su muy clara vida, su fin muy temprana,
daquella reyna que todos loavan,
como de virtudes la mas soberana
e la mas perfecta que quantas reynavan.

(18 v.) — [COMIENÇA SE EL PLANTO] (1)

Mas tanto que pudo mi boca fablar
gride como ombre sin todo conorte:
O caros amigos quered me matar,
o tu, paçiente dios pio i forte,
fas tu mis dolores con dolor cessar!
Morir sera vida i vida es morte;
ningund mal al mio pueden conparar
ni suerte mesquina a mi triste sorte,
ni jamas se puede mi mal reparar.

(19.) — Entonçe maldixe con mucho furor
las falsas riquezas e las dignidades,
maldixe el çelso y real honor,
maldixe a todas vanas potestades,
maldixe Antropos e su grand error,
maldixe a la gala e febles beldades,
maldixe al mundo lleno de tristor,

(1) Esta epígrafe e as mais que aparecem entre parenteses, foram aumentadas com tinta e caligrafia muito diversas.

maldixe las frescas y verdes edades,
pues salvar no pueden de muerte y dolor.

(19 v.) — Maldixe la hora, maldixe el dia
en que tanto daño se acaesciera;
maldixe mí mesmo e la vida mia,
maldixe el punto en que yo nasçiera,
maldixe la tierra que me sostenia,
maldixe fortuna que tal consentiera,
maldixe la muerte e su osadia,
maldixe la casa adonde moriera
la mas acabada dama que bivia.

(20.) — [CONTRA LOS MEDICOS]

Maldixe los doctos en la medicina,
e la su sçiençia pues tan poco presta;
maldixe la feble natura mesquina,
de los humanales a caher tan presta;
maldixe la vida de maldicion digna
que tan poco dura e tanto molesta;
maldixe la causa tanto peregrina,
de manos tyranas e cruas compuesta,
por do fue sañosa la mente divina.

(20 v.) — [CONTRA LOS SIGLOS PRESENTES]

Despues me quexaba e redarguya
los siglos presentes llenos de pecados
e de tales viçios, por lo qual creya
los buenos con muerte ser arrebatados
e quedar en vida, segund se veya,
los viles protervos e turpes malvados
con grandes riquezas con grand señoria,
de todos servidos, de todos honrrados
como providençia de dios permitia.

(21.) — E luego la culpa mas grande tornava.
a mi maladicha e des[a]ventura,

la qual çiertamente punto no dubdava
ser causa de toda mi grave tristura.
Aquesto mi mente me certificava,
por lo qual maldixe a mi triste signo
que tantos dolores e plagas causava;
maldixe mi fado maldito mesquino
que tantos pesares a mi demostrava.

(21 v.) — LA LLEGADA DEL VIEJO

En esto estando ahe vos do vino,
un ombre antigo de grand estatura,
que bien resemblava de honor muy digno
segund denotava la su catadura.
E por quanto subito sobre mi pervino,
por tanto me fizo su grand fermosura
dubdar sy humano era o divino,
mas assy oppresso me tovo tristura
que fablar no pude al tal peregrino.

(22.) — DESCRIVE QUAL ROPA VESTIA

Esplendida ropa e rica cobria,
bordada de ojos que fueron obrados
por la gran Minerva con tal maestria,
que jamas despiertos serian fallados.
En la diestra mano tres pomos tenia,
por donde tres tiempos eran demostrados;
muy passo a passo sus passos movia,
segund fazer suelen los bien enseñados;
de laureo verde guirlanda traya.

(22 v.) — Por grande espacio estuvo callado,
oyendo mis quexas e mi razonar,
mirando mi vulto en agua bañado,
fuera de su forma con fuerte llorar.
Mas ya desque vido aver declarado
mis fieros dolores e cruel pesar,
con plaziente gesto no punto mudado,

rompio el silençio sin mas dilatar,
con dulçe palabra en modo ornado.

(23.) — FABLA EL VIEJO

PROSA QUARTA

«E que fazes tu, o hombre? por ventura estas cosas son de fuerte e grande varon? Dexa, dexa los plantos e lamentaçiones a las mugeres de blandos e piadosos animos. Enxuga los tus ojos, alimpia las mexillas, pone el freno a las lagrimas, mira las cosas con mas delgado viso. Di me que es lo que tu lloras, que es lo que plañes, o que es lo que te turbo tanto e te metio en la pro(23 v.)fundeza del horrible carçel de la amargura? Diras tu que la temprana e dolorosa muerte de la muy valerosa e perfecta señora e hermana tuya. E como? tu ynoravas que con tal pacto e convenençia era nasçida que deviesse morir? E tu no sabias esta cruel ley de natura a que nos sometio aquel varon formado en el val damasçeno, la qual quiso mantener el nuestro verdadero dios tomando humana carne por nos redemir? E que sabes tu si la tal muerte suya fue a ella camino de perpetua e gloriosa vida? Lo qual es de creer segund (24) sus claras costumbres e fin bienaventurada en la sacra fe nuestra, con conosçimiento grande de dios, e arrepentimiento de las humanales menguas. Quanto mas que pues el nuestro eterno dios como general padre tiene grandissima cura de los sus fijos, el supo la convenible hora de llamar la su cara fija al desseado combite, que para ella desde *ab initio* en la presçiençia divina estava preparado. Di me, tu llorarias a tu señora e hermana, si la viesses salir de una escura e dolorosa prision al real throno e sceptro?

Cree-me que derecha (**24 v.**)mente esta triste vida a tenebroso carçel es conparada, del qual fue librada con temprana muerte aquella insigne señora e llamada al çelestial regno. Quiça tu has imbidia del su bien que tan amarga e dolorosamente lloras la su perdurable gloria? Si tu la amasses de verdadero amor, tu te alegrarias de su perpetuo plazer. El buen ortolano cogio el preçioso pomo al devido tiempo; el sabio padre caso su fija en los convenibles años; el discreto señor galardono los leales serviçios del su siervo: pues dira alguno ser estos dignos de reprehension (**25**)? o se quexara el siervo del señor e la fija del padre suyo? A que somos nasçidos, o a que fin nos produzio la divina providençia en vida, salvo para gozar de la perpetua folgança, e poseer las vagantes cadiras perdidas por Luçifer e por sus adherentes e sequazes? Toda cosa tiene su desseado fin. Pues de alcançar aquel se contristara alguno? o los amigos se condoleran de aver cobrado el su amigo el desseado e soberano bien? Si tu vieras la gloriosa fin de aquella que tanto lloras, e quisieras aver resguardo a la derecha senda de la verdad (**25 v.**), tu te gozaras con la tal muerte suya; tu sabes que todo loor en la fin se canta. O si oyeras las sus palabras, e con quanto esfuerço e fortaleza ella mirava aquella cosa mas terrible que todas, e como ella recomendo la su virtuosa anima e las sus amadas cosas, no olvidando a ty, al su muy amado señor, e como invocava a dios e a la gloriosa madre suya e al evangelista sant Johan, cuya tanto devota era, en su ayuda. O si tu vieras el su no torbado rostro e sus graçiosos ojos no demostrar la ravia de la cruel muerte, tu dixeras: «Esta mi señora no muere, mas vasse (**26**) para las celestes habitationes;» tu dixeras e jusgaras

ella no ser vençida de la muerte, mas ella aver victoria de la muerte, la qual de los que mal mueren reporta la gloria del vençimiento. Mas como podera ella dezir aver vençido aquella que en la vida mortal poco la temia, e moriendo transmigro a la immortal vida? Vencer es propriamente subjugar. Pues como se dira que subjugo la muerte al que bive e bevira perpetuamente? Por çierto, segund mi sentençia, aquel se dira morir que muere de muerte perdurable e no aquel que muere para bevir en vida felice e bienaventurada. Tu me diras no cree(**26 v.**)ria yo que aquella perfecta señora mia no partiesse desta vida sin grand lastima e dolor immenso, por partir e ser apartada de su tan virtuoso e tan mucho amado señor. Yo no te negare que sobre todas cosas sentia el tal apartamiento, e quasi olvidava con ello a si mesma, mas de otra parte pensava en como avia de pagar forçosamente aquella natural debda, e que mejor era sofrir alegremente todo trabajo que con tristeza. E despues desto se recordava del su fazedor, e que la vida, el grande estado, las riquesas, las pompas y aparatos reales, el virtuoso e alto marido, de la liberal mano (**27**) de dios los avia rescebido, lo qual le tornava, referiendo le graçias por el tiempo que dello avia usado, e como dexando claros fijos se partia, dada la desseada sepultura a los huessos del su caro padre. E acabadas en la sua fin, segund el su señor gelo prometia, las cosas que en la vida tanto desseara, la carne esquiva pena sentia por alexar se de un rey, el mas valeroso del mundo que tan verdaderamente la amava; el anima al su dios imortal desseava; las sus claras virtudes le davan esperança de bevir moriendo, e de gozar con la muerte de sempiterna vida; la su devota oraçion le prome(**27 v.**)tia folgança; las sus muchas

limosnas aun sentidas de los estraños le offreçian el çielo empireo; la su pura e conjugal castidad le dava seguridad de la conpañia de las sanctas e castas matronas; la grande caridat con que amparo e cobrio a los perseguidos de la adversa fortuna la inflamava de tal amor de dios que no dubdava gozar de su gloriosa vista. El conflicto de la batalla duro ya quanto, porque la enferma enfermedad contrastava a la felice anima que estava prompta e aparejada a la partida, mas al fin mansamente expiro el suelto spiritu, el qual no dubdes sea resce(**28**)bido en las manos de la celestial miliçia. Pues alegrate de tanta alegria, gozate de tanto gozo, reduze a la memoria tuya quantos dessearon beviendo morir, los unos desseando morir en prosperidad e no en adversidad, segund fesieron la dueña de Valida e Gayo Sçipion, e los otros que desseavan la muerte por remedio de los sus males, e ella foya dellos segund el sancto Boeçio de si mesmo dise. Pues non plangas tu de venir la muerte a la bienaventurada reyna en su prosperidad que por tantos fue desseada e querida. Di me: es otra cosa la muerte que un dolor que da fin i cabo a muchos dolores? (**28 v.**) Jamas el dolor de la muerte puede ser tan grande, que tan ayna passa, como los dolores de la humana vida que tanto duran, ya sea que la carne manda e fase sentir las tales cosas llorosas e mugeriles; mas veamos agora qual es aquella cosa que ella quiere e procura que honesta e convenible sea, por çierto ninguna se fallara jamas, aunque con estudioso e esvelado pensamiento busquemos la origen dellas. Por aventura tu negaras que la carne manda obedeçer e servir al vientre e a la luxuria e al sueño? Assi mesmo manda prosseguir la cruel vengança, agora sea justa, agora injus(**29**)ta; plaze le com-

plazer a la pereza e servir a la triste avariçia; pues assi por el conseguiente toda cosa turpe e difforme dessea e quiere, en un solo atamo no se conformando a la razon. E portanto devemos no obedeçer a sus mandados, e fuyr de su desseo como a una cruel señoria e conformar nos con la razon, con la prudençia, con la verdad, e finalmente con la voluntad del muy alto por el qual todas las cosas fueron creadas, e sin el ninguna es nin sera. Las ondas e tempestuosos rebuelcos de la fortuna fieran en nuestro pecho, mas no nos turben, e que nos turben, no ayan ni reporten de nos la victoria. No hay mal tan grande **(29 v.)** que no pueda ser sofrido. Vees este tuyo que tu piensas e dizes ser sin comparaçion, ya por otro fue sofrido tan grande e tan grave. Job no perdio los caros fijos e la fazienda e fue cubierto de lepra? Olimpias no perdio al su marido e al victorioso e exçelente fijo? No se mato Job con todos sus males, ni Olimpias ferio los sus pechos con la crul espada. Tu sabes que Thobias perdio la corporea vista, e con toda su pobredad no dexo de loar al omnipotente dios. Por aventura tu piensas de resuçitar con llores a tu señora, o con lagrimas la fazer renasçer? Cree me que offendes a dios des**(30)**plaziendo te de las sus obras, las quales siempre son buenas, justas e rectas. Yo te digo que tu seguiras discreçion, siguiendo otro viaje, e sin aprovechar a otro, ser homiçida de ti mismo, e no solo de tu vida, mas de tu anima e de las vidas de muchos que cuelgan e dependen de la tuya.

RESPONDE EL ACTOR

METRO QUINTO

Pero dulces cosas
declares e digas,

no son poderosas
de tantas fatigas,
cruezas e males
poder consolar,
ni menos bastar
pueden los mortales
a mi mal curar.

(30 v.) — Ca un tanto daño
de tantos sentido,
e mal tan estraño
poner en olvido,
razon lo demuestra
no ser razonable;
antes es palpable
esta llaga nuestra
ser mucho llorable.

(31.) — INTERROGAÇION.

E como sera
tanta discreçion
assy olvidada?
e no quedara
en nuestra nasçion
mas perpetuada?
tanta gentileza
e tanta virtud
assy fenesçida
con tanta crueza?
e tal juventud
no sera plañida?

(32.) — Con tus dulçes musas
mi animo fieres;
sin humanidad
lo recto accusas,
lo justo no quieres
ser honestidad;

por çierto tu usas
de leyes crueles
e duros castigos
pues llorar recusas
por nuestros fieles
e caros amigos.

(32 v.) — Nas cocatrizes (1)
fieras çiertamente
es bien congruente
facer lo que dises;
mas nos que tenemos
sentir e rason
sin tal reprehension
plañir bien podemos.

(33.) — Lloro el propheta
optimo varon
al fijo Absalon,
persona no recta;
lloro nuestro dios
por el su amigo;
lloro mas te digo
e plañio por nos.

(33 v.) — REPLICA EL VIEJO.

PROSA QUINTA

No tardo mucho aquel buen viejo de dias complido, despues de fecho por mí silencio, de acresçentar tales palabras: «Mas fieros son e insoportables los remedios e las melezinas a los egrotantes, que no a los sanos varones. La tu dolençia non te dexa aun sentir e juzgar las cosas segund devias, e aquella te fase aborresçer los utiles beverajos e purgas. E por tanto esfuerça-te: quita la niebla delante tus ojos. Descubre al ani-

(1) Talvez deva ler-se *A las cocatrices.*

mo tuyo de la (34) negra tela. Corta e desata las cadenas a la discreçion, e ella te guiara a otra senda. Ca bien veo yo que aun los duros golpes de la adversa fortuna no te han enduresçido como complia a grande e sabio ombre. Muelle e blando eres por çierto, e tus ojos son testigos de tu blandeza. No cansara por cosa el tu lloro, ni faran fin tus lamentaçiones. Con la duraçion de los siglos cuydas tu egualar el tu planto, e con la eternidat los tus dolorosos clamores? Por los altos çielos, no lo cuydes assi: ca non es possible que esto sea. Toda cosa gasta e consume el encanesçido tiempo. Tus lagrimas cabo avran como yo pien(34 v.)so, e tu aun a fenesçer avras que largos dias bivas. Pues lloras a otro, bien es que luego comiençes de llorar junctamente a ty; e no solo digo que llores a ty, mas aun te dire que llores e plangas a todos tus amigos e parientes que oy biven, ca ni estos escaparan de la muerte; llora esso mesmo a quantos morieron muy dignos de ser llorados; llora aquellos con los quales morio la verdad, la fe, la sabiduria; llora a los otros con los quales se partio humanidad, liberalidad, e grandeza de coraçon. E assi esparze por muchas partes tus lagrimas e faras como el pobre de seso que no sabe lo que dessea (35) o quiere, ni lo por que llora o rie. A grande locura se deve imputar contristar se ombre por las cosas que siempre fueron e han de ser, por aquellas digo que no se pueden evitar ni refuyr en ninguna manera. Ca bien de reir seria de aquel que llorasse por el temerario pecado de Adan, e por los grandes crimines que fizieron nuestros padres que fueron ante del diluvio, por donde toda biva criatura con repentina subversion gusto el ravioso trago de la muerte, o de aquel que llorasse por la excessiva sobervia del primero rey e de

su sequela por do fue causada la division de las humanas len(**35 v.**)guages, caso que estas tres sean las mayores e mas singulares perdidas que acaesçieron al humano linage. Aquel solo mal podemos plañir a que podemos resistir e por nuestra grande culpa no queremos. La yra contra este deve ser convertida: e los ojos nuestros por este deven emanar lagrimas. Estos males son los pecados en que nos por nuestra misma culpa caemos. Por estas el dulçe Çitarista que los furores de Saul solia tañiendo mitigar dixo: «*Aved ira e no querays pecar*». Mas tu, segund pienso, dexas a tus pecados estar dentro en tu seno, e tienes enxutos tus ojos de llorar por ellos, e llo(**36**)ras el bien que a tu perfecta señora acaesçio, como ya en la primera parte de mi oracion te he declarado. Por aventura no deseava aquel escogido vaso de dios de morir, como el dixesse: «*desseo fenesçer e ser con Xpo?*» No desseava aquel buen varon, guarido con el unto del pes, de partir de esta vida reclamando: «*bevir es a mi morir, e morir es ganancia?*» Or de quantas angustias es llena esta triste vida, de quantos enojos e trabajos es abastada! Ni se cuenta por luenga vida la de luengos dias, mas la virtuosa; no la que llega a un çentenario de años, mas la buena e honesta. Pues segund esto, aquella (**36 v.**) que tu lloras luengamente bivio, usando de perfectas e claras virtudes. Quien contara por luenga vida la de Sardanapalo o la [de] Dionisio Syracusano? O quien dira ser breve la de Tito, o de Duarte rey de Inglaterra, tu tio? Que gloria trata la luenga vida salvo miserias e dolores immensos? Si Priamus biviera menos, non viera sus estrenuos fijos fenesçer a crueles muertes, ni abrasar su famosa çibdat, e el su fuerte e rico Elion rompido e foradado, lleno

de sus capitales enemigos. Que al se puede dezir salvo que la luenga vida de luengas querellas es abondada, las quales nunca cansan ni çessan **(37)** si la vida no çessa? No quiero por ende que tu creas que yo te fablo assy sin toda humanidad, que te amoneste e diga que no sientas la muerte de tu señora e muy cara hermana, e que fagas, segund poco ante desias, como bestia o fiera salvage, mas quiero que templadamente tomes el tal sentimiento, e que no resembles de todo en todo, seyendo varon, a las delicadas mugeres, ni arremedes e siguas las endechas e maneras de los suzios e viles Judios, e que demuestres ya quanto querer luchar e entrar en campo con la triste fortuna, e no ser del todo caydo por sus mañas e por sus fuerças, que solo **(37 v.)** a los flacos e invirtuosos vençen e derriban. E caso que te dixiesse que de todo punto restreñiesses tus lagrimas e mostrasses alegre gesto, e non tener en extima estos rebates de aquella çiega dueña, piensas no ser util e sano consejo e mucho loable? Amigo mio, si assi lo cuydas tu yerras, ca si assi fuesse, non seria tanto loado Publius Romano, aquel que no dexo el sacrifiçio por la dolorosa nueva que le truxieron de la muerte de su fijo, ni Pericles Ateniense; ni Zenon duque e principe de los estoycos, reportaria tantos loores por aver sostenido con mucha paçiençia las muertes de sus amados fijos. Pues qual mayor amor que **(38)** de los amantes padres a los buenos fijos? Ni qual mayor dolor que perder el que ombre engendro, e es carne de su carne e sangre de sua propria sangre? Mas segund veo tu con solloços no oyes a la voçiferante rason que esparze sus clamores en contra de los que fases é dizes, ni escuchas a mi el entendimiento a que tu creer devrias, e tomas el freno de la

discreçion en tus dientes, e como espantado vas reclamando: «A que soy bivo? O por que no muero?» Como si tu oviesses de bevir e llegar bivo al espantoso dia del universal juisio. Conorta te ya si quieres, ca a seguir has muy ayna aquella que tanto lloras. Bien en breve se cumplira tu **(38 v.)** desseo. Sabes por aventura cuanta es la brevedad desta vida? Disen que los viejos de çient años no les paresçe que han bevido si no tan poco que lo extiman e comparan a nada. En mil maneras se puede complir tu desseo. Niembresse-te los muchos peligros terrestres e maritimos; niembresse-te las diversas maneras de muerte. Como a unos consumen las dolençias, a otros las agudas lanças e tajantes espadas, a otros las bolantes saetas, a otros el compuesto venino dado por los traydores, e las manos crueles de los tiranos, a otros las secretas assechanças, e las redondas piedras tiradas con la maravillosa virtud **(39)** de la polvora; a otros los roquedos vezinos de Neptuno quitan la vida e las bocas venenosas de las chicas serpientes; a otros Caribdis, a otros Çilla, a otros las maravillosas elaçiones de las marinas ondas. Assi que non te congoxes tanto, ni te apressures llamando la muerte, ca ligera e facil cosa es de alcançar. No puede ninguno escapar al su furioso dardo. A todo ombre conviene pasar por una de las tres bocas del muy terrible Çerbero, portero de los regnos de Pluto. Si tu me crees, a ty mesmo deves convertir tu piensamiento, e por tus culpas derramar tus lagrimas, e dexar aquella folgar en perpetua **(39 v.)** paz a que tu indiscreçion e conformidad de buena vida te debes esforçar de imitar e seguir. Piensa en tu mesma muerte, piensa como has de yr delante el alto juez: adonde de tus vanos clamores e gemidos superfluos seras acusado. Ally

te sera tomada muy estrecha cuenta, ally querrias tu aver despendido el tiempo en otras mas utiles cosas. Ally querrias aver dado al pobre, ally querrias aver te condolido del miserable. Ally querrias no te aver pesado de las cosas que dios fizo, e aver le temido e amado. Mas ay mi buen amigo, que aprovechara tu querer ni tu desquerer en aquella terrible **(40)** hora? Ca este carçel en que bives te fue dado para te poder condenar o salvar, fuera del cual no ha emienda ni desculpa que aproveche. E por tanto dexa — yo te ruego — estas vanas querellas. Enxuga los ojos, alimpia las mexillas, levanta las manos al señor i dy con Job: «*El señor me lo dio, el señor me lo quito; sea el nombre del señor bendicto.*» E faras como cuerdo e sabio ombre, e parescera que reconosçes el castigo de dios, e que le eres grato e bien agradescido del amor que te tiene. E que en este açote tan duro que tu agora oviste se muestra que el te ama, el mesmo lo testifica diziendo «*Aquellos que amo corrigo* **(40 v.)** *e castigo.*» Llevo desta vida aquella que tanto amavas, en quien era tu unica esperança. Esto fue quiça porque el decreto por la boca del propheta promulgado se compliesse, que no querays confiar en los principes ni en los fijos de los ombres en los quales no es salud. E tu confiavas tanto en tu señora, que tiravas la confiança de dios, e assi erravas gravemente. E agora toda tu esperança deve ser en aquel todo poderoso rey immortal a que obedecen los cielos, los mares, e las tierras. E conoçeras que el solo puede faser las cosas e desfazerlas. El quiere ser soberanamente amado, e por tanto quita las cosas mas amadas **(41)** a los que ama. No sabes que dixo el «*la mi gloria a otro no daré?*» E que es maravilloso dios, e maravillosamente faze las sus cosas? Assi

que si te contrista la perdida e abaxamiento que por esta muerte oviste, no lo deves fazer. Ca tanto es a dios levantar el miserable a las estrellas, como abaxar el poderoso a los mas fondos abismos. No levanto a David, pobre pastor, e abaxo a Saul, grande rey e glorioso? No levanto a los fijos de Israel, librando los de las oppressiones de los Egipçianos, e abaxo a Pharao con todo su famoso exerçito en medio del mar rubro? Antes te digo (**41 v.**) que esta es su manera e su ley, e aun de todos los poderosos, que por demostrar su grand poderio abaxan a los altos ombres e levantan a los baxos, e derriban en los abismos los sobervios, e enxalçan los humildes a los çielos. Pues quien mas poderoso es que dios, o quien lo es si el no lo es? E por tanto quiere el muchas veces abrir los nuestros çiegos ojos e mostrar nos su grande mando e su grande poder. Çierto, segund yo cuydo, no te he fablado nuevas cosas o inoydas, mas aquellas que los grandes e peritos varones aprovaron e rectificaron. Si no crees a mi ni a mis dichos, cree a aquellos (**42**) a los quales dios, e la natura produzio en vida por nos demostrar sus secretos. Oye a Seneca, oye a Boeçio, oye a Platon, oye a Socrates, quando desatado de las cadenas reyendo esperava la muerte, disputando alegremente con Simias e Çebes, afirmada el esperar moriendo bevir, e bolar á las celestes habitaçiones, reprehendiendo gravemente a sus amigos porque le lloravan, diziendo: «O varones que fazedes? que por tanto embie yo las mugeres, por que no fiziesen estas cosas. Yo siempre oy que el que parte desta vida deve partir en bendiçion e no en lloro.» Oye le quando le demandava Criton como queria que le enterrassen (**42 v.**), que buelto a sus amigos sorreyendo dixo: «No puedo fazer

creer a Criton que yo sere aquel Socrates despues de mi passamiento que disputo agora.» Oye le quando sabia e ligeramente respuso a Simias que le decia que no le queria ser enojoso en aquel trabajo, diziendo: «E segund yo veo pensades vos outros que yo soy de mas baxa condicion que son los çisnes, que como se sienten çercanos a la muerte cantan mucho mejor que cantaron en el tiempo passado, ca se alegran por que se van para aquel dios de quien eran servidores. E aviene assi que porque los hombres reçelan la muerte calumnian los çisnes, e dizen que lloran su mu(**43**)erte, e non piensan como ninguna ave es que cante quando ha frio, ni quando padesçe algund trabajo.» Oye a este gentil el qual fue tantos çentenarios de años primero que el nuestro redemptor e buen Ihu, e no escucho sus mandamientos, ni oyo sus maravillosas doctrinas, aquel te devria avergoñar e restreñir tus lagrimas, que tanto reprehendio las agenas e tanto retovo las suyas. Mas si mi pensar no miente, el mundo ha mucho empeorado de aquellos tiempos aca, e los bivientes son tornados flacos, delicados e mugeriles. Pero dy me, que diremos a algunos que fueron bien çerca de nuestra edad (**43 v.**), fuertes e de grandes animos? Que diremos a tan grand numero de martires que tan paciente e aun gozosamente sostovieron morir a crueles muertes? Que diremos a otros valientes e estrenuos cavalleros mas modernos e contemporaneos e mas propinquos a nos, que peleando virilmente morieron? E segund creo tu conosçiste algunos dellos. Por ventura estos no fueron ombres, e compuestos de aquella mesma materia de que agora son? De lo qual necessariamente resulta, la culpa ser nuestra e no de los tiempos, de los baxos e blandos animos, e no de la vejez de los

siglos. Pues resusçire agora e renasca en ti **(44)** un coraçon de Socrates, o de cada uno de los grandes e famosos ombres, e no te dexes caer en la baxura del orrible carçel de tristeza, la cual, como dize ele principe de los sabios, consume los huesos. E aun yo te digo mas, que el coraçon e todas las fuerças e sentidos.

(44 v.) — REPLICA EL ACTOR

METRO SEXTO

Negar la clara verdad
el exçelso se offende,
vençere mi voluntad
yo por ende,
e dire que te confiesso
que en lo mas deste fecho
sigues camino derecho
e yo sigo lo aviesso.

Mas caso que mucho crea
de quanto has relatado,
no sera razon que sea
olvidado,
que mis bienes sin mentir
todos perdi en perder la,
pues mi vida sustener la
es penar e no bevir.

(45.) — Si la vida se dessea
es por honesto gozar,
pues no se deve dubdar
quien la contra desto vea
no la dever dessear;
e sy yo perdido veo
mi plazer,
razon no manda querer
tal desseo.

Bien quiero non contristar me
con las cosas que dios faze;
mas que diga que me plaze
el mucho bevir penar me
no dire, pues me desplaze;
ca fenesçer es mejor
sin retardar
que no esquivo dolor
largo mirar.

(45 v.) — Las grandes tribulaçiones
causan pena muy mas fuerte
que nola terrible muerte,
sofrida sin dilaçiones.
Estas fueron tus razones,
esto mismo tu dixiste,
esto mismo tu posiste
por muy veras conclusiones.

Miradas mis affliçiones,
dy: como puedo gozarme
ni un punto apartar-me
de luengas lamentaçiones?
ni menos por tus sermones
alegrar jamas mi gesto,
triste pensoso e mesto,
solo de consolaçiones?

(46.) — La muerte sera mi vida,
quien lo podera negar?
ca plaga tan dolorida
no se puede soportar;
pues que gozar ya no puedo
ni quiero lo tal querer
y sin todos bienes quedo,
bevir como puedo ledo
ni de bevir me plazer?

La madre de todas cosas
natura no lo consiente

querer las cosas penosas
e fuyr a lo plaziente;
pues si la vida da pena
e la muerte dara gloria,
dezid si es razon buena
no librar se de cadena
por aver clara victoria?

(46 v.) — Por todo esto te pruevo
la vida tan dolorosa
no me ser ya menester;
esto no es a ti nuevo,
ni menos te sera cosa
de quantas pueda saber;
mas tu por me consolar
forjas de nuevo questiones
que non bastan a curar
mis tan esquivas passiones.

El bien que está por venir
no deve dar me consuelo
al mal que veo presente,
segund te plugo dezir,
si mi dolorido duelo
mirares como prudente;
ca las vanas esperanças
engañan los indiscretos
e las reales privanças
no son sin grandes secretos.

(47.) — Tu augmentas mi penar
y mi tristor,
en querer amengoar
mi grand dolor;
tu faras esto fazer,
segund pienso,
mas no mi penar immenso
desfazer.

Ca no tiene tanta fuerça
tu fablar
alli donde mas se esfuerça
de sanar
mi soledad e tristeza
sin mensura
a que no basta sabieza
ni cordura.

(47 v.) — Ny los ya passados males
no me deven consolar,
ca muy pocos puedes dar
a los mios tan mortales
por eguales;
y por tanto
mira si digo ya quanto
que lo que aviene raro
consolar mi desamparo
no deve, ni mi grand llanto.

Ay mi grand llanto, cansado
con tantos golpes y llagas,
no, no deve, no, con plagas
agenas ser consolado,
ni mi fado
sin ventura
no con agena tristura
assas deve ser plañido,
ca mas favor es devido
a mi grand desaventura.

(48.) — Dy, como puedo seguir
sobre tanta malandança
tal templança
que partir
me faga desesperança,
pues jamas se me olvida
que siempre vy
en mi vida

cuytas e mal sin medida
a montones sobre mi?

Aquesto soportar más
es muerte tan dilatada
y penada
que jamas
no fue ni sera pensada,
pues mejor sera librarme
como quiera
i matar-me
i de tal modo penar-me
que mas brevemente muera.

(49.) — REPLICA EL VIEJO

PROSA SEXTA

«No es façil cosa vencer al porfiioso, ni el coraçon enduresçido de ligero se faze blando. Ca fuerte cosa e muy diffiçil de acabar es estorçer a la franca voluntad reynante en la region del anima a contraria parte de lo que ella quiere. No vencieron, segund leemos, las señales maravillosas al duro coraçon de aquel rey egipçio de que ya fable. Ny domo Silvestre nuestro pastor al animo del mago, fecho el mira**(49 v.)**glo del toro. E por tanto, dulçe amigo mio, no me maravillo yo de querer insistir aun e emprender engañosas armas e oponerlas contra mis dichos, ca bien me sabia me yo que sanar tus llagas no se podia assi fazer ligeramente, no obstante que a ti, nudrido e criado en las philosoficas doctrinas, menos fuerça de palabras pensava yo te fuesse menester que a los otros que el dulçor de la leche de philosophia no gustaron, lo qual devia a ty fazer vergueña, e arrebatar el claro escudo e luenga lança, e armado recordarte de la disçiplina e

arte que oviste aprendido. Dime: que te **(50)** aprovechan agora las armas que te ha dado la sabia Minerva? Di me: que te aprovecha quanto tempo gastaste en mirar sus fermosas façiones? Dy me: que te aprovecha desvelar te tantas vezes por saber sus secretas enseñanças? Di me: no se aprenden las cosas para el tiempo del menester? El cavallero traeria las armas, si le no aprovechassen en el tiempo del peligro? Antes aquel se dira covarde e de flaco coraçon, que con su armada mano en la necessidad no se sopiere defender. Pues que dire de ty, que armado no solo de armas de defensa, mas offensibles, metido en trançe, eres ol**(50 v.)**vidado de ti, e ni te sabes defender, ni menos offender a tus capitales enemigos, que son la grave tristeza e cruel desesperaçion? Çiertamente, tu injurias a la divinal sabiduria e mas a ty, ca arremiedas a los enamorados perdigones, que tomados en el filo tirada la cola, librados de la liberal mano del caçador, con olvido entrebuelto con ardor de amores, recaen en las primeras prisiones. E tu que solias oyr e leer las utiles doctrinas de sapiençia, tanto que partido e separado del lado de aquella, olvidaste las sus amonestaçiones e tornas a recaer en aquello que te ha seydo **(51)** tanto reprehendido, e que tu conosçiste claramente ser tu mal e tu daño. Mas creo, si bien mirares en torno de ty, que ella no se ha partido de ti, mas tu te apartaste della. La sapiençia te sigue e sera contigo mientra tanto que tu la buscares. Nunca ella a ningund su enamorado denego la bella e clara has. Pues busca la e fallar la has. Falla la e alegrar te has. Vende a tus viçios e a tus superfluos cuydados, e compra la piedra preciosa comparada al reyno de dios. A ty es mas ligero de lo fazer, pues conosçes alguna cosa

del su sin extima va(51 v.)lor. Rememora sus dichos e veras que en los tiempos passados una de las principales cosas que te amonestava assi era, que te armasses contra la triste fortuna. Non te amonestó por la boca de Seneca disiendo: «Quanto mas es dubdoso el alto estado, tanto tu deves estar mas fuerte con tu constante passo, ca non es virtud dar las espaldas a la contraria fortuna?» E aun por exemplo de la vida de Diogenes e de Estilbon te lo confirmo, que los bienes mundanos tovieron en ninguna extima; e oy en dia te lo muestra por los frayles menores, que buscando la vera sabiduria, el honor e rique(52)za mundana contempnen e desprecian. La soledad, de la qual te reclamas e quexas tanto, quien la seguio salvo los buenos e sanctos varones? No busco amigos Paulo, primo heremita, ni Jeronimo amava la compañia fuyendo al desierto, ni Johan mayor entre los fijos de las mugeres no redarguyo ni acuso a la soledad, andando en las solitudes comiendo yervas. Creeme que nunca beviras gozoso con alguna compañia, si primero no te gozares contigo mesmo. Dentro en tus entrañas busca el alegria verdadera, la qual dentro en tu anima, faze habitacion: alli tiene ella su propria morada. (52 v.) Quando aquesta fallares, te alegraras solo, pobre e aun fambriento. No oyste tu de Françisco, como desnudo se rebolcava por la nieve, e como el respondio a los que se reyan del porque en las grandes invernadas andava tan mal arropado? «Si caridad oviessemos, dixo el, pocas ropas avriamos menester.» Pues mira aqui como la verdadera alegria del animo faze alegremente soportar pobreza e frio e soledad e escarnios. No se contristo el mas quando le dieron los palos por lo que avia comido, que se alegro con el manjar que comiera. Ny

creas que la prosperidad mundana acrescienta (53) mas alegria. Ca no veemos los prosperados caresçer muchas veces de gemidos e de lagrimas; ni se lee de Xerses grande rey que con pregon general prometio çierto preçio a quien le mostrasse nueva manera de delectacion, que fuesse todos tiempos alegre; antes es de creer que quando el, fuydo de la batalla que avia perdido, viesse el rio tinto de sangre de los suyos por do queria passar, el agua del qual beviendo dixo que nunca avia bevido tan dulce agua, que el derramaria en grand abondo sus lagrimas, pues las derramo mirando la su caballeria, por que antes de çient años seria fenesçida del todo (53 v.). Nero crudelissimo entre los ombres, emperador del mundo, buscava las concavidades e escuresas so tierra. E como se creera su coraçon ser alegre que en tantos temores ardia, e que de tantas angustias era combatido, e que de tanta furia era abastado? Assi lo quiso dios e la fortuna, que por la mayor parte la real celsitud e grand señoria tengan mas de cuydados e de gemidos que no el estado baxo e pobre. No solamente esto nos enseña la evangelical doctrina e la sacra theologia lo confirma, mas aun por permission de dios el falso e cruel enemigo, en aquellos tiempos dador de maravillosas respuestas, assi lo (54) denuncio diziendo: la feliçidat de Sofocles ser mayor e mas alegre que la de Giges rey de Lidia. El negro pan e grueso manjar otorgan los seguros sueños, e la pobreza quita las curas. E por el contrario los que comen delicados manjares aun dormiendo temen, e recordan en medio del sueño, estremesçiendo e dando bozes, e non sin razon, ca algunas vezes en sus proprias camas los riços de los sus mas familiares han seydo muertos. En nuestros tiempos mato un cama-

rero a un cardenal su señor. Otros son que comiendo temen el venino, e fazen fazer mil salvas e mil diligençias por (54 v.) guardar-se de la osadia e de la maldad de los mortales, avisados de lo que dize Seneca, que en el oro se beve la ponçoña. Quieren todos los prudentes ombres que jusgasse sabiamente aquel rey, que tomada la corona en las manos mirando la dixo: «O corona complida mas de nobleza que de bien aventurança, si alguno te conosciesse bien como eres llena de amarguras, de cuydados e miserias, si te viesse yazer en tierra, non te querria levantar.» Mas dexando agora esta materia tan làrga e tan diffusa, a que con grand difficultad se podria fallar cabo, retorno a redarguyr tu loca deses(55)peraçion, que dises, mejor sera matarme que soportar aquello que con tanta pena soportas. Amigo! amigo! ploguiera a dios que nunca los mis oydos oyeran tales palabras, ni que tu boca las dixera, aunque en parte no te pongo tanta culpa, ca mucho poder alcança la reziente tristura causada de verdadero amor; mas por tanto llaman al varon fuerte, porque tiene fortaleza contra las cosas fuertes; e tu no contra las cosas flacas te deves oponer que requieren poca fuerça, mas contra las mas fuertes e mas esquivas. E que esta sea muy dura a ty, yo no te lo niego (55 v.), mas por tanto te amonesto que seas fuerte contra ella. E tu diras que no puedes, e que es bueno esto de dezire malo de fazer. Yo te respondere que si quisieres podras, ca *a los que demandan sera dado,* e *a los que baten se abrira,* dize el señor. Tal palabra como aquella no la quieras dezir, ca yo te çertifico, que no solo en lo fazer o lo pensar, mas en lo dezir offendes al muy alto. Responde me agora no con solloços, segund ante fesiste, mas alimpia tus ojos e abre

tus orejas, e con despierta e verdadera boz me dy, si te ensañarias fuertemente contra un tu siervo (56) que se diesse la muerte? e si podiesses dar le grave pena, no gela darias, porque se mato sin tu voluntad? Esto no lo negaras tu, e menos ternas la contra que mucho mas offenderas tu a dios de quien has resçebido la vida e todos los spirituales e corporales bienes, que el siervo te offenderia, por cortar la tela de la humana vida ante que a su devido tiempo, por su soberano mandamiento, sea cortada. Dios tiene singular cuydado de los ombres como padre de fijos, e como sabio e grande maestro govierna e administra los bienes e los que nos llamamos males a los humanos (56 v.), el qual cuydado a el devemos dexar e no querer con excessiva presumpcion anteçipar la su obra e lo que a el pertenesçe e no a otro. E por esto muy gravemente offenden la majestad divina los homeçidas, ca se occupan del poder de dios el qual da la vida e la quita. Assi que a ty no solo no te conviene matar te; mas aun dessear la muerte, si no quando a dios plaze, la razon no lo otorga. A menudo e mucho a menudo dios da pena e dolor en este mundo, por tal que purgado de todo pecado seamos libres de las eternales penas. Dizes: «pena es a mí bevir», por tanto deves dessear la vida, por que con la tal pena de (57) aquellas infinitas penas seas librado. Los Çaragoçanos prestaban antiguamente sus cosas a pagar despues de la muerte. Pues assi presta tu un poco de vano deleyte, porque en aquel siglo bienaventurado ayas innumerables deleytes para todo siempre jamas. Que deleytes o que gozos son los desta mesquina vida que tanto devamos preçiar que por ellos offendamos a dios? o que penas e tristezas son en este mundo, que por las refuyr le enojemos? Pues que

assi es que las penas en breve pasan, e los otros como flores peresçen, no hay cosa muy dina ni cosa muy alegre en esta vida por la su brevedat. (57 v.). Di me: quales son aquellos bienes que tu has perdido por perder a tu señora e hermana? Perdiste por aventura la sapiençia o la piedad? perdiste la fortaleza o la justiçia, o cada una de las theologicas o intellectuales o morales virtudes? Si verdad quieres dezir, responderas que no; ante creo que diras solamente que te vino una floxeza e una desconfiança de las cosas mundanales que no tienes cosa terrestre en alguna extima, por lo qual pierdes a tus negoçios e lo que tu piensas que te cumple. E si assi es mucho te deves gozar si ovieres memoria quanta carga te sea tirada, quanto enojo e fa(58)tiga. Por çierto, vida malaventurado e comparada al infierno es la de los negoçiantes. Mira que andar tan descompassado es lo suyo, mira que bozes tan discordes, mira que bollir de manos e que difformes gestos fazen! Piensas ser bienaventurança aquella cuyo rostro suda muchas vezes con trabajo del spiritu e del cuerpo? Cuyo fablar es mentir e porfiar, cuya costumbre es abaldonar se a menudo con vil e captiva gente, llevando portadas (?), e continuamente sofriendo injurias e amenguamientos, el bocado apena llevando a la boça en sossiego, ca la su mesa aun de los negocios esta çercada, e la su (58 v.) casa llena de aquellos a quien deve, los quales en logar de amigos tiene por enemigos. El su coraçon de mil avariçias es acompañado, e el su cuydado de cobdiçias bien basteçido. Fazer engaños e fraudes son a ellos dulçes deleytes. Usan seguir la çiega fortuna, e nunca la virtud. Honran e preçian los privados e favoridos pero sean protervos e malos, e los desfavoridos en caso que sean buenos

maltraen e fuellan de baxo de sus pies. No solo las missas no oyen i las sanctas horas, mas los mas de los dias al su fazedor e redemptor Ihu no veen, ni buscan, ni adoran, ni la palabra de dios **(59)** oyen ni escuchan jamas. Si alguna limosna fazen, o es por vana gloria o por encubrir su infidelidad, o por cerrar la boca a los predicadores de sus malos e feos fechos. Pues amigo, tu llamas a estos bienes que con tanto trabajo, disfamia e pecado se alcançan? No es dubda que los bienes de los negoçiadores mas sean males que bienes, no digo aun quanto a dios mas quanto al mundo. No se te recuerda de Bias, al qual llamamos Estilbon, como echado de su çibdad llevo una sola vestidura, preguntado por que no levava mas de sus bienes, respondio: «todos mis bienes comigo lle**(59 v.)**vo,» juzgando los bienes de la fortuna no ser bienes, e solo aquellos ser bienes que son fixos en el animo, sobre los quales la fortuna, ni los principes, ni aun la muerte no tiene poder. A estos tales preçia tu e adquire e busca con toda diligençia, e si estos has perdido, con razon espar- ses tus lagrimas, ca non es perdida comparada a la perdida de la virtud e de la bondad. E si ti cuydas, segund dexiste, que solo la vida es de preçiar por aver gozo e plaser, tu verras en lo pensar, ca segund plaze al principe de la philosophia, la virtud no es de amar por el deleyte que de ella procede, segund querian **(60)** los Epicuros, mas por ella mesma, assi como la justiçia no se deve amar por loor o vana gloria, o por aver el amor popular, mas por que ella es cosa sancta e honesta. Pues menos deve ser la vida de dessear por plazer ni goso mundano, mas solo por tal que usando virtuosamente sirvamos a dios con fructo de buenas obras, e fagamos penitencia biviendo de nuestros peca-

dos e de nuestras culpas, por que purgados e limpios bolemos e vayamos al çelestial reyno, adonde bivamos en perpetua folgança, e seamos fechos bien aventurados.

(60 v.) — RESPONDE EL ACTOR

METRO SEPTIMO

Bien otorgo tus razones,
mas dime: por que no guardan
los mas cuerdos tus sermones,
e todos tiempos esguardan
a otras opiniones
bien diversas e contrarias?
de quanto m as relatado,
si esto has acatado,
por tus palabras sumarias
te pido ser declarado.

(61.) — FABLA EL VIEJO

PROSA SEPTIMA

Çiertamente, tu fazes agora una question la qual al vulgo paresçeria difficil de responder, mas no a los scientes e peritos ombres, a los quales no se esconde que la cordura e prudençia de los mortales sea bipartida. E assi por cada una de aquellas dos partes, segund dos varios entendimientos, llamamos cuerdos. Los unos son de los negoçiantes, e que enseñorean o se fazen enseñorear por su sabiesa e malicia, e aquellos que ponen toda su feliçidade en las **(61 v.)** cosas deste mundo, assi como en la riqueza, en la fama e en el poderio e mando, e en las otras cosas semejantes. Otros son que miran las cosas con viso mas derecho e mas çierto, los quales contemnen e despreçian todas

las cosas vanas e caducas, e destos son dos maneras de vida. Los primeros que de todo punto no curan de los mundanos bienes, los segundos que no dexan aquellos e los posseen, pero con coraçon limpio e con honesta vida, tiran se e apartan se quanto pueden de los engaños e maldades del mundo, e aman e honran la virtud e la bondad. E fablando de los primeros, entrebuel(**62**)tos en los desseos mundanales, que son los mas de los biventes, a estos llaman vulgarmente cuerdos e discretos, por su astuçia e por su audaçia, e aun por su maliçia. Ca tomando a unos, fazen amigos de aquello a otros, mintiendo e quebrantando la fe, e prestando dineros a usura, ganan la pecunia e la riqueza, con la qual se fasen maravillosos delante los de los ombres, trayendo ricas ropas é gruesas cadenas e valiosos joyeles, e las preçiadas peñas de las setentrionales regiones. Dessean novedadas e batallas e derramamiento de sangre; pensando en agua turbia pescar e facer se grandes re(**62 v.**)buelven discordias e sembran escandalos, e meten a todos en bullicio, e siempre tienen a la parte mas poderosa, no porque a aquella sean mas obligados, mas porque es mas segura, e a ella se acuesta mas el interese. Estos tales con tales costumbres son avidos por discretos, porque paresçe que la fortuna que a muchos derriba no tiene poder sobre ellos, ante caen siempre de pies como el gato e el ximio, e medran e valen entre los rebuelcos de la fortuna, e son privados e allegados al rey e al principe, e alcançan aquellos bienes que los ombres dessean alcançar. Assi que (**63**) la mayor parte de la gente los piensa no solo ser cuerdos e sabios mas aun bienaventurados, e no mira la humana çeguedad como estos, dexando la lealtad e lisonjando muchas veses

medraron, como no aman ni conosçen a Dios que todas las cosas crio, como ensuziados en diversos pecados suben a los honores e dignidades, como bien amenudo biviendo resçiben galardones de sus feos fechos con muertes e con prisiones, e como no se pueden escusar pero escapen aqui de penar perpetuamente en el infierno adonde no es redempçion. De los tales me has tu fablado **(63 v.)**, segund yo cuydo, mas a estos no llames tu jamas ni pienses ser sabios ni discretos, ni sigas la popular opinion, la qual es ciega e errada, mas de los grandes e scientificos ombres, e juzgalos ser mesquinos locos e infelices, pues dexan las cosas mejores que son las virtudes, e buscan las cosas viles e terrestres de poca duraçion, de poca estabilidad e de poco gozo, e de mucha pena e afan e tormento. E solo extima e juzga los virtuosos amadores de la virtud por sabios e cuerdos, ca estos tienen en el çielo e en la tierra grandes e perpetuos galardones. E si tu me dixeres que **(64)** a muchos destos vees desmedrados, pobres e aborresçidos quasi de todos, yo te dire que no es fuera de razon que assi sea, antes es bien razonable, porque assi como entre los piratas o corsarios de la mar el philosopho no seria preçiado, salvo aquel que con iniquas e crueles manos robasse e matasse, e no aquel que en alto ingenio floresçiesse, mas aquel que en la robusteza e valentia del cuerpo, assi entre los ombres de los quales bien pocos se fallan buenos, no pueden los virtuosos ser preçiados, ca toda cosa busca e sigue su conformidad, e fuye su contrario. El **(64 v.)** fuego no se apega a lo caliente? e no busca lo çelso a lo sublime? e lo pesado no busca lo infimo e lo baxo? E assi los malos cuyo numero es infinito honran e precian a los malos, e menospreçian a los buenos. Mas

no crees tu por tanto que a los virtuosos puede ser tirada su celsa e alta dignidad, caso que assi los veas e jusgues menospreçiados e aborresçidos de la gente, ca este mesmo menospreçio e aborresçimiento los faze mas dignos e mas excelentes, ca provando la su paçiençia, la su magn[an]imidad e firme virtud, mucho mas los faze esclaresçer, no solo delante el alto rey mirante todas (65) las cosas con justo juyzio, mas aun delante los discretos ombres, quedando la su memoria immortal por todos los venideros siglos. E por el contrario a los malos sus dignidades, sus potençias e señorias los fazen mas indignos e mas mesquinos e mas viles, e obfuscan e entenebreçen mucho mas aquellas sus nombres e sus vidas; ca quanto son puestos en mas alto logar, tanto mas se demuestra su indignidad, mostrando su maldad e su locura e su desmesurada cobdiçia, e quedando por ello mas perpetuado su disfamado e mal aventurado nombre, el qual no so(65 v.)lo en su vida mas por luengos tiempos es maldito e vituperado. El muy alto dios assi como muy sabio e muy justo distribuidor de las gracias e de los dones, da a los malos invirtuosos las cosas baxas e viles, e a los buenos e justos las cosas altas e nobles, a los unos dando los terrestres bienes de poca duraçion e stabilidad, e a los otros guardando los çelestiales e eternales bienes. A los primeros fartando la su ardiente cobdicia com pompas e riquezas caducas e transitorias, a los segundos colocando los en el çielo como dioses, perpetuando su glorioso nombre (66) allende de la duraçion de los tiempos e a los otros dando las llamas infernales en perdurable galardon de sus malvados e crueles fechos. E por esto no te maravilles de veer los virtuosos desmedrados e pobres, ca dios extima los galardones mun-

danos para sus grandes meritos pequeños e baxos. E algunos dellos que son de mas elsvados e fuertes animos no se curan de los tales bienes, ni los acquiren ni dessean, ante los menospreçian e se ryen de aquellos que los buscan en las cortes e en las grandes çibdades con grande cura e trabajo, bien como de aquellos niños que **(66 v.)** piensan tomar con la mano los atamos que se demuestran en el sol, ca lo uno e lo otro todo es juego e vanidad e locura.»

RESPONDE EL ACTOR

METRO OCTAVO

Ya que me fuerças con fuertes razones,
a que defensa ni repuesta queda,
demuestra me como alegrar se pueda
mi animo triste sin consolaçiones,
ca si tus sermones
e si tu ayuda me no dan ayuda,
jamas mi cuydado averla no cuyda :
tanto augmentadas son mis affliçiones.

(67.) — Tan mucho cargado estoy de tristeza
i en tantas partes me fallo ferido
que todas mis fuerças, seso e sentido
me ha derribado su mortal graveza.
Con tanta crueza
ferio nuestra casa la çiega fortuna
que ya no confio dayuda ninguna
salvo de dios e de tu dulçeza.

«Ferio nuestra casa, mi padre matando,
principe claro, mejor de los buenos,
mis nobles hermanos e mí desterrando
injustos sietaños poco mas o menos;
ferio nuestro vando,
a unos con plagas, a otros con muerte.

a mi desolado, sin todo conorte *(sic)*
de todo lo mio me deseredando.

(67 v.) — E toda sangrienta, de males no farta,
mato mi señora e hermana cara,
aqueste mal solo matierra y aparta
de todo consuelo, e mi fin prepara.
Pensays que pensara
veer tan esquivo e grave pesar,
sin con mis manos a mi no matar
por que a mil muertes con muerte matara?

Pues todo considerado,
apresta tu melezina
e a mis ruegos inclina
tu saber e tu cuydado;
cansaçio no te retraya
ni te fatigue fatiga;
sea piedad amiga,
e crueldad lexos vaya.

(68.) — Esto sé que tu faras
por mi amor dulçemente,
pero no se si podras
acabar lo prestomente,
ca sin ayuda divina
semblantes cosas e tales
saludes universales
no han tarde ni ayna.

Mas como fuerte te esfuerça,
invocando al dios trino,
pio, clemente, benigno,
e forçaras toda fuerça.
Quien a esto no sacuesta
no faze segura via,
e quien no tiene tal guya
de balde faze su cuesta.

[COMPARA]

(68 v.) — Bien como çiervo, cansado
que va de luenga corrida,
dessea como la vida
al lago muy desseado,
assy estoy desseando
de oyr tu oraçion,
tu doctrina, tu lection,
tu dulçe fablar prosando.

De ty obtener
aqueste provecho
en aqueste fecho
puedes conosçer,
que saber
no dubdes querria
fallar bien la via
del vero plazer.

(69.) — De antes turbado
tan mucho estava
que poco curava
de ser conortado;
mi fado
ser de mi plañido
con grande gemido
era mi cuydado.

Mas ora ya quanto
se y tengo visto
que de mí bien quisto
no deve ser tanto
mi llanto,
que pro no me faze
pues qne no desfaze
mas faze mi plànto.

(69 v.) — E no se fallar
modo mi manera

que pueda ni quiera
plazer dessear,
si sanar
quieres mi mal fiero,
aquesto primero
me deves mostrar.

FABLA EL VIEJO

PROSA OCTAVA (1)

Bien veo yo, por lo que has declarado en tu dulçe canto, que alguna cosa se ha quitado la niebla delante tus ojos, e que con viso mas **(70)** agudo te esfuerças mirar la derecha senda, la qual, como dezia philosofia a Boeçio, no dubdes te levara a tu patria. Mas no aun del todo lavaste las lagrimas y entrañables lloros, e aun tus sospiros e gemidos no te dexan veer perfectamente la clara lumbre, mas assi como ombre que despierta de luengo sueño, poniendo la mano delante los ojos, con miedo la miras e reguardas. Esta es usada costumbre de todos aquellos a que las luengas tiniebras dio obscura ley, que validos les aborresçe la claridat, e no la pueden sin pena y afan mirar. E algunas vezes, o las mas, el mucho uso se con**(70 v.)**vierte en naturaleza. E assi se faze los mezquinos folgar con la vida mesquina, los tristes con la tristeza, e con la vileza los viles. Afirman que los que son caydos en yerros en algund arte peores son de tornar a la verdad e de alcançar aquella que no los que nada saben. Tanto se ha apegado a ty la tristeza e dolor, que te han transformado de tu propria natura en otra, assi como Anteon en ciervo. E ha te sometido a tales

(1) *Novena*, no original.

errores, que aun yo me maravillo como pudiste tanto levantar tus ojos a la clara verdad, e la conformidad de la tristeza por grande espaçio te he fecho desconosçer a la (71) verdadera folgança, e tanto desconoçida esta de ti que solo no la desseas ni quieres conosçer, como en tu metro confessaste, por lo qual el camino de tu salud te es innoto e andas errado, penando por la fragosa sierra de falsedad. Amigo mio, si tu quieres melezina, la cual demandas, e quieres que ella te faga provecho, pues ya tomaste los devidos preparatorios, cumple que te aparejes con presta e alegre dispoçion a tomar la, ca disen los medicos aquella medicina prestar mas, en que el enfermo confia, e que es resçebida con desseoso animo, porque señal es de corrupta complession no (71 v.) dessear la cosa de la salud. Tu a mí demandas melezina, e de otra parte declaras no saber manera como puedas dessear plazer. Si tu quieres melezina, dessea la e toma la con desseosa sed, beviendo la junctamente, e no a bocados. Si tu eres formado de la natura humana, tu dessearas el bien e aborresceras el mal, e si con aquella conformarte quisieres, seguiras la verdad, e aborresceras la mentira, ca dios, que es la mesma natura, al ombre fizo derecho, y el se mesclo en diversas questiones. Aparta de ti los vanos e tristes pensamientos, recoje las lagrimas, fuye las dolorosas recordaçiones (72) e mucho mas la oçiosidad viçiosa, madre de la tristesa e de todos los viçios. Considera la poca duraçion de todas las mundanas cosas e la vanidad dellas, no tomes cargos ni cuydados insoportables, mas toma en tus manos los buenos libros, e lee la moral e sancta doctrina, escucha los sanos consejos, ama la compañia de los buenos e de los sabios, e piensa en amar e temer a

dios, e assi podras no solo dessear plazer, mas aver lo e alcançar lo. No pienses tu, dulçe amigo, que aquellos que vees reyr e dar bozes en las cortes e palaçios alcançen el verdadero plazer, ca sepa(72 v.)rados son de aquel por grandes terminos, ni tu no dessees aquel plaçer que tan ayna fenesçe, ca locura seria por lo que poco dura trabajar mucho. Trabaja te e busca la bondad e la virtud e el temor del muy alto, e si esto alcançares, alcançaras aquel plazer sobre el qual los reyes, los principes, las adversidades mundanas no tienen poder. No busques aquella cortesana alegria que toda redunda en gula, en luxuria e tafureria, e que con el su mesmo ser trae tristeza e aborresçimiento, ruydos, discordias e beudez e aun desvergonçamiento: comiendo a dispensas agenas con pobreza de moneda e de spiritu (73), levantando nuevas e mantiendo con mengua de fabla e de discreçion, fasiendo se truhanes e juglares por caber con los señores e con los ricos. Busca la grandesa del coraçon e la prudençia, e ellas te demostraran maneras como alegrarte puedas. Mirando la vilesa e poco animo de los otros te extimaras de grande preçio. Menospreçia todos los mundanos bienes e honores e conosçe la su vileza e infidelidad, e con quanta angustia e anxia se han, e luego se aliviara tu tristeza e dolor. Deslia estos cuydados vanos, desata todas las congoxas superfluas que te atormentam, e si fueres libre, luego seras alegre, e (73 v.) gozoso, ca la servidumbre causa la tristeza e la libertad el alegria. E caso que posseas honores e bienes mundanales, todavia te amonesto que no seas siervo de aquellos, mas ellos sirvan a ty, segund es devido e por el exçelso fue mandado, ni confies en ellos, ca no pueden socorrer en el tiempo del menester, ni pueden dar salud en la hora

del peligro. Viste al de Bivero, de pescador que fue, tan prosperado que los condes e grandes de Castilla yvan a su casa, e muchas veses dos çentenarios de ombres a cavallo le acompañavan en la corte, e las sus nobles casas de oro e de plata ser llenas, e en aquel mesmo dia que lo dexaste de veer **(74)**, ser derribado como perro de una varanda, despues de despedaçada la cabeça, que quasi a toda Castilla governava. E viste al fazedor deste crime en tanta çelsitud e prosperidad, que el se pensaba ser mejor que el rey don Johan, tu tio, dando a besar la mano a condes, e acompañando la su vandera de quatro mil lanças, e ayuntando los thesoros de Mida en Escalona, no timiendo a dios ni a la su justiçia, e señoreando con dura rienda a los grandes como a los pequeños, posseyendo çibdades e villas e gran numero de vasallos, e sin defensa de todo ésto ser degollado con pregon en la plaça de Valladolid, e la su cabeça ser puesta **(74 v.)** nueve dias en un palo, e el su nombre de tirano cruel ser divulgado por el pregonero e por otros muchos. Pues qual exemplo te deve mas de avisar que estos dos que tu viste? o qual cosa es mas manifiesta para demostrar la infidelidad de los temporales bienes que esta que tu viste? o que figura se puede fazer por do conoscas patentemente quanto los dones de la fortuna sean de despreçiar, que esta que viste no ha aun quatro cumplidas çirculaçiones del sol por el eternal dios? Todas las caydas antiguas, assi de Çiro como de Alexandre e de Salomon que fueron avidos por monarchas, e las de Aman e de Joab que **(75)** con los reyes Assuero e David privaron, no son tanto de rememorar. No digo por la grandeza d'estas, mas por la antiguidad de aquellas, ni fablo por no ser dignas de mayor maravilla las unas, mas por la

çertinidad e presençia de las otras. Aunque assi sea çegado ya el humano linaje, e assi los animos de los ombres enduresçidos, que tan poco temen los males presentes como los passados, e tan poco retienen en la memoria las contemporaneas caydas, como las antiguas, e tan poco dan por las unas como por las otras, pensando aun lo que veen todo ser novelas e fablillas de viejas, lo qual **(75 v.)** es señal manifiesto de grande e irreparable destruyçion, por que el inmortal dios, benigno padre de los ombres, castiga a sus fijos con dulce mano e blando açote, e no prestando el tal castigo, otra vez los torna a amonestar blandamente; e aquellos que falla ser incorregibles, proseguiendo el vigor de la su justiçia, dura e terriblemente los condemna a esquivos tormentos o biviendo o despues de la muerte, aunque a los dignos de total condemnaçion por la mayor parte despues de muertos las animas pena, por que en el dia del juyçio no se querellen que del todo han seydo malaventurados **(76)** en esta vida e en la otra. Mas dexando esto vengo a tus largas querellas e a tus grandes quexas que has recontado, assi del tu muy virtuoso padre como de los tus claros hermanos, destierro tuyo, e dolorosa muerte de la insigne reyna hermana e señora tuya, de que tanto te condueles. E sepas como ya te he manifestado, que aquestas e semejantes cosas no son nuevas, mas tales que muchas vezes acaesçieron e acaesçen quasi cada dia. Por ventura no fue Boeçio varon santo e noble sin toda justicia desterrado e muerto, e assi mesmo Çipion el mayor, e otros infinitos de aquel **(76 v.)** tiempo? E Johan, oy en dia reynante en Navarra, esforçado prinçipe, no fue desterrado e vençido en campo? e sus hermanos, el infante don Enrique e don Pedro, claros cavalleros,

desterrados dos veses? e muertos el uno con fierro e el otro con piedra de una lombardeta? e todos sus aliados e sequaces destos desterrados e fuydos del reyno de Castilla, del cual su padre destos señores fuera regidor como el tuyo de Portugal? Mira en esto e veras no ser muy dessemejables los males vuestros de aquellos. Mas assi como ambos a dos fueron regidores e fijos mayores despues de los que reyna(77)ron, assi los fijos del uno e del otro destierros e grandes infortunios han sostenido. O juyzios de dios, dignos de grand maravilla, al humanal linaje del todo encubiertos, que los fijos destos dos principes que con singular lealtad a sus pequeños reyes con sus manos en las reales sillas pusieron, conservando e defendiendo fuertemente los bienes de la corona, fuessen despues tan inhumanamente echados fuera de los regnos de su naturaleza! Mas çiertamente quien atento reguardar quisiere, bien vera ser conveniente al mundo semejantes galardones. Ca di me, los que andan en las tinie(77 v.)bras, pueden fazer camino derecho? Çierto es que no. Pues assy a grand ventura pueden fazer cosa bien e derechamente los ombres en tanta obscuresa de trabajos, de angustias e de viçios; ni a dios plaze que los ombres tiren la confiança del e la pongan en los mortales; antes les demuestra quanto yerro es fiar e poner su esperança en aquellos que por singulares serviçios dan muertes e destierros e prisiones. El nos demuestra bien e claramente lo que nos devemos seguir, mas nos çiegos e insànos, no lo conosçemos, e caso que lo cognoscamos no lo seguimos (78). Parto me de los exemplos, de los quales quasi infinitos podria recontar, ca no son llenos los libros e coronicas salvo de muertes e de caydas de prinçipes e de cavalleros. E digo que te esfuer-

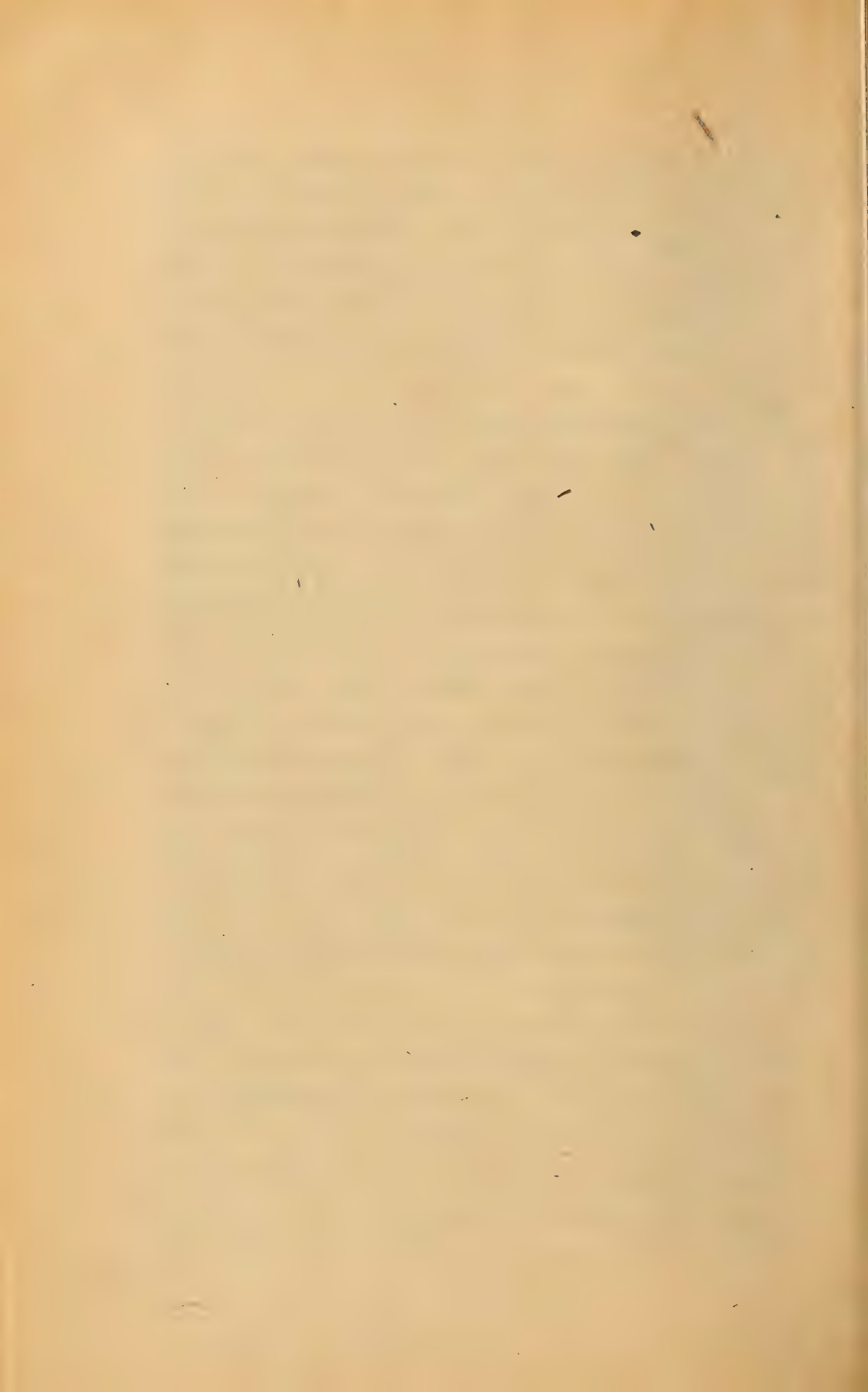
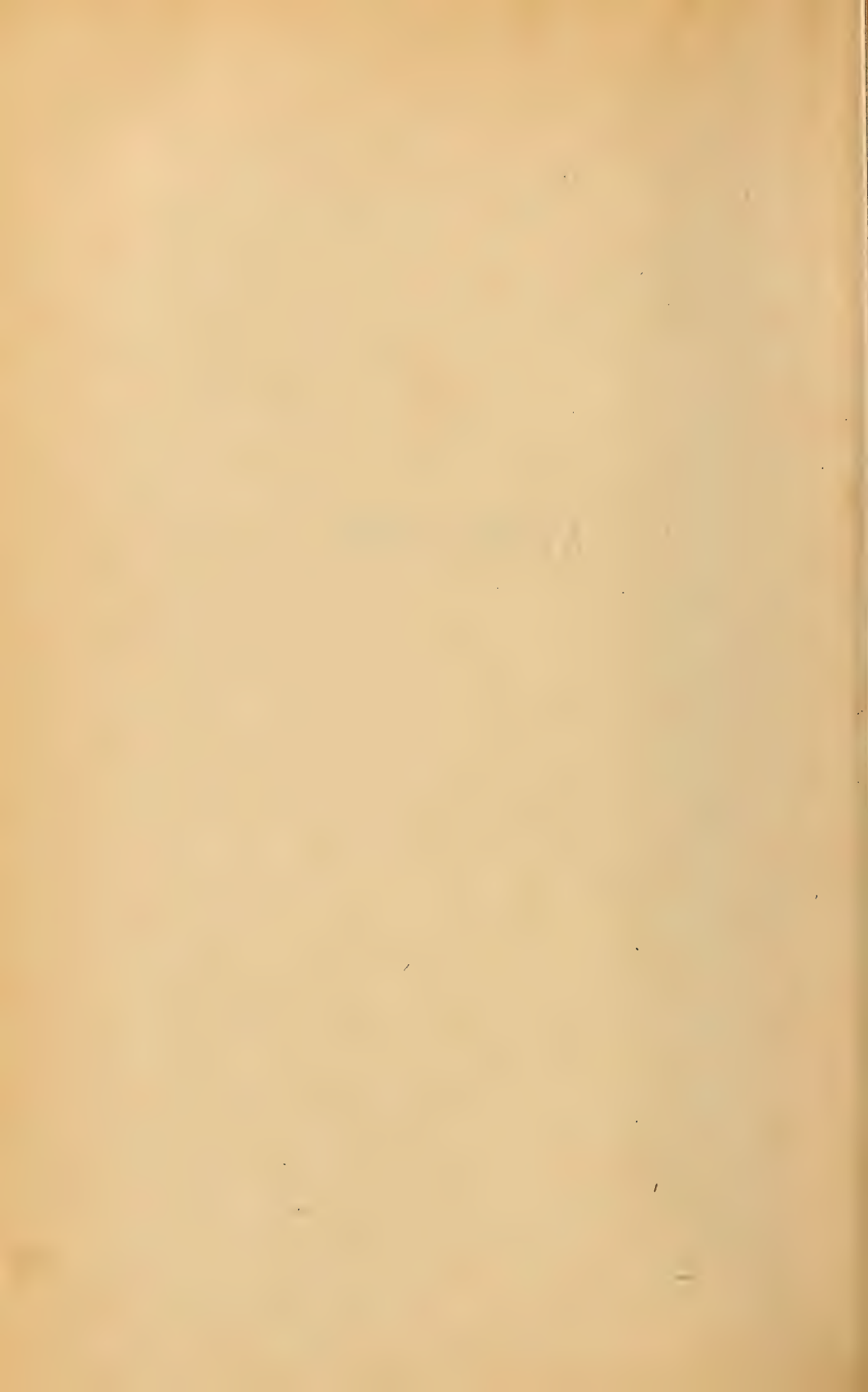
çes, e pongas en olvido todas tus perdidas e todos tus males. Aparejate, que aun dios e la fortuna quiere que veas mayores dolores por tu salud e por tu correcçion. Yo te dire una cosa assas increyble, pero no dubdes que assi passara, segund declare de llano en llano. Don Johan, tu hermano, mançebo a toda virtud dado, de spiritu e persona dispuesta a grandes cosas, el que salio, muerto el padre **(78 v.)**, fuyendo de casa de la muy devota e muy virtuosa infante su madre, solo e menguado niño, assi como Orestes. E despues estovo en Castilla contigo, e lo embiaste para la corte del rey de Françia, donde honorablemente fue resçebido a casa de aquella muy noble prinçesa su tia, duquesa de Bregoña, ado esta. Sabe que en breve sera prinçipe de Antiochia, casado con la princesa de Chipre, aquella isla antiguamente nombrada Çitharea. E passando alli con grande honor avra animosamente el regimiento del reyno; e passados pocos dias morira con amargoso venino, segund otros muchos prinçipes **(79)** han fenesçido. E assi como fumo e sombra las nobles costumbres e floresciente juventud suya passara. Mas segund yo pienso, assaz merçed le fizo dios con fama loable en alto estado lo quitar deste miserable çarcel lleno de miserias e infinitàs affliçiones. Quiça si biviera, de los infieles Turcos fuera preso, e su tierra viera dellos destruyda, e el en prisiones con lagrimas e gemidos fenesçiera, como avino al abuelo de la prinçesa su muger, valiente prinçipe que fue rey de Chipre, el qual fue preso e vencido de los Turcos. E el infante don Fernando tu tio, que de fijo de rey vençedor, en grande **(79 v.)** gloria nasçido, con ponpas e riquesas criado, de virtud e prosperidad guarnido, vençido e preso en larga e dolorosa prision morio, e los sus hues-

sos aun oy en dia en grand vituperio nuestro estan colgados en la cibdad de Fez. Que te dire mas, salvo aquello que tu mesmo provaste? No sepas el destierro ser mas grave que la muerte, e la pobreza e abaxamiento de estado no ser cosa sofridera a los nobles. Caton Utiçense por no mirar la cara del vençedor se mato, e otros recusando el destierro escogieron ante la muerte.

(80) Fabla, por que callas? di, por que no respondes, e no otorgas la verdad? E tu no has provado que la vida triste e malaventurada es peor de sofrir que la muerte? a ty mesmo fago juez desta cosa que muchas veses aborresçiste la vida tuya. Quita de ti tu lloro e tu dolor, el qual, si bien considerares, vieja cosa es e acostumbrada a los mortales; ni hay çibdad ni villa ni casa ni aun un pequeño rencon que no sea lleno de lloros e de clamores de los ombres. Pues amigo mio, conortate ya, levanta tus ojos e tu coraçon al señor. Esfuerçate a virtuosamente bevir, trabaja te de **(81 v.)** passar este corto viaje honesta e virilmente. Edifica en los çielos morada firme e perpetua, e alli pon tu confiança, tu renta e tu thesoro, adonde carcoma no lo consume, ni traça no lo gasta, ni ladrones no lo furtan, ni traydores lo roban, ni rey, ni prinçipe, ni tirano, ni aun la çiega fortuna con todo su vano poder lo pueden quitar.»

LOADO DIOS FENESÇE
BIENAVENTURADAMENTE LA TRAGEDIA DE LA INSIGNE
REYNA DOÑA YSABEL

APENDICES.

I

BIBLIOTECA

«(3o Junio de 1466). — *Primo* atrobam etc.

1. (2 Julio de 1466). — *Item* un libre apellat *evicenna,* scrit en pergamins, ab quatre tenchadors dargent ab armes reals en los dits tenchadors, e ab los parxes brochats dor, la qual se diu era de mestre bernat de granollachs no pegada. (En el márgen se lee): Lo dit *evicenna* es stat restituit al dit mestre bernat de granollachs, havi apoca (1).

En una altre caixa de fust de semblant cuberta a la prop dita empero es algun tant menor, atrobam les coses seguents.

2. (3 Julio de 1466). — *Una biblia,* scrita en pergamins de pocha talla, ab cubertes verdes e vuyt cantoneres, dos gaffets e quatre scudets tots dargent daurats ab les armes darago e de sicilia.' E feneix la penultima pagina en aquests mots, ço es, *vel ius iurandum eius* etc. Sta reservada dins un stoig de cuyro negre ab les armes de Sicilia.

3. *Item* un altre *libret,* de forma menor, scrit en

(1) La fecha de esta carta de pago es el 22 de Agosto de 1466.

pergamins, appellat *missal roma,* ab cubertes de fust cubertes de cuyro vermell picades, ab dos gaffets o tenchadors dargent daurats ab parxe de seda violada, ab sobrecuberta de vellutat blau brocat dor usat, ab quatre flochs. Es missal portatil notat en alguns lochs de cant pla. Ffeneix la derrera carta *dich vobis Maria.* Sta reservat dins un stoig de cuyro negre.

4. *Item* un *libre,* de forma de full, scrit en pergamins e *en vulgar portugues,* appellat *paulus virgerius e molts altres tratacts,* ab quatre scudets dargent sens gaffets, ab les armes de portugal en los dos, en los altres dos la roda de fortuna, ffeneix en la penultima carta *decipion sogro et,* ab cuberta de cuyro vermell (1).

5. *Item* un *libre* apellat *missal,* scrit en pergamins *roma* a forma de full. Feneix en la penultima carta *humana divinis.* Es cubert de cuyro vermell ab gaffets de leuto, ab sobrecuberta de vellutat vermell e vert, dins lo qual ha uns corporals (2).

(4 Julio de 1466). — En una altre caixa de fust, cuberta de cuyro gris, ab dos panys e claus, birrada de ferro envernicat de groch, atrobam les coses seguents.

6. *Primo* un *libre,* scrit en pergamins, appellat *flors sanctorum, en romanç,* de forma de full maior, ab cubertes de cuyro vermelles emprempiades ab quatre gaffets de leuto ab sos parxes de seda blava. Feneix

(1) Este libro y otros tres que traen las mismas armas y divisa sospechamos fundadamente que proceden de la biblioteca del infante D. Pedro, padre del Condestable.

(2) En 21 de abril de 1467, Juan Canyelles «*presbiter rector ecclesie Sancte Crucis del Orde diocesis Barchinone*», firmó ápoca de la restitucion que de este *missal* le hicieron los albaceas del rey.

la penultima carta *del poble gentil.* Es escrit a colondells. Es reservat dins una cuberta de drap violat.

7. *Item* altre *libre,* scrit en pergamins, appellat *missal dominical e sentoral segons la consuetut del orde de prehicadors,* en lo qual ha *moltes oracions e officis e algunes istories,* capletrat dor daurat en la sumitat de les cartes, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre tenchadors e quatre scudets, e lo cap dels giradors tot dargent daurat, ab los parxes dels tenchadors vermells texits dor. Te una cuberta de vellut carmesi folrada de catuhi vert. E feneix la penùltima carta *Judico serne.* Es nou e en bella lletra.

8. *Item* altre *livre* scrit en pergamins de forma algun tant maior de full comu, lo qual es intitulat en la cuberta ab letres dor *Eticorum politicorum et yconomicorum* ab posts de fust cubertes de cuyro vert empremptades, ab les armes darago e de Sicilia sobre les cubertes, ab quatre gaffets, e quatre scudets de leuto ab parxes de seda vermella. Ffeneix la penultima carta *maxime itaque.* Sta reservat dins una cuberta de cuyro vermell. (En el márgen se lee: Lo dit libre es vers lo bisbe de Vich).

9. *Item* altre *libre,* de forma menor de full, scrit en pergamins, ab cubertes de post de fust cubertes de cuyro vermell empremtat, appellat *larbre de batalles,* scrit *en frances,* ab dos gaffets e dos scudets de leuto daurats. Feneix la penultima pagina *Roy ou prince.* Sta reservat dins en una cuberta de cuyro vermell.

10. *Item* altre *libre,* scrit en pergamins de forma menor de full, intitulat en la cuberta en letres dor, *Alexandre, en ffrances,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab un senyal real a cascuna post, e ab quatre tenchadors, e quatre scudets de

leuto ab sos parxes de seda lehonada, e feneix la penultima carta *estoient si pertreux*. Sta reservat dins una cuberta de fustani burell.

11. *Item* un altre *libre*, algun tant maior de full comu, scrit en pergamins a corondells, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades ab dos gaffets a forma de mans, e dos scudets de leuto daurat, e en lo un scudet son les armes de portugal, e en laltre la roda de fortuna, intitulat en la cuberta ab letres dor *Suetonyo de vida de Julio cesar*. Feneix la penultima carta *muytas noytes*, lo qual libre es scrit *en vulgar portugues*. Sta reservat en una cuberta de fustani burell.

12. *Item* altre *libre* scrit en pergamins a forma de full comu, ab cubertes de fust cubertes de cuyro vermell empremtat, scrit *en vulgar ffrances*, a corondells, ab dos gaffets e dos scudets de leuto daurat ab sos parxes de seda blava, intitulat sobre la cuberta ab letres dor, *Crestina dels fets de la cavalleria en ffrances*. Fenex la penultima carta *Influentes luminoses*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

23. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro lehonat empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda negre intitulat en la cuberta ab lettres dor *Joannis crisostomi*. Feneix la penultima carta *operum audisse*. Sta reservat en una cuberta de cuyro burrell.

14. *Item* altre *libre* de forma petita, scrit en pergamins de letra ytaliana bastarda; ab cubertes de fust cubertes de cuyro violat sive empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto, ab sos parxes de seda de la mateixa color, lo qual comença ab letres

vermelles, *Ad illustrissimum et invictissimum principem dominum petrum dei gratia Aragonum Regem,* scrit *en vulgar toscha e part en leti.* Ffeneix la penultima pagina *opusculi quod deo,* e en la fi del dit libre es escrit ab letres vermelles *Virgilius scripsit.*

15. *Item* altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatro scudets de leuto ab sos parxes de seda verda, intitulat en les dites cubertes, de letres dor, *Matheus palmerii de temporibus.* E feneix en la penultima pagina *potestatem devenit.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

16. *Item* altre *libre* de forma petita. scrit en pergamins ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab sos parxes de seda vermella, intitulat en les cubertes ab letres dor, *Tullius de officiis.* Feneix en la penultima pagina *quia eterna est.* Sta reservat en una cuberta de cuyro burell. (En el márgem se lee: Es en poder de mossen Ruy Vas marmessor).

17. *Item* un *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab sos parxes de seda vermella, appellat *Valerius maximus,* scrit de letra francesa *en vulgar frances,* e feneix la penultima carta *savoir estrement.* Sta reservat en una cuberta.

18. *Item* altre *litre* de forma maioret de full comu, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets e cantoneres de leuto daurat, ab sos parxes de seda, intitulat ab letres dor en les cubertes, *Epistoles de Senecha,* ab dos platons al mig de les posts, es scrit

en vulgar ffrances, e feneix la penultima carta *exercite et aguise.* Sta reservat en una cuberta de aluda vermella.

19. *Item* altre *libre* de forma maior de full, scrit en pergamins a corondells, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptados, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab sos parxes de seda verda, intitulat en les cubertes ab letres dor, *Epistole beati ieronimi.* Ffeneix la penultima carta *ecclesiam cristi.* Sta reservat en un estoig de cuyro vermell.

20. *Item* altre *libre* de forma de full poch maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos gaffets e dos scudets dargent, es scrit *en vulgar castella,* appellat, *les etiques de aristotil,* e en la primera pagina son pintades les armes darago, de Sicilia e de Navarra, e feneix la penultima pagina *tristeza deven.* Sta reservat en una cuberta de aluda vermella (1).

21. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergamins ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos tenchadors petits dargent mascle e famella, ab praxes de seda blava, intitulat en les cubertes ab letres dor, *Vita Marci antonii et aliorum principum.* Feneix la penultima pagina *castra.* Sta reservat en una cuberta de aluda verda.

22. *Item* un altre *libre* molt gran, scrit en pergamins ab cubertes de fust cubertes de cuyro vert empremptades, ab quatre gaffets, quatre scudets, vuyt cantoneres e deu bolles de leuto daurat ab sos parxes

(1) Es el códice original de la traduccion de las *Ethicas de Aristóteles* que hizo el Principe de Viana, y procede de su Biblioteca, á juzgar por las armas pintadas en su primera página, singularmente las de Navarra.

vermells texits ab or, intitulat en les cubertes ab letres dor, *Canoniques dels Reys de Ffrança,* scrit *en vulgar frances,* e feneix la penultima pagina *confessio ans religite.* Sta reservat en una cuberta de aluda vermella.

23. *Item* altre *liber* maior de forma de full comu, scrit en pergamins ab posts de fust cubertes de cuyro vert scur empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda vermella, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Epistoles leonis pape.* Feneix en la penultima pagina *suum ipsem disolvet.* Sta reservat en una cuberta de aluda vermella.

24. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab sos parxes verts, intitulat en les posts ab letres dor, *ffranciscus petrarcha.* Feneix la penultima pagina *apres diragui.* Es scrit *en vulgar toscha.* Sta reservat en una cuberta de aluda burella.

25. *Item* un altre *libre* de forma de full comu, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab sos parxes de seda vermella, intitulat en les cubertes de letres dor, *Fflors sanctorum.* Feneix la penultima pagina *Aron et filii eius.* Sta reservat en una cuberta de fustani burell.

26. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergamins, ab posts de fust e cubertes de cuyro vermell empremptades, ab senyalls reals a les cubertes, ab dos gaffets e dos scudets de leuto ab ses parxes de seda burella, intitulat en les cubertes ab letres dor *Super ludo scochorum de moribus et officiis nobilium.* Feneix la penultima carta *humanam de auro.* Sta scrit dins una cuberta de aluda vermella.

27. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en per gamins, de letra antiga, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos gaffets e dos scudets de leuto, ab parxes violats, appellat, *Liber de viris illustribus.* Feneix en la penultima pagina *macere eius.* Sta reservat dins una cuberta de aluda vermella.

28. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergamins, ab posts de fusts cubertes de cuyro vermell clar empremptades, ab dos gaffets e dos scudets de leuto ab parxes vermells, es intitulat en les cubertes ab letres dor, *les enehides de virgilio.* Feneix en la penultima pagina *confusa per los.* Sta reservat en una cuberta de aluda vermella.

29. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en paper, ab test e gloses, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre scudets dargent daurats, en la una les armes de portugal, e en laltre de portugal, de arago e durgell, e en la penultima carta *de real altesa.* Sta reservat en una cuberta de cuyro negre folrat de blanquet.

30. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergamins, appellat *biblia,* ab posts de fusts cubertes de cuyro vermell, ab dos tenchadors mascle e famella dargent ab parxe de cuyro vermell. La qual se diu es del prior de prehicadors, e feneix la penultima carta *mala lucem.* (En el márgen se lee: Fou la biblia açi continuada restituhida a mestre Marti aguda prior de prehicadors).

En altre caixe de fust semblant a la prop dita atrobam les coses seguents.

31. *Primo* un *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets, deu

bolles, ço es sinch de cascuna part, e vuyt cantoneres, tot de leuto daurat ab sos parxes de carmesi picat dor. Es intitulat lo dit libre en la cuberta ab letres dor, *lo primer volum de la biblia ab la glosa ordinaria,* e feneix la penultima carta *homo nunquam.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

32. *Item* un altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro blau scur empremptades, ab quatre scudets, vuyt bolles petites, e una rosa al mig de cascuna post, e vuyt cantoneres tot de leuto daurat, ab los parxes de seda vermella, intitulat en la cuberta de letres dor, *Primer volum de Nicolau de lira sobre la biblia.* E feneix la penultima carta *primo consensit.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

33. *Item* un altre *libre* ab semblant designacio del prop dit, intitulat en la cuberta ab letres dor qui diu, *Segon volum de Nicolau de lira sobre la biblia.* E feneix la penultima carta *perfectus confitendo et.* Sta reservat en semblant cuberta de la prop dita.

34. *Item* un altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, cubert de posts de fust cubertes de cuyro lehonat empremptades, ab quatre gaffets quatre scudets e vuyt bolles tot de leuto daurat, ab los parxes de seda carmesina picats dargent, ab senyal a la una part darago, e alaltre de Sicilia, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Titus livius de secundo bello punico.* E feneix en la penultima pagina *est inventus.* Sta reservat en cuberta de cuyro vermell.

35. *Item* altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vert scur empremptades, ab quatre gaffets e tres scudets, vuyt cantoneres, e una rosa al mig de cada post tot de lauto

daurat ab los parxes de seda carmesina ab sarmentona al mig dor, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Los morals de Sent Gregori sobre Jop.* Feneix en la penultima carta *qui dum in extrema.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

36. *Item* un altre *libre* de forma de passafull comu, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell emprempsades, ab quatre gaffets, quatre scudets e deu bolles tot de leuto, ab los parxes de seda carmesina ab sarmentona dor, al mig ab los senyals reals emprempsats a cascuna post, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Usatges de Cathalunya.* E feneix en la penultima pagina *civili non ad.* Sta reservat en una cuberta de fustani burell.

37. *Item* un altre *libre* algun tant maior de forma de full comu, sçrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell emprempsades, ab quatre gaffets e quatre scudets, e vuyt bolletes tot de leuto daurat, ab parxes de seda carmesina picat de argent ab senyals en cascuna post, ço es en la una armes darago, e en la altre armes de Sicilia, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Josephi de bello judayco.* E feneix la penultima carta *locum dedit ceu.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell. [En el márgen se le: Lo present libre es vers lo bisbe de Vich] (1).

38. *Item* un *libret* de forma petita, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vert scur emprempsades, ab un gaffet e un scudet de leuto ab parxe de seda carmesina picat dor ab senyal real emprempta a cascuna post, intitulat en la cuberta ab letres do

(1) Juan Ros, Doctor en leyes y ciudadano honrado de Barcelona, con fecha 24 de Abril de 1467, firma ápoca á los albacea del rey, de este libro que por ellos le fué restituido.

gotigues, *Levament fet dels officials de casa del S(enyor) R(ey).* E feneix la penultima carta *capellans eo.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

39. *Item* un altre *libre* de forma petita, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos gaffets fets a forma de ma, e dos scudets tot dargent, intitulat en la cuberta ab letres vermelles, *Boecio de consolacion.* Scrit *en vulgar castella,* e feneix en la penultima pagina *ea cierta.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

40. *Item* un altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets, e deu bolles, tot de leuto ab los parxes de vellut carmesi ab sermentona dargent, ab quatre senyals reals empremptats a cascuna part, intitulat en la cuberta de letres dor, *Constitutiones Clementis pape.* E feneix en la penultima carta, ço es en lo test, *diffinitivam citatis.* Sta reservat en una cuberta de fustani pelos burell.

41. *Item* un altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vert, empremptades, ab quatre gaffets, quatre scudets, vuyt cantoneres e vuyt bolles, tot de leuto daurat ab parxes de seda carmesina, ab senyals empremptats, ço es en la una post armes Reals, e en laltre armes de Sicilia, intitulat ab letres dor en la cuberta, *Incipit prefacio Rabani ad Ludovicum regem.* E feneix la penultima pagina *adversus.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell (1).

42. *Item* un altre *libre* de la mateixa forma, scrit

(1) De este libro otorgó ápoca semejante de restitucion, en el citado dia 24 de Abril, Antonio Raymundo Corró, librero y ciudadano de Barcelona.

en pergamins, ab posts de fust cuberles de cuyro tenat empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda violada intitulat ab letres dor en la cuberta, *plinio de la natural istoria*. E feneix en la penultima pagina *maturent*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell (1).

43. *Item* un altre *libre* petit de forma de full comu, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro tenat empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda negre, appellat, *Epistoles de fallareris et Gratie sinia*. (*Sic, Phalaris* et *Crates, o cynico:* C. M. de V.) E feneix en la penultima carta *efficiantur*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

44. *Item* un altre *libre* de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets, quatre scudets e deu bolles tot de leuto ab parxes de carmesi ab una sermentona al mig picada dargent, ab quatre senyals reals empremptats a cascuna post, intitulat ab letres dor gotigues en la cuberta, *Summa super decretalium*. E feneix en la penultima carta *non possit excomunicari vel*. Sta reservat en una cuberta de fustani burell.

45. *Item* altre *libre* de la prop dita forma, scrit en pergamins, ab cubertes de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda verda picats dargent, intitulat en la cuberta ab letres dor, *de bello macedonico*, e feneix en la penultima carta *decretus*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

(1) Firmó igual ápoca y en el propio dia, del libro de este número, Jaime Marti, Secrêtario del rey y ciudadano barcelonés.

46. *Item* un altre *libre* de la prop dita forma, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro tenat scur empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda burella, appellat *Cornelius tacitus*. E feneix en la penultima carta *fides*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

(5 Julio de 1466). — En un trosell cubert de una catiffa usada, de quatre rodes de diverses colors, trobam les coses seguents, les quals apres foren meses en una caixa plana ample de fusta de pi.

Primo etc.

47. *Item* un libre de forma maior, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro negre, ab dos gaffets e dos scudets de leuto ab parxes de seda verts, e dues bolles en la una cuberta, appellat *Canoniques o conquestes de ultramar, en vulgar castella,* ab una istoria al principi de una ciutat combatuda. E feneix en la penultima carta la qual es desquarnada *hueste e tomo.*

(9 Julio 1466). — En un bahut cubert de cuyro negre, ab son pany e clau e una cadena de ferro que travessa dessobre, trobam les coses seguents, les quals apres son stades meses en una caixa de poy.

Primo etc.

48. *Item unes ores* scrits en pergamins, istoriades, *ab diversos officis, ço es de nostre dona, del sanct sperit e altres, e a la fi es scrit lo quicumque vult*, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, e una sobrecoberta de vellut carmesi forrat de seti burell, ab dos gaffets e dos scudets, en cascu dels quals scudets ha un ferrollat e pany tot dargent daurat, ab sos giradors e un cap petit dor hon stan los giradors.

En un caixo de fust cubert de cuyro negre ab frontisses, pany e tancadura de ferro, e ab dues baldetes als cantons, ab les armes de Cathalunya, sobre la cuberta ab lo titol de *paine pour ioye,* ab una correia de cuyro negre ampla de dos dits entorn del dit caixo ab cap e civella de leuto daurat, trobam les coses seguents. Lo qual caixo ab les coses deius scrites sta reservat dins la prop dita caixa.

Primo etc.

49. *Item un missalet* scrit en pergami, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptat, ab dos gaffets e dos scudets de leuto ab parxes de seda negra. E comensa de letras vermelles, *In honore Sancte Marie introitus,* e feneix en la penultima carta *honorare precepisti.*

(11 Julio 1466). — En una caixa de fust cuberta de cuyro negre, ab dos panys menys claus enlaunada de launes de ferro, ab un anell a cada cap, e hay algunes de les dites launes envernicades, atrobam les coses seguents.

50. *Primo* un *libre* scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab los parxes de brochat dor vert, ab vuyt cantoneres e dues bolles, una al mig a cada post, de leuto daurat, intitulat de part de fora, *Comentaria Cesaris.* E feneix en la penultima carta *presidium parare.* Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell.

51. *Item* altre *libre* scrit en pergamins de forma migencera, ab posts de fust cubertes de cuyro thenat empremptades, ab les armes darago, Sicilia e de navarra pintades en les cubertes, ab quatre gaffets e quatre scudets dargent ab parxes de seda violada, intitulat en la cuberta, *De vita et moribus alexandri magni.*

E feneix la penultima carta *Regna sublatis*. Sta reservat en una cuberta de cuyro vermell (1).

52. *Item* altre *libre* de la prop dita forma, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre scudets, e en cascu dues anelletes dargent ab duẽs tiretes de seda vermella, intitulat en la cuberta ab letres dor, *les canoniques de Spanya*. Es scrit *en vulgar portugues,* e feneix en la penultima carta *adientado mayor*. Sta reservat en una cuberta de fustani burell.

53. *Item* un altre *libre* de forma de full, scrit en paper, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos gaffets e dos scudets de leuto sutils, intitulat en la cuberta, *Salusti, en romanç castella*. E feneix la penultima carta *en su poder*.

54. *Item* altre *libre* de la prop dita forma, scrit en paper a colondells, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell ja molt usat, ab sinch bolles de leuto a cada cuberta, ab dos gaffets e dos scudets molt sutils. Es intitulat en la cuberta *la contemplacio de la Reyna*. Es scrit *en vulgar catala,* e feneix en la penultima carta, *e salvacio de la vostre*.

55. *Item* altre *libre* scrit en paper de la prop dita forma, ab posts de fust cubertes de cuyro thenat molt usat, ab un gaffet e dos scudets de leuto molt sutils, scrit a corondells, *en vulgar catala* appellat, *Speculum ecclesie mundi*. E feneix la penultima carta e *romas rey*.

56. *Item* altre *libre* petit, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell, ab dos gaffets

(1) Las armas de sus cubiertas, entre ellas las de Navarra, y el hallarse comprendido en el inventario de la libreria del Principe de Viana, demuestra todo, ser procedente de esta última.

e dos scudets de leuto, intitulat ab letres dor en la cuberta, *De laude creatoris liber incipit.* E feneix en la penultima carta, *cor meum in verba.*

57. *Item* altre *libre* de forma maior de full, scrit en pergamins, ab posts de paper engrutat cubertes de cuyro vermell, ab tenchadors de tiretes, scrit a corondells, intitulat en les cubertes, *Isidorus de ethimologia.* E feneix en la penultima carta *per que mu.* (En el márgen se lee: Es vers lo Bisbe de Vich).

58. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre scudets e ab dues anelletes, en cascun scudet tot dargent daurat, e en los dos scudets son les armes de portugal, e en les altres dos la roda de la fortuna, ab dues tiretes de seda violada, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Este he o liuro do orto desposo etc.* E feneix en la penultima carta *e quando chego etc.* Es scrit a corondells, *en vulgar portugues.*

59. *Item* altre *libre* de forma maior de full, a corondells, *en vulgar catala,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell, dos gaffets, dos scudets e deu bolles tot de leuto, intitulat *Canoniques dels Reys darago e Comtes de Barcelona.* E feneix en la penultima carta *procrea de sa mu.*

60. *Item* altre *libre* petit, scrit en pergamins, *en vulgar castella,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, sens gaffets. E comença, *Prologo, al muy inclito etc.* E feneix en la penultima carta *alos morta.*

61. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergamins de letra antigua, daurat en la sumitat de les cartes, ab posts de fust cubertes de cuyro vermell

empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto, ab parxes de seda blava picats dor, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Liber Justinus.* Feneix en la penultima carta *Jussi in his.* Sta reservat en un stoig de cuyro burell.

62. *Item* altre *libre* de semblant forma del propdit, scrit en pergamins a corondells, *en vulgar ffrances,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell emprempta- ab senyal real en cascuna post, quatre gaffets, quatre scudets de leuto ab parxes de seda vermella, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Sidracho lo philosopho,* e feneix en la penultima carta *as gens;* reservat en cuberta de cuyro burell.

63. *Item* altre *libre* petit, scrit en pergamins, posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab dos gaffets e dos sçudets ab parxes de seda vermella, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Declamaciones Senece.* Feneix en la penultima carta en lo test *ut nobis veu,* e es tot glosat; reservat en un stoig de cuyro vermell.

64. *Item* altre *libre* petit, scrit en paper, *en vulgar castella,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell, ab un gaffet, un scudet de leuto, ab parxe de seda vermella, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Diversos tractats en romans castella.* E feneix la penultima carta *y mal assentado;* reservat en una cuberta de cuyro vermell.

65. *Item* altre *libre* de forma migencera, scrit en pergamins a corondells, *en vulgar catala,* posts de fust cubertes de cuyro vermell ja usat, dos gaffets, dos scudets, e deu bolles grans de leuto intitulat en la cuberta *les constitucions e usatges de Cathalunya.* Feneix en la penultima carta *que la dita.*

66. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergamins a corondells, posts de fust cubertes de cuyro negre, dos gaffets, dos scudets e deu bolles de leuto, apellat *quartus beati thomæ.* Feneix en la penultima carta *Sex alias VIII.*

67. *Item* altre *libre* petit, scrit en pergami a corondells, posts de fust cubertes de cuyro blanch ab un correig de cuyro vermell, intitulat en la cuberta, *livro das virtudes.* Feneix en la penultima carta *pacem habeatis.*

68. *Item* um *breviari roma,* scrit en pergami, a corondells, complit, posts de fust cubertes de cuyro vermell, dos gaffets, dos scudets de leuto, ab correigs de cuyro vermell. E feneix en la penultima carta *set ut dominus;* ab cuberta de seti vermell squinçat. Sta reservat en un stoig de cuyro negre.

69. *Item* altre *libre* menor de full, scrit en pergami, a corondells, ligat sens posts, appellat *lo mestre de les Sentencias.* E feneix en la penultima carta *hec omnia videre.*

70. *Item tretze coerns de libre* de forma menor de full, scrits en pergami a corondells descoernats, comença *parabole salomonis,* e feneix los derrers mots *ut publicanus deus.*

71. *Item* altre *libre* petit, scrit en paper, *en vulgar castella,* ab posts engrutades cubertes de cuyro vermell. Comença *a las propuestes,* e feneix en la penultima carta *de dios non tienen.*

72. *Item* un *libret* petit sutil, scrit en paper, ab cubertes de pergami. Comença *Del prolech de un doctor en leor etc.* e feneix en la penultima carta *sentristeix de.*

73. *Item* un *libre* de forma de full, scrit en paper,

en vulgar castella, posts engrutades cubertes de aluda burella, appellat *Ovidi metamorfoseos,* feneix la penultima carta *acalan te dize.*

74. *Item* altre *libre* de la prop dita forma, scrit en pergami, posts de fust, cubertes de cuyro sutil descolorit sens gaffets. Comença *Ecce Rex tuus venit* e feneix en la penultima carta *vitam non vult scale.*

75. *Item* altre *libre* de forma maior de full, scrit en pergami a corondells, sens posts, e comença *In principio creavit*, e feneix en la penultima carta *quas expositiones subdidit.*

76. *Item* altre *libre* de la prop dita forma, scrit en pergami, posts de fust cubertes de cuyro vert, dos gaffets, dos scudets, e deu bolles de leuto, intitulat en la cuberta *les concordançes de la biblia.* E feneix en la penultima carta *expliciunt concordantie.* (En el márgen se lee: Tel lo bisbe).

77. *Item* altre *libret* petit, scrit en paper molt sutil, cubertes de fust ab cuyro vermell ja usat, e comença *Incipit, comença lo offici etc.* e feneix en la penultima carta *humiliata.*

78. *Item* altre *libre* de forma petita, scrit en pergami, posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab les armes reals, un gafet e un scudet dargent daurat, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Liber ysocretis.* E feneix la penultima carta *precio compara.*

79. *Item* altre *libre* de forma de full, en paper molt sutil, scrit *en vulgar castella,* ab posts cubertes de cuyro vermell empremptades, quatre gaffets e quatre scudets de leuto, appellat *lo Valeri.* Feneix en la penultima carta *empero dell.*

80. *Item* altre *libre* maior de forma de full, scrit en

pergami ab corondells, *en vulgar castella,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre scudets, e dues anelletes en cascu, tot dargent daurat ab les armes de portogal en los dos scudets, e en los altres dos la roda de fortuna, ab dues tiretes de seda groga, intitulat en la cuberta ab letres dor, *De la inmortalitat de la anima.* Feneix en la penultima carta *son prestas e apare;* reservat en un stoig de drap violat.

81. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergami, *en vulgar frances,* posts cubertes de cuyro vermell empremptades, quatre gaffets, quatre scudets de leuto ab parxes de seda morada, intitulat en la cuberta ab letres dor, *les cent balades.* E feneix en la penultima carta *vo douçe semblança;* reservat en un stoig de cuyro vermell.

82. *Item* altre *libre* de forma menor de full, scrit en pergami, *en vulgar castella* e glosat, posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre scudets cascu ab se anelleta, tot dargent daurat, ab dues tiretes de seda negra ab caps dargent daurats, e en la hu dels scudets son les armes de portugal, en laltre darago, en laltre durgell, en laltre danglaterra. E feneix en la penultima carta *de la lus con el,* intitulat en la cuberta ab letres dor, *Satira de contento del mundo;* reservat en un stoig de cuyro negre forrat de drap negre (1).

83. *Item* altre *libre* petit, scrit en pergami, posts, cubertes de cuyro vermell empremptades, dos gaffets e dos scudets de leuto, comença de letres vermelles, *Augustalis dicitur augustorum,* feneix en la penultima

(1) Seria, sin duda, este códice el original del poema didáctico que con el mismo titulo escribió el infante D. Pedro, padre del Condestable.

carta del tractat del dit libre *Castellam;* reservat en un stoig de drap burell de sergil.

84. *Item* un *libre* de forma menor de full, scrit en pergami, posts cubertes de cuyro vermell ab armes reals al mig, dos gaffets e dos scudets de leuto ab parxes de seda burella, intitulat en la cuberta, *Boecius de consolatione in latino,* feneix en la penultima carta *que presencia deus.* Sta reservat en una cuberta de drap burell. (En el márgen se lee: Tel lo bisbe).

85. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergami, posts cubertes de cuyro vert empremptades, ab quatre gaffets, quatre scudets, vuyt cantoneres e deu bolles totes de leuto daurat, ab los parxes de seda vermella picats dor, intitulat en la cuberta ab letres dor, *Troya en leti.* Feneix en la penultima carta *importunus et,* es tot istoriat, reservat en stoig de drap de frizo color de lengardaix.

86. *Item* altre *libre* de forma de full, scrit en pergami, posts cubertes de cuyro empremptades, ab quatre gaffets, quatre scudets tots dargent, intitulat en la cuberta, *el marques de Sanctillana,* es tot cobles rimades, e feneix en la penultima carta *e muy fertiles riberas* (1).

86 *a.* *Item* un *rotol de pergami* en lo qual es *lavologia dels Reys de Ffrança* (2).

(12 Julio de 1466). En altre caixe de fust semblant de la prop dita pero pus usada, trobam les coses seguents, la qual fonch portada, de Hostalrich.

(1) Este manuscrito suponemos sea el ejemplar que de la coleccion de sus obras poéticas envió el Marqués de Santillana á D. Pedro de Portugal.

(2) *Lavologia,* como si dijéramos: la genealogia de los abuelos ó ascendientes de los Reyes de Francia.

87. *Primo* un *libre* gran scrit en pergami, posts de fust, cubertes de cuyro negre ab dos correig de cuyro per tanchadors e moltes bolles de ferro negre, appellat *officier de cant pla,* hahy CCXXXXVIIII cartes, e feneix la verba de la penultima carta *dona nobis pacem.*

88. *Item* altre *libre* de la mateixa forma, appellat *antifoner,* tot notat de cant pla, scrit e notat en pergami, posts de fust cubertes de cuyro de bou vermell, e hay cent noranta e vuyt cartes. E feneix la verba en la derrera carta *Deo gratias.*

89. *Item* altre *libre de cant* de maior forma del prop dit, appellat *antifoner ab responsos,* tot scrit e notat de cant pla en pergami, posts de fusta cubertes de cuyro de capmari, e feneix en la penultima carta notada del dit cant *et de.*

90. (19 de Julio de 1466). —*Primo* un *libre* scrit en pergami de forma maior, appellat *lo volum de dret,* ab posts de fust cubertes de cuyro vermell emprempta-des, coernat de nou ab quatre gaflets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda.

91. *Item* un altre *libre* scrit en pergamins appellat *Clementines,* coernat de nou ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades, ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda.

92. *Item* un altre *libre* a forma de full scrit en pergami e *en vulgar castella o portugues,* appellat *Joan bocaci,* cuernat de nou ab posts de fust cubertes de cuyro vermell empremptades ab quatre gaffets e quatre scudets de leuto ab parxes de seda.

93. (30 de Agosto de 1466). *E unes ores* ab les quals lo dit Senyor (Rey) fahia lo offici.... Les dites *ores* son cubertes de brochat argentat, e lo gaffet es de or ab les armes de portugal, ab totes ystories e illumi-

nacions de or e de negre sens altres colors; son molt belles e de molta valua.

94. *Item* un *libre* scrit en pergamins, cubert de posts cubertes de cuyro vermell, ab gaffets e scudets de argent daurat appellat *missal,* lo qual libre comensa ab letres vermelles *Incipit ordo ad faciendum etc.* e feneix en la penultima carta ab letres vermelles *si fuerit ordo.* Lo qual fou atrobat per los dessus dits en poder de madona Aldonça dezvalls vidua. (En el márgen se lee: Tel lo general).

95. *Item* un *libre* scrit en pergamins, ab posts de fust cubertes de cuyro de vadell vermell empremptat, sens gaffets e scudets ab picadura dor alentorn de les cartes, appellat *Missal roma.* Es la primera pagina ystoriada, e comença la segona pagina de dit missal *preteribit generatio,* e feneix en la penultima pagina *Rex miserere Amen:* lo qual fou atrobat en poder den Ponç Vilardell mercader quil tenia en penyora segons se afferme per sis lliures.

y 96. (29 Octubre 1466). — *Item* un *libre* scrit en pergamins ab posts de fust cubertes de cuyro negre ab quatre gaffets, quatre scudets e cantoneres de leuto, e comença en la primera pagina ab letres vermelles *Incipit liber catholicon etc.* e feneix en la penultima carta *Zoticus, ca, cum. i. Vitalis et cor. penultimam.* Lo qual fonch atrobat en poder de mossen Johan olzina prevere, per quant lo Senyor Rey mentre vivia mana lin screvis hu, e lo qual se diu es dels hereus o succesors de mestre Bartbomeu mates, quondam, batxaller en arts (1).

(1) Cualquier aficionado á los origenes de la tipografia española recordará enseguida en el nombre de Bartolomé Mates, el del autor del *Pro condendis orationibus juxta grammaticas leges*

ett. que aparece impreso en Barcelona en el año 1468 y cuyo único ejemplar se halla en la biblioteca de la Real Academia de Buenas letras que está á nuestro cargo. Con él se ha pretendido atribuir á la ciudad de Barcelona la primacia de la imprenta en España, que le disputa Valencia. Sea de ello lo que fuere, como nada se sabe de este autor, bueno será que estractemos un documento del que se colige la época aproximada de su muerte. Es el ápoca de la restitucion del *Catholicon* ó diccionario universal, que la viuda de Mates habia prestado al rey D. Pedro: «(6 Marzo 1467). *Bernardus Mates,* calçaterius civis Barchinone, tutor et suo casu curator solus et insolidum confirmatus et surrogatus per hónorabilem Bernardum de Guimera, vevesssorem, Vicarium Barchinone et Vallensis persone et bonis *Caterine* pupille, filie et heredis *venerabilis Bartholomei Mates quondam in artibus bacallarii civis dicte Civitatis*, propter deffectum *Ffrancine* eius sororis que in pupillari etate decessit, eo quia *domina Margarita,* uxor dicti Bartolomei Mates que una mecum tutrix testamentaria erat dictarum pupillarum ad secundam vota convolavit prout de dictam tutela plene constat instrumento publico acto *Barchinone 25.ª Januarii proximi preteriti* et clauso per discretum Michaelem Reig auctoritate Regia notarium publicum Barchinone vice et loco discreti Petri Axerrat civis dicte Civitatis Regia auctoritate notarii publici regentisque Scribania Curie Vicarie Barchinone aliis negociis occupati (confiesa la restitucion del libro que describe terminando) per dictam *dominam Margaritam* prefato domino Regi *accomodatum* loco originalis *pro scribi faciendo quedam alium librum* per manus *discreti Johannis Olzina presbiter* in cuius posse post obitum predicti domini Regis fuit repertum».

II

MONETARIO

(14 Julio de 1466).

En un caixo de fust lavorad de mosia, en lo cubertor del qual son les armes darago en un scut, e en laltre les de navarra, e al devant en la tenchadura les armes darago e de sicilia, ab divisa de laços als costats, ab tres tanchadures e un anell deuant de leuto daurat e ab dos anells de ferro als caps, vulgarment dit *lo caixos de les medalles,* ab dotze calaixos, dins los quals trobam les monedes e empremptes seguents.

Primo en lo primer calaix o taula de les dites medalles en lo qual se te un anell dor per traurel, trobam de present *cent e vint e vuyt peçes dor* entre monedes e medalles de diverses formes e empremptes. E pesen les dites cent vint e vuyt peçes dos marchs sis onzes e un quart.

Item en lo segon calaix o taula en lo qual se te un anell dor semblant del propdit, atrobam *sexanta set peçes dor* de diverses medalles o effigies, e pesen totes les dites sexant set peçes dor un march sis argenços e mig.

Item en lo tercer calaix o taula qui es lo primer del

argent, en lo qual se te un anell dargent en semblant loch del prop dit. atrobam *cent cinquanta nou peçes entre de argent pur e ligades ab altres metalls* de diuerses monedes e effigies, que pesen totes un march cinch onzes tres argenços e mig.

Item en la quarta taula o calaix, en lo qual se te un anell dargent semblant del prop dit, atrobam *trenta tres peçes dargent* de diverses emprempt es o effigies, que pesen totes sis onzes e deu argenços.

Item en la cinquena taula calaix en lo qual se te un anell dargent semblant del prop dit, atrobam *Cent quoranta tres peçes de argent* de diverses medalles o effigies, que pesen totes dos marchs dues onzes e tres quarts.

Iten en la sisena taula o calaix en lo qual se te un anell semblant dels prop dits, atrobam *cent e devuyt peçes dargent,* pero hahi algunes qui *no son dargent* de diverses medalles e effigies, e pesen entretotes un march e set onzes.

Item ha en lo dit caixo, ultra les sobredites taules o calaixos dor e dargent, *quatre taules o calaixos* fornits de medalles e monedes antigues *de coure,* ab un anell de coure en cascun calaix.

Item ha en lo dít caixo, ultra les sobredites taules o calaixos, *dues taules o calaixos* fornides de medalles o ymages antigues *de plom,* ab un anelll de plom en cascu dels dits dos calaixos (1).

(1) La aficion arqueológica de conservar coleccionadas monedas antiguas, tiene otros antecedentes en Cataluña, durante el siglo XV, sin los del Principe de Viana y del Condestable, pues sabemos por Lorenzo Vall, escritor contemporáneo de quien se vale Monfar, (*Historia de los Condes de Urgel*, t. II que es el X de la *Col. de doc. del Arch. de la Cor. de Arag.*, pag. 249) que el

bisabuelo materno de dicho Condestable, el Conde de Urgel D. Pedro, muerto en 1408 «*gustaba mucho de tener atesorado mucho dinero de oro y plata de diversos reinos y provincias, y esto en gran abundancia: teníalo en escritorios y arquillas, e tan apretados unos con otros, que era imposible poderlos sacar con las manos, porque los metia por fuerza, de canto y en ringlera, apretàndolos y entremetiéndolos con martillo.*» El mismo Monfar, en la pagina 309 de dicho tomo, repite: «*Tratando de las riquezas del conde don Pedro, refiere Laurencio Valla, autor casi contemporáneo suyo, que tenia en su tesoro monedas de diversas regiones y tierras y en tanta abundancia, que admiraba á los que las veian; y juzga aquel autor, que seria dinero muerto y sin provecho, por no ser todo moneda corriente; pero no era asi, antes era moneda muy ordinaria y usada en Cataluña, y habia en oro mas de cincuenta maneras y especies de ella, que aunque generalmente eran de este metal, pero diferenciábanse en muchas cosas las mas de las otras.*» — Tiénese asimismo noticia por el *Libre dels feyts darmes de Catalunya* que terminó, en 9 de Noviembre de 1420, Mossen Bernardo Boades, rector de Santa Maria de la villa de Blanes en cuyo capitulo 2.º (pagina 17 de la edicion de la *Biblioteca catalana* que públíca D. Mariano Aguiló) espone su deseo de escribir un libro en donde declararia entre otras cosas, *les infinides monedes quen tench aplegadcs de aquell temps* (de la época romana en tiempo de Marco Caton.) — D. Pedro, acuñó moneda durante su gobierno, de lo cual quedam aun algunos testimonios en los actuales monetarios de Cataluña. Al dueño de uno de estos mas escogidos, nuestro querido é ilustrado amigo D. Arturo Pedrals, recordamos haber entregado, tiempo atrás, para sus provechosísimos estudios numismáticos, una série de documentos inéditos que teniamos recogida relativos á la acuñacion de moneda en Barcelona, durante los reinados de los intrusos, Enrique de Castilla, Pedro de Portugal y Renato de Anjou.

III

TESTAMENTO

«*In Dei nomine* eterni salvatoris nostri Jesuchristi ac summe et individue trinitatis, patris, filii et spiritus sancti, amen. *Nos Petrus Dei gratia, Rex Aragonum,* Sicilie, Valencie, Maioricarum, Sardinie et Corsice, Comes Barchinone et cetera. *Quoniam* quidem mortales omnes hac communi conditione vitam ingrediuntur ut scilicet eis aliquando moriendum sit: nihilique certius aut magis exploratum vite hominum accidere potest, jussi namque ab eo cui vite mortisque summa potestas est: parere unumquemque oportet nec quisque omnium est qui eum casum effugere quoquo pacto possit. *Quamobrem* nos quanquam *gravi morbo oppressi ex quo convalere minime arbitramur,* integra tamen mente et firma persistente memoria atque voce nostrum huiusmodi *condimus testamentum.*

I. *In quoquidem eligimus* manumissores et huius nostri testamenti ac ultime voluntatis executores venerabilem in Christo patrem Cosmam Vicensem Episcopum Cancellarium, dilectosque Consiliarios, et fidelem familiarem, nostros Consiliarios Civitate Barchi-

none: quod ad ipsum magistratum seu officium referri volumus, Rodericum Valasci, Secretarium et Didacum Dazambuia custodem preciose supellectilis domus nostre quos omnes quo carius possimus *rogamus*, eisque *iniungimus*, ac plenam quidem *tribuimus* potestatem, quod si nos decedere contingerit prius quam aliud condiderimus testamentum, ipsi omnes vel eorum maior pars in absentia vel defectu reliquorum aut alicuius eorum, per nos in hoc presenti nostro testamento disposita et fieri mandata exequantur et compleant quo celerius fidelius et melius possint, modo per nos subscripto: super ea re eorum conscientias onerando.

II. *Deinde volumus et jubemus* quod si nos presenti morbo quod afficimur interire contingat, corpus nostrum *sepulture tradatur in ecclesia beate Marie de mari dicte Civitatis Barchinone in Capella videlicet maiori et principali ipsius Ecclesie:* ibique in alter utra parte que potior videbitur prope altare, *monumentum lapideum* paulum editum sive non multum altum locari, ac construi volumus *cum imaginibus lapideis:* ac in ipso vertice monumenti *simulacrum sive imaginem nostri corporis armati ex lapide ipso sculptam imponi.* Pro quoquidem monumento *volumus* ex nostro ere et bonis exolvi quadringentos quinquaginta pacificos auri valentes totidem libras barchinonenses si tot opus esse contingat.

III. *Item volumus, jubemus et ordinamus* celebrari pro anima nostra mille missas prout dictis manumissoribus videatur.

IIII. *Item legamus et dari volumus* Monasterio beate Marie de Victoria in Regno Portugallie quendam calicem aureum preciosis lapidibus adornatum, et quasdam etiam canadellas illi similes, quos nos habemus in bonis

nostris, adeo ut voluntati Serenissimi Infantis et domini domini Petri recolende memorie patris nostri carissimi satisfiat, cuius anima in pace requiescat: quosquidem calicem et canadellas illico eo deferri *volumus*.

V. *Item legamus et dari volumus* ex bonis nostris beate Marie de Benavila in dicto Regno Portugallie quingentos florenos auri et Sancto Spiritui de Alfama Lisbone ducentos florenos auri. Itaque fratri Petro de Tayde pagio nostro dilecto huiusmodi onus *imponimus* eumque *rogamus* uti predictos septingentos florenos auri quos per dictos manumissores nostros ei tradi *volumus* ad dictum Portugallie Regnum deferat, dictosque quingentos florenos auri in dilatanda et pulcre fabricari facienda Capella maiori ipsius ecclesie beate Marie de Benavila consumat et convertat. Reliquos vero ducentos florenos in faciendo quodam tecto in dicta Ecclesia Sancti Spiritus eodemque coperiendo sive empavimentando quo pulcrius fieri poterit et quarum ipsa peccunia sufficere poterit: distribuat et convertat. Et si quid ex peccunia eadem superserit: Id omne in aliquibus rebus ibidem necessariis per eumdem fratrem Petrum de Tayde consummi *volumus et jubemus*.

VI. *Item* quoniam nos dudum habuimus ex egregio affine nostro Dionisio de Portugalia mille florenos auri in auro quorum certam partem illi iam reddidimus: reliquum vero ex ipsis mille florenis etsi restituere illi minime tenemur ex eo quia ab ipso recepta sunt Dertuse certa jura quinti ex quibus nihil nobis dedit aut respondit, tamen si volente Deo ipsam Civitatem Dertusam a nostris subveniri contingat et ex ipsa famis oppressione qua inpresenciarum laborat liberari, *volumus et jubemus* quod in eo eam et non aliis ex quibusvis juribus in ipsa civitate nobis acquiritis et pertinen-

tibus exolvatur ipsi Dionisio reliquum ex dictis mille florenis. *Volumus* preterea *et jubemus dari* ipsi eidem Dionisio ex ere et bonis nostris centum pacificos auri et quendam equum nostrum *fobero* cum eius sella et freno: hoc enim illico dari illi *volumus* et ante quam vitam egrediamur.

VII. *Item volumus et jubemus dari* ex ere et bonis nostris predicto fratri Petro de Tayde illico et antequam vitam egrediamur quinquaginta pacificos et quendam equum nostrum vocatum *Siurana* cum sua sella et freno, preter preceptorias quas in Regno Portugallie illi dedimus.

VIII: *Item volumus et jubemus* quod Gilius de Tayde habeat et possideat jus nostrum regnemi de Carnaquidi in Regno Portugallie cum omnibus juribus et redditibus illius. Nihilominus *volumus et iubemus dari* eidem Gilio de Tayde ex ere et bonis nostris centum pacificos auri illico et ante quam nos e vita excedere contingat. Et si forte Magistratus noster de Avis ad manus Illustrissimi infantis Ferdinandi Portugallie, aut eius filius devenerit *rogamus* eum uti ipsi Gilio de Tayde in tinentiam concedat redditus Dalcomede et de Pernes in dicto Regno Portugallie.

VIIII. *Item volumus et ordinamus* quod dictus Didacus de Adzambuia unus ex dictis manumissoribus nostris retineat sibi Castrum de Montsoriu cuius inpresentiarum alcaydus sive capitaneus est, cum omnibus videlicet illius terminis et districtu, cumque omnibus et singulis redditibus et juribus de quoquidem castro et aliis predictis tamque de rebus nostris nobisque confiscatis et pertinentibus ob rebellionem et inobedientia Comitis de Modica cuius prius fuerant gratiam et donationem eidem Didaco dazambuia *facimus* tam amplam

tamque copiosam quam fieri et confici possit: heredem nostrum subscriptum in his regnis studiose rogantes uti donationem nostram huiusmodi acceptam et ratam habeat eamque confirmare et eadem de novo dare illi velit. Nihilominus *volumus et jubemus* dari eidem Didaco dazambuia illico et ante quam e vita discedamus centum pacificos auri: tametsi maiori quidem numere dignus est.

X. *Item volumus et jubemus* quod dilecto Consiliario et Prothonotario nostro Roderico Vitali cuius officia et servitia in nos precipua existunt detur vestis nostra status longa panni sirici rubei sive carmesini, forrata ex pellibus vulgo dictis *herminis* cum dicta eius forratura. Necnon etiam *volumus* dari eidem prothonotario nostro centum pacificos auri pro quodam *briali* faciendo uxori sue qua cum, nobis auctore, matrimonium contraxit: aut pro eo quod ipse voluerit ex nostro ere, et bonis illico et priusquam nos e vita discedere contingat, quandoquidem maiora multo illi debemus: cui satisfacere pro meritis in animo nobis est: si longior vita nobis ab ipso Deo concedetur.

XI. *Item volumus et jubemus* dari dilecto Consiliario et Secretario nostro Roderico Valasci, uni ex dictis manumissoribus nostris, tametsi maiora de nobis meritus est, vestem nostram nigram panni lane, forratam pellium vulgo dictarum *marts* cum dicta eius forratura, et centum pacificos quemadmodum dicto prothonotario nostro *dari jubemus,* illico videlicet et prius quam vitam egrediamur.

XII. *Item volumus et jubemus* dari nobili affini nostro Petro de Portugallia ex bonis nostris illico et antequam nos e vita decedere contingat centum pacificos auri.

XIII. *Item volumus et jubemus* quod Gaspari de Jorba, medico nostro, qui diligenter et assidue nobis servivit, detur illico et antequam nos vitam egredi contingat, unum vestitum ex nostris quod idoneum illi sit.

XIIII. *Item volumus et jubemus* quod Joanni de Tayde pagio nostro dentur equus noster vocatus *silva,* et quadraginta pacifici auri illico et antequam nos e vita migrare contingat.

XV. *Item volumus et jubemus* quod Joanni Vincencio librerio nostro, dentur mula nostra vocata *sentmenada* et quinquaginta pacifici auri illico et antequam vitam egrediamur.

XVI. *Item volumus et jubemus* fideli scribe portionis domus nostre Alfonso Dobydus, centum pacificos auri tametsi maiora illi debemus, et hoc illico et antequam nos decedere contingat.

XVII. *Item volumus et jubemus dari* fideli locumtenenti nostri thesaurarii Ferdinando Yanyes centum pacificos auri illico et antequam nos decedere contingat.

XVIII. *Item volumus et jubemus dari* subcavallericio nostro Ferdinando Alvarez mulam nostram vocatam *Coloma* et quadraginta pacificos auri illico et antequam nos decedere contingat.

XVIIII. *Item volumus et jubemus dari* Didaco Raposo centum pacificos auri quos ex bonis nostris illi legamus.

XX. *Item* eodem modo *volumus et jubemus dari* Vasco Freyre centum pacificos auri.

XXI. *Item volumus, ordinamus ac mandamus* eidem Vasco Freyre nunc capitaneo Castri de Gillida quare tradat et liberat dictum Castrum de Gillida, Francisco Bertrando de Gillida, domicello, domino qui dicitur

Castri ipsius cum omnibus rebus que intus dictum Castrum reperientur fuisse dicti Francisci Bertrandi. Necnon etiam restituantur eidem Francisco Bertrandi aliquot *balliste* que ex dicto Castro ad Castrum de Centelles, nunc Castrum regale vocatum delate fuerunt, *mandamus* namque alcaydo sive capitaneo Castri regalis ipsius quarum *ballistas* ipsas restituat eidem Francisco Bertrandi, et si dictus Vascus Freyre intromiserit in ipsum Castrum Gillide aliqua victuallia *volumus* eidem illi exolvi.

XXII. *Item volumus, ordinamus et jubemus* quod si Ferdinandus de Silva, nunc generalis Capitaneus in Emporitano manere voluerit in hoc regno et patria, in auxilium et defensionem nostrorum fidelium Cathalanorum, regat et utatur prefectura ipsa sive Capitania generali in Emporitano eo modo et forma quibus Capitania ipsa a nobis illi concessa est. Nihilominus habeat et possideat per se et eius filius masculi legitimis et naturalibus, cum conditionibus et retentionibus in aliis donationibus per nos factis ceteris exteris sive alienigenis appositis, quascumque terras et villas quorum vis rebellium et nobis inobedientium in ipso Emporitano constitutas, quas tamen nobis non retinuerimus, aut aliis iam non dederimus, aut que non fuerint aut sint regie Corone Aragonum aut Comitatus Emporiarum, quoniam de eiusmodi terris et villis (quas excepimus exceptis) *facimus* eidem Ferdinando de Silva amplam donationem et concessionem ut predicitur. Nostrum heredem predictum et subscriptum *rogamus* uti donationem huiusmodi ratam et gratam habeat.

XXIII. *Item volumus et ordinamus* quod si ii et omnes illi Capitanei aut eorum aliquis qui aut copiis sive gentibus armigeris, aut oppidis sive castellis pre-

fecti sunt, in hoc Regno et Patria manere voluerint, iisdem ipsis Capitaniis sive prefecturis utantur et eas exerceant, nec inde pellantur seu deponantur dum sese strenue et bene gesserint in prosequendo huiusmodi nostro incepto saluteque patrie.

XXIIII. *Item volumus, ordinamus et jubemus* quod si ante quam nos decedere contingat non faciemus aut non poterimus facere aliam explicationem aut magis specialem memoriam de familiaribus ac servitoribus nostris per dictos manumissores nostros recte consideratis personis ac serviciis eorum et presertim illorum qui in nostris serviciis assidui fuerunt: prima parte eorum qui in nostra Camera, in Capella, Cavallericia et aliis comunibus officiis domus nostre ministri et servientes continue affuerunt satisfiat eis et unicuique eorum ex bonis nostris ut melius fieri possit et prout facultates et opes nostres suppetent, judicio dictorum manumissorum nostrorum. Id namque eis precipuo oneri imponimus eorumque consciencias stringimus (1).

(1) Del infrascrito documento aparecen los nombres y oficios de los servidores y familiares que formaban la Cámara de D. Pedro: (A. M. de B. *Libro de la marmesoria del Rey D. Pedro de Portugal.* — 4 julio 1466). — Fernando Alvereç *sotacavall riçus* del rey firma ápoca de 58 libras 1 sueldo entregados en su presencia á los servidores siguientes:

Pagiis.	«Petro de Tayda	25 sols.	Diego lopez. ..	25 sols.	
	Johanni de Tayda	25 »	Johannis destremos	45 »	6 dins.
	A Cayros.......	45 »	Ffrancisco.....	31 »	
	A Monchada ..	45 »	Alvero Azedo..	15 »	
	A Pedro Valiero	25 »	A. Rodrigo anes.	25 »	
	A Planes, scola............	45 »	Salvatori.	25 »	
			Johanni roig ..	25 »	
			A Ffernan de ouro	20 »	

XXV. *Legamus preterea et volumus dari* uxori Joannis de Salt quondam militis ut heredi dicti viri sui ex certis iustis causis et quo animam nostram exoneremus, mille libras barchinonenses quas *volumus et jübemus illi dari* ex peccuniis nobis debitis pro peccuniis per nos consumptis seu bistractis in prosecutione belli. Et si id non suffecerit quod debitum est nobis ut predicitur *volumus* id quod defuerit: aut totum si omne aliud desit, exolvi ex bonis nostris.

XXV(bis). *Item volumus, ordinamus et jubemus* quod illi duo mille floreni, aut si eam summam non attingunt: quidquid a nobis ea ratione debeatur, quos Bartholomeus Sentiust, miles quondam nobis mutuavit, exolvantur eius uxori, aut quibus pertineant: quos solven-

et Steffano scolan de capelle dicti Regis...	45 sols.		Berengario.....	20 sols.	
A Travaschos .	25	»	Petro de Lisbona	20	»
A Sousa.......	25	»	Diego de figuera.	20	»
Ludovico lo catala.........	25	»	A Gil Fernan...	20	»
Ludovico lo portugués	25	»	A Fernan fernan.	20	»
et Petro Canes armerio	95	»	Jordio.........	40	»
Bartholomeu armerio	95	»	Johanni Miquel.	18	» 6 dins.
Bartholomeu Çavila porterio coquine	53	» 6 dins.	Petro blanchs..	20	»
Alvero periç, lo coch	45	»	Johanni negro..	20	»
			Augustino	35	»
			A Gil Negro ...	35	»
			Johanni martinez..........	20	»
			Al atzambler...	25	»
			Johannis de tayda qui tenebat canes	12	»
			et a Gil Fernan.	10	»

quam summam capiunt dictarum quinquaginta octo librarum et unius solidi, et hoc *pro suis quitationibus de toto mense junii proximo preterito*».

dos *assignamus* ac exolvi *volumus* supra, aut ex residuo illarum sexaginta mille librarum nobis olim super Generali Cathalonie assignatarum et ad bellum prosequendam premissarum, nobis debito. Ipse nanque conscii nobis sumus maiores multo quantitates nos in rebus bellicis expropriis facultatibus consumpsisse.

XXVI. *Item volumus et jubemus* quod ex eodem ipso residuo dictarum LX.[a] librarum persolvantur quecumque peccunie quantitates a nobis debite quibusvis personis tam per albarana manu nostra signata sive in illis certum et perfinitum sit tempus, sive incertum ad ipsam solutionem faciendam. Et tam per ea que simplici promissione continentur quam ea que et sponsione et fide nostra regia sint firmata. Ipsi nanque conscii nobis sumus ut supradictum est magis multo in rebus bellicis ex nostro ere consumpsisse.

XXVII. *Item volumus et jubemus* quod quecumque quantitates quas per scripta et legitima documenta a nobis deberi comperientur quasque plane solvere teneamur et obligati videantur tam ratione fabrice quam alterius opere ac serviciorum seu alia quamvis ratione constito recte dictis nostris manumisoribus aut ad eas solvendas teneamur necne illas ex bonis nostris quod dictos manumissores nostros persolvi volumus et jubemus.

XXVIII. *Item ordinamus, volumus et jubemus* quod capitula per nos concessa et firmata iis qui baroniam de Cintillis nunc Castrum regale vocatam incolunt, et ceteris etiam parrochiis in illis descriptis, omniaque ea ratione incoata et jam in rem deducta aliquo modo, teneantur et serventur inmolabiliter, tam ex debito, quam ut fides nostra regia firma persistat et inmolata.

XXVIIII. *Item animadvertentes* inclitum Filipum Navarra Illustrissimi Principis Karoli sancte memorie

filium affinem nostrum carissimum, omni ope et facultatibus ese destitutum: sed pro summo nostro in illum amore a nobis adhuc fuisse altum et educatum eumque alere et educare in animo nobis est, si adeo ipso facultas et gratia nobis concedatur. *Quamobrem volumus, ordinamus et jubemus* quare ex bonis fructibus et redditibus in Civitate Barchinone aut Principatu Cathalonie regie Curie pertinentibus tribuatur eidem inclito Filipo modus et facultas vivendi quoad valente Deo (si nos decedere contingat) in hoc Regnum sucessor advenerit aut alias illius sustentationum et vite consultum sit: Id enim ipsis nostris manumissoribus oneri imponimus.

XXX. *Item volumus et ordinamus* quod si Magistratus noster de Avis ad manus et potestatem Illustrissimi Infantis Ferdinandi Portugallie consanguinei fratris nostri carissimi pervenerit, *rogetur* idem Illustrissimi Infans quare dignetur concedere et comendare in tenenciam dilecto Consiliario et Secretario nostro Roderico Valasci manumissori predicto omnes redditus et jura Aldee de Ornadal, termini de Avis in Regno Portugallie predicto. Nihilominus etiam eiusdem Illustrissimum Infantem Ferdinandum vel maxime *rogamus* uti ex eo quia eidem Secretario nostro omnis honos debitus est, dignetur nostro intuitu concedere eisdem Secretario habitum militie et ordinis Sancti Jacobi de Spata cuius ipse Illustris Infans administrator est in dicto Regno Portugallie, necnon una cum habitu aliquam tenenciam illi concedere, quoad aliquam preceptoriam vaccare contingat idoneam que illi tribuatur.

XXXI. *Item volumus et ordinamus* quod Capitaneus Castellorum quos in Cathalonia prefecimus et constituimus exolvatur ex erario publico huius principatus

precium victualium et munitionem nostrarum quas in ipsis Castellis imponi fecimus. Nobis nanque placet facere et *facimus* gratiam ipsis prefectis seu Capitaneis de victualibus seu munitionibus predictis. Nihilominus *volumus* quod ex dicto erario publico solvantur unicuique ipsorum prefectorum seu capitaneorum in satisfaccionem laborum per eos in custodia dictorum castellorum passorum et sustentorum centum florenis. Que ubi observata illis fuerint eis uti bonis et fidelibus familiaribus alumnis et servitoribus *iniungimus et mandamus* ut castella ipsa tradant iis quibus res publica jubebit.

XXXII. *Item volumus et ordinamus* quod si Didacus Pratas, Capitaneus et castellanus Castelli predicti regalis prius dicti de Centellis manere voluerit in hoc Regno et terris, sit prefectus et Capitaneus Castelli predicti et baronie, eaque teneat et regat quemadmodum adhuc per nos tenuit et rexit: Dictum heredem nostrum *rogantes* ut ita ratum et acceptum habere velit. Nihilominus habeat et obtineat idem Didacus Pratas ea que a nobis illi data fuerint quemadmodum data sunt.

XXXIII. *Item* quoniam Ferdinandus Yanyes, locumtenens nostri Thesaurarii nostro nomine recepit administravit et consumpsit aliquot peccunie quantitates et alias res, de quibus adhuc computum aut rationem ultimam sive finalem minime dedit. Ad mentem tamen nostram revocantes, quod cum ipse Ferdinandus Yanyes olim ab hostibus in prelio quod apud Calafium habuimus captus fuit, iussu nostro quedam eius teca et omnia que intus erant capta fuerunt ubi erant scripture et alia ad reddendum rationem de per eum administrata necessaria et opportuna aut eorum magna pars quibus sublatis et deficientibus rectum computum et ratio per

eum dari minime posset. Nihilominus etiam quia nostro jussu et simplici verbo aliquot peccunie quantitates per illum dari et distribui mandavimus absque scriptura sive cautela manu nostra signata uti fieri consuevit. Attento etiam quisnam ipse est, et quo amore et fide nobis inservivit. Quamobrem *ordinamus, volumus et jubemus* quare eidem Ferdinandus Yanyes ad reddendum computum seu rationem aliquam de aliquibus peccuniis aut rebus nostris per eum nostro nomine receptis consumptis et administratis minime rogatur, aut requiratur, quinimo illum et eius heredes et successores liberos, quitios et inmunes *facimus et esse volumus.* Et si quid etiam reliquum nobis aut nostre Curie ab eodem Ferdinando reddendum esse, id omne illi *remittimus et relaxamus volumus que et jubemus* huiusmodi seriem diffinitionis et absolutionis vim habere.

XXXIIII. Et eodem modo *volumus et jubemus* intelligi de quibusvis officialibus domus nostre et aliis qui ratione suorum officiorum et qui etiam in nostra Camara et guardaraupa peccunias aliquas nostras administraverint ut scilicet ad reddendum computum seu rationem de eisdem minime cogantur compellantur aut requirantur nec ad ea obligentur, teneantur aut propterea molestentur quinimo eos et unumquemque ipsorum liberos, quitios, inmunes, et absolutos *facimus et haberi volumus* nostram super hac re conscientiam exonerantes, considerantes illorum fidem a nobis satis spectatam quidem, necnon officia ac servicia et sumptus et amissiones per aliquos eorum nostra causa et in nostro servitio sustentos et perlatos.

XXXV. Et quoniam nos de compluribus bonis hereditatibus et juribus rebellium et nobis inobedientium qui a nostra Regis et domini sui patrieque sue fidelitate

defecerunt, nobis nostreque Curie recte devolutis, confiscatis et pertinentibus gratias, concessiones et donationes fecimus aliquibus officialibus, alumnis et servitoribus nostris tam Cathalanis, Portugallensibus, Navarrensibus quam aliis extere nationis qui ipsis donationibus et gratiis digni sunt et eorum plerisque maiora multo debemus et obligati sumus: *Speramus* quod (si longior vita nobis concedatur) maioribus muneribus et gratiis in illos gratos fore. Quamobrem ex nostra certa scientia motuque proprio decernentes donationes et gratias ipsas ratas, validas atque firmas esse: supplentesque contextu huius omnes et quoscumque defectus si qui in illis sint, dictum heredem et alium quecumque legitimum sucessorem nostrum in his Regnis studiose et ex animo *rogamus* eique huiusmodi onus *imponimus* necnon etiam Deputatis Cathalonie generalis, Consiliariis Barchinone ceterisque regis officialibus superioribus et inferioribus ac judicibus quibusvis (si contrarium fieri contingat) culpe et peccato cedat, quare omnia et singula per nos ut predicitur donata et concessa rata et firma habeant donatariosque ipsos in sua possessione manuteneant ac rebus ipsis uti promitant. Et dictus successor noster donationes ac concessiones ipsas cum omni plenitudine confirmare velit.

XXXVI. Et pro executione omnium et singularium rerum supradictarum *volumus, ordinamus et jubemus* quod illico nobis vitafuncto predicti manumissores nostri aut eorum maior pars in absentia seu defectu aliorum propria auctoritate beneficio tamen inventarii mediante, capiant et apprehendant omnia et singula bona nostra mobilia, inmobilia, per se moventia ac jura universa tam censualia quam alia ubicumque sint et reperiantur, ea presertim que inpresentiarum apparent au-

rum videlicet argentum, tam in materie sive *massa* quam in opere et vasis et aliis rebus fabrefactis, peccunias, libros, margaritas, lapides preciosos, jocalia, pannos vulgo dictos *de ras* sive paramenti, tapeta, tapeceriam tam pannorum sirici, auri et argenti quam alias quascumque res et bona cuiusvis generis speciei aut modi sint, tam ad cultum, ornatum et venerationem nostre Capelle, quam persone et domus nostre accomodata, quomodocumque vocentur et nominentur. Necnon dicti manumissores aut deputandi ab eis tot ex dictis bonis et omnia si opus sit vendant et alienent plus offerentibus precio scilicet et personis ac peccunie quantitatibus de quibus eiusdem manumissoribus nostris bene visum fuerit. Dum tamen non fuit ea bona et res que nostro huiusmodi testamento particulariter et nominatim legamus ac dari mandamus aliquibus officialibus et servitoribus nostris. Que quidem res ac peccunie supradicte si ante quam nos emori contingat tradite illis non fuerint, uti animus et voluntas nostra est, *volumus et jubemus* tanque debita illis dentur et exolvantur, quorum quidem bonorum vendendorum ut predicitur, pretia sufficiant ad integram solutionem et satisfactionem omnium et singularum rerum debitorum et aliorum supra per nos legatorum ac dari mandatorum et ordinatorum. Aut si manumissores ipsi maluerint et melius videbitur: bona ipsa debite estimata iis quibus aliquid debitum sit peccunie loco tradant et distribuant. Et ipsis emptori seu emptoribus ac aliis predictorum acceptatoribus jura et acciones nostras cedant et mandet possessionemque corporalem seu quasi tradant, de evictione caveant et pro ipsa evictione et aliis pro littibus et expensis bona nostra obligent. Preciaque ac peccunie quantitates quas ex premissis perve-

nient, recipiant apocas, fines et cessiones omniaque alia et singula instrumenta venditionum et aliarum alienationum et alia que in contractu empti et venditi vel alius, alienationis fieri requirantur, faciant et firment, sub et cum illis remunerationibus, bonorum nostrorum obligationibus et aliis clausulis et cautelis ad predicta et eorum singula necessariis. Committendo super predictis omnibus et singulis dictis nostris manumissoribus plenarie vices nostras ac liberam et generalem administrationem cum plenissima facultate. Quequidem omnia et singula predicta exequi et compleri *volumus et jubemus* absque contradictione aliquo obstaculo aut impedimento heredis nostri subscripti aut alterius cuiusvis persone: eumdem heredem nostrum et alios ad quos attineat aut attinere possit rogantes et monentes uti executioni òmnium et singularum rerum predictarum aut alicuius illarum preiudicio impedimento aut obstaculo minime sint, directe vel indirecte quavis exquisita specie sive colore. Quod si contrarium fieri contingat: id omne culpe et peccato sibi ante Deum cedat. Quinimo omni ope ac effectu manumissores ipsos nostros facultate et potestate per nos eis ut prescribitur attributa et concessa exequendi et complendi omnia supradicta capiendique bona nostra predicta et ea vendendi et distrahendi aut ex eis quantum opus sit usque ad integram et plenam executionem omnium et singularum rerum que pro anime nostre salute peccatorum remissione et aliqua satisffactione quoad possumus eius quo obligamur et tenemur, a nobis jussa et mandata ac disposita sunt uti libere omnino serviant et promittant.

Item quoniam Serenissimus Rex Portugallie consanguineus frater noster carissimus non sine conscientie onere ac culpa occupavit redditus Magistratus nostri de

Avis: pro necessitudine tamen et pari educatione nostra: tum vero nostro in illum amore *volumus et probamus* illum ex onere ipso levari et absolvi. Itaque summo Pontifici et domino nostro *supplicamus* (1) uti quare ad se spectet id probet, et eundem Serenissimum Regem quocumque onere ac culpa ob eam rem commissa expediat levet et absolvat. Dum tamen idem Serenissimus Rex teneatur et obligetur satisffacere aliquibus alumnis ac servitoribus nostris in dicto Portugallie Regno degentibus: et si eos decedere contigerit, aliquibus aliis qui nostra causa vagi ac dispersi sunt pro eorum serviciis ac meritis ipsa satisfactio fiat. Nihilominus aliqua nostra in dicto Regno debita persolvere teneatur.

Et quoniam summo ipso et inmortali Deo teste (cum scilicet jus et justa successio horum Regnorum nota est) secundum ordinem sive lineam masculinam Illustrissimus Princeps Joannes, princeps et primogenitus Portugallie, filius Illustrissime donne Isabelis Regine Portugallie memorie gloriose carissime sororis nostre neptisque avi et avie nostrorum donni Jacobi de Aragonia Comitis Urgelli et Infantis donne Isabelis digni recordii illius uxoris ad quos recte hec regna seu eorum successio redibat, proximus nobis videtur. Quamobrem eidem Illustrissimo Principi Joanni sororis nostre filio jus nostrum in his Regnis quatenus in nobis est possumusque relinquimus ac in eum derivamos ipsumque Illustrissimum principem Joannem sororis nostre filium et post eius obitum illius filium vel filios, nepotes prenepotes et alios posteros eius et eorum masculini generis sive ordinis ex legitimo et carnali matrimonio pro-

(1) El Sumo pontifice que regia entonces la nave de la Iglesia era Paulo II.

creatos aut procreandos sobolis ac primogeniture ordine observato *heredem et heredes nostros universales* in Regnis nostris Aragonum, Sicilie, Valentie, Maioricarum, Sardinie, Corsice, Comitatibusque Barchinone, Rossilionis et Ceritanie ac aliis Comitatibus et insulis adiacentibus, et tandem in omni eo quod nobis et Regie Corone Aragonum debitum est et pertinet ac in omnibus et singulis aliis bonis et iuribus nostris *instituimus et ordinamus.* Quemquidem sororis filium et heredem nostrorum ex animo *rogamus et exhortamus* diligenter uti officiales, alumnos, et servitores nostros caros comendatosque habeat. Nequeuntes et enim nos illis pro meritis satisfacere, illius fidei eos *committimus* per huiusmodi testamentum: eos presertim qui integra fide et amore nos secuti sunt.

Hec est igitur ultima voluntas nostra quam valere *volumus* et tenere jure testamenti, quod si jure ipso testamenti minime valeret aut valere posset: valere eam *volumus* jure codicillorum aut nuncupativi vel alius cuiusvis ultime voluntatis et prout de jure valere possit et tenere: Cuiusquidem testamenti et ultime voluntatis legatorum et aliorum per nos dispositorum *volumus et jubemus* fieri tot codices sive originalia testamenta et clausularum copias per prothonotarium et Secretarium nostros ac notarios suscriptos, quod a dictis nostris manumissoribus heredibus et aliis quorum intersit petita fuerint ac fieri requirantur.

Quod est actum et firmatum *in villa Granullariorum Vallensis* in domo heredum Joannis de Montebovino et de Tagamanent quondam militis ubi inpresentiarum hospitamur in camera videlicet et in lecto ubi gravi morbo occupati iacemus *die XXVIIII° Junii* anno a nativitate domini *Millessimo CCCC°LXVI°.*

Testes vocati et rogati huius testamenti sunt magnifici et honorabili Frater Petrus Vaez claverius ordinis de Avis, magister Gaspar de Jorba fisicus, Frater Petrus de Tayde dicti ordinis de Avis, Joanis de T.ayde pagii, Joannes Vincencius librerius, Joannes Farinya et Petrus de Bayon cambrerii dicti domini Regis.»

INDICE